



Apenas
uma
Chance

C.A. HARMS

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



Apenas
uma
Chance

C.A. HARMS

C.A. HARMS

Apenas uma Chance

Tradução: Laira Tomaz

1ª Edição



GRUPO EDITORIAL

Five

2024

Porto Alegre

Apenas Uma Chance

Copyright © 2022 C.A. Harms

Copyright da Tradução © 2024 Editora Five

Todos os direitos reservados.

Produção Editorial: Grupo Editorial Five

Arte de Capa: C.A. Harms

Adaptação de Capa: Joy Design Editorial

Tradução: Laira Tomaz

Preparação e Revisão: EN Serviços Editoriais

Diagramação: Carol Dias

Imagens de diagramação: rawpixel.com/Freepik

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma — impresso, digital, áudio ou visual — sem a expressa autorização sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H288
Harms, C.A. Apenas Uma Chance [livro eletrônico] / C.A. Harms ; tradução Laira Tomaz. — 1. ed. — Porto Alegre, RS : Grupo Editorial Five, 2024. — (Série Ah Tequila... ; 1) ePub Título original: Just One Chance ISBN 978-65-85185-87-5 I. Ficção norte-americana I. Título. II. Série. CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

I. Ficção : Literatura norte-americana 813

Sumário

Início

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Epílogo

Agradecimentos

Sobre a autora

Sobre a Five

DEDICATÓRIA

*Independente do quão árduo o mundo seja, jamais deverá lhe faltar
doçura.*

— Bernardo Kath

PRÓLOGO

Ah, Tequila... você já me levou ao esquecimento tantas vezes. A um imenso estado de euforia, me deixando com a sensação de estar à deriva. Sem dificuldades, você fez com que tudo parecesse perfeito.

Você me ajudou a relaxar quando eu estava tenso.

Você me ajudou a lidar com muitas situações sobre as quais eu teria preferido ignorar.

Você e eu tínhamos um acordo. Você me daria apenas o que eu precisava e nunca abusaria disso. Você não invadiria minha vida a ponto de me fazer lamentar sua presença. Você seria reconhecida apenas por seu lado bom.

Mas, pela primeira vez, Tequila, você me decepcionou.

Você me deixou terrivelmente atordoado, e não consigo encontrar minha maldita carteira. Nem o pé esquerdo do meu sapato. Você deve estar se perguntando como é possível alguém perder o sapato.

Minha resposta: não tenho a menor ideia.

Só sei que, em um determinado momento, eu estava completamente vestido, incluindo os dois sapatos, calça e uma camisa.

Digamos que agora o zíper da minha calça está quebrado, falta uma manga na minha camisa e sinto a brisa leve passar pelo enorme buraco no lado esquerdo da minha cueca.

E tem apenas um sapato.

Estou com a cabeça explodindo de dor, Tequila, o que indica que você abusou de mim. Minha boca está com gosto daquilo que imagino ser gosto de bunda. E eu estou passando mal, muito mal.

Mas não posso culpar só você; tenho que incluir meus amigos também. Aqueles putos insistiram para que eu me soltasse.

Eles insistiam que para superar Britney, eu precisava ficar com outra mulher. Pelo visto, meu desânimo os irritava e estava na hora de dar uma nova função às minhas bolas. Palavras deles, não minhas.

Os caras da fraternidade são baderneiros e audaciosos. Os

idiotas não ligavam para nada. Eles viviam a vida universitária até as últimas consequências, mas até o momento, eu consegui manter a cabeça no lugar.

Isso chegou ao fim, imagino. Bastou uma noite para que eu me rebaixasse ao nível deles.

Aqueles idiotas me provocaram e me pressionaram até eu finalmente dar o braço a torcer e deixar rolar. Uma bebida atrás da outra, dose atrás de dose.

— *Você precisa de uma noitada para esquecê-la* — eles disseram.

— *Você precisa relaxar e se divertir* — eles disseram. — *Esqueça todos os seus problemas e aproveite a vida.*

Será que eu já posso dizer que não me recordo de porra nenhuma? Não estou gostando dos efeitos da minha noitada curtindo a vida.

Seria de se imaginar que a essa altura eu escutaria a voz que retumbava em minha cabeça, dizendo: *Eles sempre se metem em confusão. Fique longe do caos e da destruição.*

Toda vez era assim.

Mas não, eu concordei com seus planos de cair na gandaia e, agora, estou fodido, literalmente.

O pior disso tudo é que não lembro como cheguei onde estou agora. Não tenho nenhuma lembrança do que aconteceu assim que cheguei.

Sem contar que estou ficando assustado com a pessoa que está me encarando com um brilho no olhar. Também não estou gostando do seu sorriso desdenhoso. Ele faz meu estômago já revirado se contorcer ainda mais.

CAPÍTULO 1

Xavier

24 horas antes...

— Nós fizemos um sorteio, e Red será o sóbrio na festa de hoje à noite — Isaac, presidente da nossa fraternidade, anunciou ao lançar um olhar pela sala.

Todos os olhares se voltaram para Elijah quando ele se sentou, de braços cruzados, e nos encarou com um sorriso no rosto. Ele parecia muito satisfeito com o anúncio.

Corbin foi o primeiro a reclamar sobre nosso suposto babá da noite.

— Nem pensar, cara. Da última vez, esse idiota raspou minhas sobrancelhas depois que desmaiei no banheiro do andar de cima.

— Pelo menos ele não abaixou sua calça, colocou um enorme pênis de borracha roxo na sua mão e tirou fotos suas para compartilhar nas redes sociais — Clayton, irmão gêmeo de Corbin, murmurou. As risadas dos outros caras ecoaram pela sala, e Red continuou sentado no mesmo lugar, exibindo o mesmo sorriso presunçoso.

O olhar orgulhoso dele deixava claro que ele faria tudo de novo se tivesse oportunidade. Não havia nenhum arrependimento nele.

O cara adorava quando seu nome era o escolhido. Era quase possível ver seu cérebro trabalhando. As possibilidades eram infinitas.

Se fosse para ter a chance de nos torturar, ele escolheria ficar sóbrio em todas as festas. Elijah recebeu o nome Red por motivos óbvios. Seu cabelo.

Já viu um homem com cabelo afro e ruivo? Era um cabelo crespo, rebelde, e ele não fazia nada para arrumá-lo.

De qualquer forma, ele também já viveu sua quota de tortura.

Provocada por mim.

— Acho que Red provou do seu próprio veneno no mês passado — eu disse, a atenção de todos focada em mim. Elijah

semicerrou os olhos e a arrogância em seu rosto sumiu. — Demorou quanto tempo pra você descolar a mão da bunda, Red?

— Vá se foder — ele murmurou, e mais uma vez, todos riram. Só que dessa vez, o motivo da graça era a pessoa responsável por torturar cada um de nós.

Ainda assim, eu tinha a sensação de que estava chegando a hora de ele me dar o troco.

Talvez eu não devesse ter colado a mão dele em sua bunda pelada. Mas foi engraçado vê-lo tentar removê-la enquanto o resto de nós gargalhava. Mesmo quando ele implorou para que o ajudássemos, nós decidimos cruzar os braços e assistir ao espetáculo.

Red ainda me encarava, e quase pude ouvir seus pensamentos agitados.

— Fiquei semanas com feridas na bunda depois daquilo — ele resmungou.

— Eu falei para você parar de puxar a mão. — Mantive a expressão serena enquanto todos ao nosso redor continuavam rindo e cochichando. — Também te falei que era recomendado usar removedor de esmalte ou água para tirar a cola.

— É, eu sei, mas nenhum de vocês me deu nada disso, e é quase impossível abotoar a calça com a mão colada na bunda para ir à farmácia. Colocar a camisa é pior ainda. — Mais risadas irromperam. — Debi e Loide usavam os dois banheiros, aparentemente estavam com caganeira. Então como eu poderia colocar a bunda na água?

Corbin e Clayton riam mais do que qualquer um. Tenho certeza de que tinha a ver com o fato de que nenhum deles precisava usar o banheiro naquela manhã; eles só não queriam dividi-lo com Red.

O jeito que Elijah me olhava só confirmava que eu estava cutucando a onça com vara curta. Estava lhe dando mais motivos para me atacar. Eu deveria ter parado, mas era divertido demais.

— Mas a sra. Frankie te ajudou — falei, escondendo meu sorriso vitorioso.

Frankie Lester era a nossa diarista de quarenta e nove anos. Ela gostava de Red. Acho que era por causa do cabelo.

Eu ri, me lembrando da vez em que a encontrei alisando-o com os dedos enquanto ele dormia na cadeira. Não havia ninguém por perto enquanto eu espiava, observando a maneira que seus olhos brilhavam toda vez que ela acariciava a cabeça dele.

— Ela ficou muito feliz em pegar a acetona e resolver seu problema — comentei, me recostando na cadeira.

As bochechas de Elijah ficaram vermelhas, e eu tinha certeza de que não era só constrangimento. O cara estava ficando puto.

Naquele dia, nós ficamos à toa, rindo e nos esquivando dos

socos de Elijah enquanto a sra. Frankie usava os dedos para passar acetona em sua bunda. Ela dizia que tinha que fazer aquilo devagar para não machucá-la.

A senhora praticamente salivava.

Algo me dizia que eu tinha acabado de garantir uma noite dos infernos. O olhar de Red era a confirmação que eu precisava. Eu sabia que ele já estava pensando em alguma forma de vingança.

Mas eu não poderia deixá-lo ver minha preocupação.

Eu me manteria um passo à frente.

CAPÍTULO 2

Morgan

Eu trabalhava demais.

Sabia disso.

Tinha dezenove anos e morava sozinha. Pagava a minha própria faculdade; no caso, as poucas disciplinas que eu conseguia bancar. Estava ciente de que nesse ritmo eu demoraria o dobro do tempo para receber meu diploma, mas no fim, valeria a pena.

Vi minha família passar por dificuldades por muito tempo.

Meu pai enfrentava duas jornadas de trabalho para conseguir pagar as contas, e minha mãe ficava em casa com meu irmão, Toby.

Meu irmão caçula exigia muita atenção e muita fisioterapia.

Algo que também exigia muito dinheiro.

Toby tinha paralisia cerebral e vivia uma vida de dificuldades.

Ele estava preso a uma cadeira de rodas e, embora parecesse para alguns que sua rotina diária não o afetava, eu podia garantir que ele estava bem ciente de tudo. Certas coisas o incomodavam, e ele sabia que era diferente apesar daqueles que o amavam não o tratarem desse jeito. Ele é nossa criança especial; um menino doce e feliz na maior parte do tempo.

E mesmo quando ele não se sentia assim, nós demonstrávamos nosso amor com ainda mais afinho para que ele visse que independente de qualquer coisa, nós estaríamos sempre ao seu lado.

Para mim, pedir ajuda aos meus pais era como arrancar o que era dele. E eu nunca faria isso.

Portanto, trabalhar demais, agir como uma pessoa adulta quando todos ao meu redor agiam como típicos estudantes universitários de dezenove anos, era uma obrigação.

Mas hoje, eu estava deixando minha responsabilidade de lado.

Soltei o cabelo, vesti uma roupa sexy e fui para a festa de uma fraternidade pela primeira vez.

Foi preciso persuasão e muita perturbação por parte do meu melhor amigo, Marcus, mas acabei concordando.

Eu só esperava não passar muita vergonha.

Já disse que odeio festas?

Homens bêbados e mulheres mais bêbadas ainda, grudados um ao outro com a dignidade indo para o espaço enquanto se esfregavam na frente de todo mundo. Estremeci só de pensar.

Cheiro de bebida alcoólica e suor dentro de uma casa abarrotada de estudantes; música alta e pulsante, e aquelas garotas que iam para o meio da sala e a transformava em seu palco particular. Elas me tiravam do sério.

Elas queriam ser o centro das atenções, isso sim. Essas mulheres achavam que todos os olhares tinham que estar fixos nelas.

Você já teve vontade de jogar um saco de bolinhas de gude no chão, perto de alguém, e continuar andando? Ou até mesmo tachinhas?

Eu já. Até imaginei a cena. Sorri ao imaginá-las caindo no chão, gritando. Braços e pernas voando para todos os lados ao baterem com as bundas no chão.

Aposto que isso chamaria a atenção de todos.

Ri comigo mesma ao revirar meus sapatos no *closet*, procurando minha outra bota de camurça.

— Está rindo do quê? — ouvi Marcus perguntar atrás de mim. Não me dei ao trabalho de me virar para encará-lo. Continuei minha busca pela bota que completaria meu visual.

— Nada — falei assim que avistei a bota marrom clara com um trançado de camurça.

— Começou a beber antes da hora? — ele perguntou, recuando quando me virei para olhá-lo. Eu tinha certeza de que carregava um olhar enlouquecido no rosto, muito feliz por ter encontrado o tesouro que estava procurando. Balancei a bota que segurava, demonstrando minha empolgação, mas ele franziu a testa, confuso. — Ou passou a usar outras substâncias que desconheço?

— Tá legal, seu engraçadinho. Se quer saber, eu estava imaginando táticas de tortura para as fulaninhas dessas festas estúpidas. — Me sentei na beirada da cama e levantei a perna, ignorando o fato de que estava de saia. Marcus não tinha interesse em mim nem em qualquer outra mulher.

— Fulaninhas? — perguntou, encostando-se na cômoda com os braços cruzados. Isso fez seus músculos flexionarem.

Se Marcus não fosse gay, eu o deixaria todo eriçado da melhor maneira possível.

Já disse que meu melhor amigo era um gato? Tipo, muito gato.

— Sim — continuei, afastando aquela ideia sobre molestar meu melhor amigo. — Aquelas descaradas que me deixam maluca.

— A maioria das mulheres te deixa maluca — ele corrigiu.

Tentei parecer ofendida, mas era verdade.

— Deixa mesmo — falei com um sorriso.

As mulheres eram traiçoeiras e preconceituosas, e eu fazia de tudo para evitar amizades com pessoas do mesmo sexo. Elas eram invejosas, por isso eu tinha dificuldade em me relacionar com outras mulheres.

Eu não me queixava.

Não estava à procura de alguém para me mimar ou me dar atenção. Esse tipo de coisa me enervava.

Eu era uma pessoa que sabia o que queria. Não era do tipo que ficava de braços cruzados para fofocar depois. Se eu tivesse algo a dizer, diria na cara da pessoa, e não para aqueles que eram próximos dela.

— É por isso que eu te amo, Marcus. Você não fica choramingando e não espera que eu seja toda carinhosa e compreensiva. — Dei de ombros. — Posso ser chata, mas você não me julga por isso.

— É porque eu também sou chato — ele disse, afastando-se da cômoda e seguindo em direção à porta. — Anda logo. Toby está esperando o sorvete dele.

Ele sai, me deixando com um sorriso no rosto.

Marcus era meu melhor amigo desde que eu tinha nove anos de idade. Ele se mudou para a casa ao lado da minha, mas em vez de fazerem amizade com ele, a maioria das crianças só soube provocá-lo desde o início. As crianças conseguiam ser bem babacas às vezes. Elas se recusaram a dar uma chance para que ele se adaptasse. Então, em vez de agir como elas, eu me distanciei e passei todo o meu tempo com Marcus.

No fim, ele se tornou parte da minha família, e eu, parte da dele.

Ele amava meu irmão como se fosse dele, e todos os sábados fazia questão de que levássemos para Toby seu sorvete favorito de Oreo.

Marcus era o máximo.

CAPÍTULO 3

Xavier

— Jay! — grito, correndo em direção a ele. — Está fazendo o que aí?

Ele estava meio pendurado na sacada com vista para a sala logo abaixo, com um globo espelhado pendurado na mão enquanto tentava prendê-lo no lustre que pendia do teto.

— Eu preciso... — ele começa a dizer, se esticando um pouco mais. — Preciso prender isto aqui. — Por instinto, agarrei suas pernas quando ele se esticou.

— Seu otário, a única coisa que vai conseguir fazer é cair e quebrar o pescoço — falei. Eu me recusava a soltar suas pernas.

— Consegui — ele disse, tombando com o corpo sobre mim. O movimento inesperado me fez tropeçar, e ele cai na mesma direção logo depois.

Olho para trás no momento em que atingi algo parecido com uma parede. E é claro que era Elijah, parado de braços cruzados, nos observando com um olhar de surpresa.

— Vocês querem um pouco de privacidade? — ele pergunta, seu olhar voltado unicamente para mim.

É, o irritei mesmo quando mencionei a Sra. Frankie mais cedo. Deveria estar com medo, mas não estava. Podem me achar um idiota — eu sabia que era um masoquista — mas adorava tirá-lo do sério. Às vezes, essa era a melhor parte do meu dia.

— Não, não é necessário, mas Frankie está lá embaixo; ela já perguntou por você — respondi, me ajeitando depois de ter caído em cima dele. — Ela disse alguma coisa sobre uma pomada ótima que encontrou para cicatrizes. Acho que ela quer brincar um pouco mais com a sua bunda. Massageá-la com cuidado e bem devagar. — Arqueei as sobrancelhas, jurando que o cara tinha rosnado.

— O que acha de eu quebrar a sua cara? — zombou.

Eu tentei não rir, mas foi complicado. Não tive tempo de correr depois que abri um sorriso. Eu deveria ter me planejado melhor,

considerando que havia uma sacada atrás de mim e uma parede de músculos na minha frente.

Só havia dois lados para ir. Eu deveria ter escolhido a sacada.

Não sou um cara pequeno, mas se comparado ao Red, tenho só metade do seu tamanho.

Em poucos segundos, fui erguido e jogado sobre seu ombro. Eu deveria ter tentado me desvencilhar, mas só sabia rir.

Foi ainda mais difícil segurar o riso em meio aos olhares curiosos e confusos que recebi enquanto ele descia as escadas, passava pela casa e saía pela porta dos fundos.

— Qual é, cara, eu só estava brincando — tentei voltar atrás. Mas, sinceramente, eu não estava nem um pouco arrependido. — Eu sei o quanto a sra. Frankie ama a sua bunda.

Red ficou quieto. Apenas me ergueu mais uma vez e me jogou dentro da piscina.

Saí da água engasgando e cuspiendo porque era um idiota que não parou de gargalhar nem depois que caiu na piscina.

Todos os caras da fraternidade formaram uma plateia para acompanhar a confusão.

— Morda a sua língua para falar sobre a minha bunda e a sra. Frankie — Elijah disse, irritado.

— Não sabia que você era tão sensível em relação a ela. — Sorri, ciente de que deveria parar, mas sendo quem eu era, não consegui. — Querer defender sua namorada é completamente normal.

— Xavier! — Red urrou, irado. Ele já não estava mais com os braços cruzados, assumiu uma postura de ataque que todos esperavam de Elijah. — Continue com essa merda e Isaac terá que ligar para sua casa para avisar a sua mamãezinha e ao seu papaizinho que eu matei o babaca do filho deles.

— Mas você seria preso por assassinato e não poderia ver sua mulher — acrescentei, indo para o outro lado da piscina. Ele se aproximou. — Espere — falei, erguendo a mão e abrindo um sorriso ainda mais largo. — Visitas íntimas — disse. — É isso o que você quer. Que sexy.

Um grunhido grave, ruidoso e desagradável escapou de Red e ecoou pelo quintal. Pouco antes de ele mergulhar na piscina, eu me movi apressado para o lado oposto para escapar de sua ira.

— A sua hora está chegando, babaca! — ele gritou enquanto eu corria pelo quintal, indo em direção à casa.

— Eu não vou te salvar quando ele decidir se vingar — Isaac me garantiu assim que passei por ele, deixando um rastro de água atrás de mim. — Você está sozinho nessa.

Joguei a mão para o alto e gesticulei como se não me importasse.

— Não preciso de ajuda. Deixa comigo.

Mas, no fundo, eu comecei a achar que tinha ido um pouco longe demais ao provocar Red. Ficar bêbado na presença dele esta noite era pedir para acontecer muita merda.

CAPÍTULO 4

Morgan

Toby ficou todo animado quando Marcus lhe entregou uma tigela cheia de sorvete.

Ninguém se incomodou por ele ter colocado a boca direto na tigela, sem querer esperar por uma colher. Pelo contrário, nós rimos, e ele também riu ao levantar a cabeça para exibir o rosto lambuzado.

— Não está gelado? — perguntei.

Seu sorriso era enorme e travesso quando ele balançou a cabeça e fez tudo de novo.

A essa altura, minha mãe já estava acostumada com seus modos imprevisíveis; ela não se surpreendia mais. Simplesmente colocou a colher com cabo de borracha ao lado da tigela de Toby e ignorou o fato de que ele não deu sinais de que a pegaria.

— Vocês têm planos para esta noite? — perguntou, sentando-se à mesa, na única cadeira que ainda restava.

Ela parecia cansada, e por um momento, eu apenas olhei para ela. Queria que houvesse algo que eu pudesse fazer. Uma forma de aliviar um pouco do estresse que ela e meu pai sentiam.

— Obriguei sua filha a sair hoje à noite — Marcus disse, fazendo com que eu me concentrasse no presente em vez de me distrair com fantasias. — Ela não teve uma noite de folga desde que começou a trabalhar no *Sub Shop*, então vou fazer com que tire proveito disso.

Ele parecia muito satisfeito consigo mesmo.

— Pois é, está me obrigando a ir numa festa da faculdade — falei, torcendo o nariz e arrancando uma risada da minha mãe.

— Marcus... — Ela lutou contra um sorriso que eu sabia que queria abrir e tentou manter aquele olhar maternal que exibia com tanta frequência. Marcus era como se fosse seu filho. — Nós dois sabemos que Morgan odeia festas. Você vai cuidar dela?

— Sim — ele respondeu, sem hesitar. — Vou garantir que ninguém se meta com ela. Mas acho, de verdade, que ela precisa

relaxar um pouco. Nós sabemos que não deve ser nada confortável andar com o nariz empinado o tempo todo.

Naquele momento, minha mãe já não tinha mais esperança de segurar o riso. Eu lancei um olhar penetrante para eles e imaginei a hora em que veriam o que era bom pra tosse.

— Vocês são ridículos — falei, me aproximando de Toby. — Você me acha uma pessoa difícil? — perguntei. Ele se afastou do sorvete e assentiu, concordando com os outros dois. — Toby — eu disse, tentando parecer ofendida. — Pensei que você estivesse do meu lado.

Ele riu, Marcus riu, e minha mãe se recostou com um olhar divertido no rosto. Ele lhe caía bem. Naquele momento, tentei não esquecer de marcar um dia para passarmos juntas.

Marcus poderia ficar com Toby se meu pai estivesse no trabalho. Eu sabia que ele ficaria.



Primeiro, nós passamos de carro em frente à república onde a festa estava rolando. Foi só uma passadinha para ter uma noção do que estava por vir. Tinha muita gente esmagada uma na outra na varanda da frente. Risadas, falatórios e uns... bem, digamos apenas que algumas pessoas precisavam procurar um lugar mais reservado. De preferência com uma porta bem firme para esconder suas coisas do resto do mundo.

— Está pronta para se divertir? — Marcus perguntou, desviando minha atenção da casa.

Ele riu, só então percebi que eu estava fazendo cara de nojo.

— Como é que alguém se prepara para isso? — perguntei, apontando para trás, em direção à casa. — Sério, um filme bom e tranquilo parece ser muito melhor que... — Gesticulei, incapaz de pensar numa palavra para descrever o que acontecia atrás de mim.

— Você é tão puritana — ele disse, balançando a cabeça enquanto procurava um lugar para estacionar.

— Não é isso, sou apenas alérgica a gente idiota — respondi em minha defesa. — E algo me diz que lá tem muita gente assim.

Apontei para trás mais uma vez.

Ele não me respondeu; não tentou retrucar com nenhum tipo de comentário engraçadinho. Simplesmente estacionou e tirou a chave da ignição.

Espantada, continuei sentada quando ele saiu do carro, fechou a porta e começou a atravessar a rua, me deixando para trás.

— Ei! — gritei ao abrir a porta. Ele não parou. — Babaca! — gritei um pouco mais alto, e cinco caras se viraram em minha direção.

É, vamos à festa.

Uma festa cheia de homens que respondiam aos outros chamando-os de “otários”. Que bacana. Eu tremia só de pensar no que a noite reservava.

Saí do carro lentamente e atravessei a rua, correndo para alcançar Marcus. Assim que o alcancei, me aproximei de seu corpo para andarmos de braços dados.

— Me prometa que você vai se divertir um pouco — ele disse ao me levar para a varanda. Ignorei os olhares curiosos daqueles ao nosso redor, focada em dar um passo de cada vez. — Você nunca relaxa, e isso é algo que precisa fazer de vez em quando. Caso contrário, será uma velha que viverá na seca e não terá amigos na terceira idade.

— Bela analogia. — Revirei os olhos assim que entramos.

— Não estou de brincadeira. Relaxe e seja uma jovem adulta ao menos uma vez. Eu sei que as coisas são difíceis. E sei que você tem muito com que se preocupar, mas dá para você relaxar só hoje? Esqueça todo o resto e aja como uma pessoa da sua idade por uma noite.

Ergui a cabeça e me dei conta de que ele falava muito sério.

Marcus e eu fazíamos muita palhaçada. Mas este era um daqueles momentos em que ele não estava de bobeira.

— Ok — eu disse, batendo meu quadril contra o dele. — Vou me divertir.

— Promete?

— Sim — respondi, ficando toda tensa e chegando mais perto dele. Era como se eu buscasse proteção contra minha situação atual. — Vou tentar ignorar o fato de que tem uma mão na minha bunda neste momento, e ela não deveria estar ali — falei, com os dentes cerrados.

Marcus olhou atrás de mim, e eu vi que ele lutava contra um sorriso.

— Você já imaginou como seria ficar com outra mulher? — perguntou. Arregalei os olhos um pouco mais quando a mão apertou minha bunda e outra começou a envolver minha cintura.

— Faça isso parar. — Eu o encarei, furiosa. — Senão juro por Deus que vou me virar e... — Fui interrompida assim que ele me puxou e me levou para o outro lado, bem longe da Pegajosa.

Respirei fundo para me acalmar, lembrando o que eu tinha prometido ao Marcus há apenas alguns minutos.

Diversão.

Que eu relaxaria.

Continuei repetindo isso na minha cabeça quando aceitei a bebida de aparência rosada que Marcus me entregou, bebendo metade

do conteúdo em um único gole.

— Traga mais — falei ao abaixar o copo por alguns instantes antes de levantar a bebida outra vez e terminá-la rapidamente.

CAPÍTULO 5

Xavier

Eu estava bem ciente de que Red me observava do outro lado da sala. Quando eu me mexia, ele se mexia também.

Sabia que ele esperava o momento certo para se vingar da tortura que o fiz passar o dia inteiro. Por esse motivo, tomei a mesma cerveja lentamente por uma hora.

Eu tinha esperança de que ele tivesse encontrado outra distração a essa altura. Mas o único culpado era eu. Eu o provoquei. O que fazer quando você já sabe que está ferrado de qualquer jeito?

Você implica um pouco mais.

Ergui minha cerveja e a apontei em direção a Elijah, e quando tive certeza de que seu olhar estava fixo em mim, pisquei e lhe mandei um beijo.

Era bom demais implicar com ele.

À medida que a festa rolava, percebi que estava ficando entediado. Só então me dei conta de que nem sempre era Britney que me mantinha longe das festas. Eu só preferia ficar com ela do que participar dessas merdas.

Não me leve a mal, eu me divertia com os caras, mas não era fã de festas.

Meu pai e minha mãe me criaram sabendo da importância da vida. Eles nunca bebiam. Nós sempre passávamos nossas noites fazendo coisas em família. Meu irmão e minha irmã eram mais novos que eu, então sempre incentivei os jogos de tabuleiro e programas em família.

Depois de um tempo, comecei a ansiar por essas coisas.

Ficar em casa, relaxando.

Melhor do que acordar no dia seguinte após uma festa me sentindo um otário, incapaz de lembrar o que aconteceu na noite anterior.

— Já devolveram seus colhões? — Eu olhei para minha esquerda e vi Corbin sorrindo para mim. Ele sabia ser esquisito às

vezes.

Mas antes que eu pudesse dizer algo, Clayton respondeu por mim.

— Duvido. Ele deu uma chacoalhada lá, mas ainda estão em falta. — Tanto ele quanto Corbin riram. Eles se achavam os comediantes.

Eu estava prestes a provocar Clayton, falando sobre suas fotos com o pênis de borracha, quando escutei uma risada que reconheci. Uma risada que ouvi todos os dias por pouco mais de um ano, mas que agora me irritava.

Clayton parou de rir, e eu o ouvi soltar um “ai, caralho” em voz baixa.

“Ai, caralho” era bem apropriado.

Logo imaginei o que Britney estava tramando, mas então lembrei com quem eu estava lidando, e na mesma hora minha ficha caiu. Ela era uma chata dissimulada. Amava chamar atenção e faria qualquer coisa para conquistá-la, inclusive, aparecer em uma festa na minha casa com seu novo brinquedinho.

O idiota que ela considerava ser capaz de lhe oferecer mais do que eu. Ou melhor, o idiota que tinha pais que poderiam bancá-la.

Wade Richards, cara bonito, tentando dar uma de durão. Seu pai era um advogado de sucesso e sua mãe era uma cirurgiã plástica muito requisitada que viajava o mundo — até trabalhava para algumas atrizes e atores famosos de Hollywood.

Britney adorava a ideia de ser usada como um troféu. Então, o fato de que meu pai era um homem simples e trabalhador, e minha mãe, professora, não a impressionava.

Ela olhou para mim e se enroscou um pouco mais em Wade. Naquele momento, eu fiquei sem saber o que vi nela.

Ela parecia uma piranha com aquele short-saia.

— Não a deixe manipular você, X — Corbin disse, segurando meu ombro.

— Isso não está nos meus planos. — Ergui minha cerveja e desviei o olhar. — Me prometeram uma noite muito louca. Quando é que a loucura vai começar?

Eu não permitiria que ela estragasse minha diversão. Sabia quais eram suas intenções. Ela nunca quis ir à festas quando estávamos juntos, então sua presença aqui fazia parte de algum joguinho doentio que ela tinha planejado.

E eu não estava para brincadeiras.

Com ela, nunca houve amor, apenas conveniência e, agora, só havia aborrecimento.

— Vou te levar ao outro cômodo, meu amigo. — Clayton pôs a mão sobre o meu ombro e me levou para a sala íntima. Ela tinha sido

convertida em uma sala de jogos. E quando digo jogos, quero dizer poker, *beer pong* e várias outras coisas loucas que os estudantes inventavam nas festas.

Havia muito barulho e agitação na sala, tudo o que eu precisava para me conformar com o que aquela noite reservava.



Virei o meu copo de cabeça para baixo e olhei para a loira que estava do outro lado da mesa. Ela me lançava um olhar que chamou minha atenção. Não era carente nem malicioso, era um olhar que dizia: “Não estou nem um pouco impressionada, mas vou jogar para ver até onde isso vai.

Algo em sua expressão desafiadora fez meu coração acelerar. Eu percebi que gostava da emoção eletrizante que ela provocava.

— Eu nunca me masturbei assistindo filme pornô — um cara disse à minha esquerda, mas eu continuei observando a loira. Levantei o copo que estava na minha frente lentamente e o virei num gole rápido antes de voltar a encará-la. Só então notei que o copo dela também estava vazio.

Senti meu pau endurecer ao imaginá-la deitada em sua cama, com filme pornô passando na televisão, a luz iluminando seu corpo. Sua mão enfiada entre as pernas enquanto ela gemia, mordendo o lábio.

Notei o sorriso em seu rosto e me vi pensando se ela também imaginava a mesma coisa, mas comigo deitado na cama.

— Eu nunca usei um utensílio doméstico como brinquedo sexual — uma garota disse, e eu esperei para ver qual seria a reação da loira. Ela levou o copo à boca lentamente e sorriu ao encostá-lo nos lábios. Ela tinha plena consciência de que recebia toda minha atenção.

Ninguém me faria acreditar que ela não estava gostando disso tanto quanto eu.

Ela virou o shot e lambeu o lábio ao abaixá-lo, me olhando de novo.

Agora era a vez dela de falar, e fiquei ansioso para saber o que diria.

— Eu nunca transei com alguém que acabei de conhecer.

Eu gemi. Tenho que admitir.

Gemi, cacete. E o que ela fez? Continuou me encarando, esperando para ver minha resposta à pergunta que eu sabia ter sido dirigida a mim em forma de uma brincadeira maluca.

Se eu já tinha transado? Sim.

Mas eu conhecia as mulheres.

Então, respondendo à pergunta, eu nunca transei com uma

mulher que acabei de conhecer, mas estava muito disposto a mudar isso.

Torci para que ela também não tivesse vivido nada assim. E fiquei aliviado quando ela não ergueu o copo.

Trocamos alguns olhares intensos, sem palavras, apenas curiosidade.

— Eu nunca transei com irmãos gêmeos.

Pela primeira vez, eu desviei o olhar da loira e olhei para Corbin, que olhava para as garotas à nossa volta cheio de esperança.

Percebi que meus pensamentos vagavam por um território onde não queria me aventurar, mas não consegui me conter.

Os gêmeos se cumprimentaram com uma espécie de soco com os punhos assim que uma garota pegou o copo e virou o shot. Quando terminou, encarou os irmãos, e eu soube naquele momento que a noite deles estava decidida.

Isso não era certo. Com essa bizarrice rolando entre os gêmeos, fiquei feliz por ter algo para me distrair.

CAPÍTULO 6

Morgan

— Você o conhece? — Marcus se aproximou, sussurrando em meu ouvido.

A reação que sua proximidade provocou no Cara Misterioso me fez sorrir. Aparentemente, ele não se impressionou com Marcus e sua proximidade. No geral, eu achava esse tipo de coisa irritante, mas naquele momento aguçou meu interesse. Algo em sua antipatia ao ver outro homem me dando atenção era envolvente.

— Não — respondi, sem desviar o olhar do cara. Ele mal tirou os olhos de mim desde que começamos essa brincadeira boba de perguntas, e eu percebi que estava adorando isso.

— Parece que ele quer conhecer você — Marcus acrescentou, e pelo seu tom de voz, dava para ver que ele aprovava. O gemido de aprovação que deixou escapar me fez sorrir.

Marcus estava sempre apontando homens bonitos para mim. Ele me dizia coisas do tipo: “aposto que ele abalaria suas estruturas” e “olha aquela bunda”. Ao que parecia, ele me achava pouco atirada, por isso sentia a necessidade de me instigar.

O Cara Misterioso, foi assim que decidi chamá-lo por enquanto, era muito bonito. Alto, do jeito que eu gostava, e cabelos escuros compridos o bastante para que eu os puxasse quando ele estivesse fazendo obscenidades comigo.

Fiquei toda excitada só de pensar naquelas coisas.

Só então percebi que os shots que tomei estavam começando a fazer efeito.

Ele estava me observando atentamente há um bom tempo. A cada pergunta feita, uma parte do mistério era desvendada.

Ele era experiente, mas não tão experiente assim. Havia muito a ser explorado.

Gostei da ideia.

— Então que pergunta foi aquela? — Marcus falou de novo, e senti um calor tomar conta da minha nuca e das minhas bochechas.

Eu não costumava beber, mas descobri que a bebida me deixava mais audaciosa e, aparentemente, cheia de tesão.

— Morgan? — Desviei o olhar do cara e encarei Marcus. — A pergunta? — ele disse outra vez, um lembrete de que eu ainda não havia respondido.

— Que pergunta? — falei como se não tivesse entendido. Mas eu entendi.

— Você sabe muito bem a que pergunta estou me referindo — ele respondeu, testando minha determinação. — Aquela sobre transar com alguém que você acabou de conhecer. — Ele não me deixaria fugir do assunto.

— Ah, *aquela* pergunta. — Dei de ombros. — Você insistiu para que eu me divertisse um pouco. Ele é a cara da diversão — falei, encarando-o com um olhar sugestivo.

— Querida, ele tem cara de ser muito divertido — Marcus me corrigiu. — Divertido até demais para alguém inocente como você.

— Talvez eu não seja tão inocente assim — respondi, voltando meu olhar para o cara, que agora se preocupava com os irmãos gêmeos que estavam junto com ele.

— Você deve me achar um idiota. — Marcus me cutucou. — Eu te conheço, Morgan. Você não é mulher de se envolver em lances de uma noite.

Sem olhar para ele, peguei meu copo e o virei. O líquido desceu queimando, mas me esforcei para não deixar transparecer. Eu tinha chegado ao ponto em que sentia uma embriaguez gostosa.

Estava mais confiante do que normalmente me sentia. Mais determinada e, definitivamente, mais atrevida.

Coloquei o copo sobre a mesa com um pouco mais de força do que pretendia, fazendo um ruído alto. Mas por conta do barulho na sala, ninguém pareceu perceber a minha falta de juízo.

— Está na hora de mudar isso — falei, indo para o outro lado da mesa.

O Cara Misterioso pareceu sentir minha aproximação, porque levantou a cabeça e sorriu.

— Oi — eu disse, mas me arrependi na mesma hora.

Eu era capaz de bancar a mulher provocante. Era capaz de adotar aquele olhar de quem estava pronta para arrancar a roupa; olhar que vi tantas garotas aderirem desde que cheguei aqui.

Dei uma risadinha, ciente de que parecia uma idiota.

Quem eu queria enganar? Eu não fazia joguinhos. Era péssima nisso. Era o tipo de garota que falava coisas sem pensar. Eu falava o que dava na telha sem disfarçar nada.

Portanto, eu só deveria ter dito ao cara que queria ficar com ele.

Mas antes que pudesse fazer algo contrário ao meu jeito de ser, fui empurrada pelas costas e caí em cima dele.

Ele agarrou minha cintura com firmeza e girou o corpo, me levando com ele como se quisesse me proteger do que tinha acabado de atingir minhas costas.

— Caramba! — um grito preencheu a sala. — É isso aí, o pegador chegou — alguém gritou, chamando a atenção de todos.

Olhei para quem me empurrou, meus olhos dobraram de tamanho de tão arregalados.

Bem no meio da sala havia um cara alto, magro e pelado. Ele remexia os quadris, fazendo suas partes íntimas balançarem com o movimento. Havia um sorriso enorme em seu rosto, mas era evidente que ele estava muito chapado.

O melhor de tudo eram as serpentinas que ele tinha amarrado na cintura, pulsos e tornozelos. Era como se ele tivesse se decorado.

Ele continuou cantando “o pegador chegou” enquanto remexia os quadris. Ele estava muito perdido. Completamente bêbado.

Quanto a mim, acho que eu estava em estado de choque. Essas coisas aconteciam mesmo em festas? Não era à toa que eu fazia o possível para evitá-las.

— Puta merda — ouvi o Cara Misterioso dizer. Seu peito, onde minha mão se encontrava, ainda uma novidade para mim, vibrou com sua risada. — Alguém precisa dar um jeito no Jay — ele disse para os dois caras ao seu lado.

— Eu tô fora — um deles respondeu rapidamente, recuando com as mãos para o alto.

— Não vou chegar perto dele — o outro gêmeo falou. — Ele está pelado, cara. Não vou encostar naquela merda.

Me endireitei e tentei me afastar do cara, mas ele continuou com a mão em minha cintura. Eu estava presa numa situação muito constrangedora da qual eu só queria escapar.

Uma gritaria animada explodiu, atraindo a atenção dos três caras novamente. Aproveitei o momento para fugir. Eu corri, agarrei o braço de Marcus e o puxei para fora da sala.

— Espere — ele protestou, esticando o pescoço para ver o espetáculo do magrelo, que agora estava dançando aquilo que ele achava ser hip-hop.

Eu só sabia que ele estava com os pés para o alto, as pernas abertas, e eu não tinha estômago para imaginar a cena. Suas coisas balançando de um lado para o outro, completamente arreganhadas para todo mundo ver.

Torci o nariz, trêmula e enojada, puxando Marcus com mais força.

Graças a Deus, havia uma barreira de estudantes bloqueando

aquela visão do inferno.

CAPÍTULO 7

Xavier

Passei as últimas horas procurando a loira.

Eu estava com ela em meus braços, mas de repente ela sumiu. Não consegui encontrá-la em lugar nenhum.

Graças ao Jay e a sua dancinha bizarra com as bolas de fora. Que pessoa faria uma coisa dessas?

O pegador chegou. De onde ele tirou essa ideia de decorar o corpo com serpentina e desfilar pela casa?

Ele fez questão de que todos o vissem balançando o pau. Eu tive que lidar com aquela porra toda porque ninguém queria encostar nele.

Eu também não queria.

Ele jamais superaria aquilo. Perdi as contas do tanto de estudantes que filmaram a cena. Eu tinha certeza de que foi tudo transmitido ao vivo para o campus inteiro.

A hashtag #opegadorchegou o perseguiria pelo resto da vida. O perturbado não precisava ter bebido. Ninguém diria que em dias normais o cara mal abria a boca para falar. Mas era só lhe dar uma garrafa de bebida alcoólica para ele arrancar as roupas e dançar por aí, embora nesse caso, tenha sido dentro de casa.

Clayton e Corbin não quiseram se envolver com Jay nem com seu espetáculo, e como eu era o único que ainda estava meio sóbrio, não pude deixar aquilo continuar.

Fiz o que pude para não tocar nas partes abaixo de sua cintura, mas ainda assim senti a necessidade de tomar um banho. Bela maneira de recuperar a sobriedade em tempo recorde.

Agora que o idiota estava em segurança no conforto de sua cama, e eu esperava que ficasse desmaiado a noite toda, fui procurar a loira. A loirinha envolvente que, por um tempo, estive tão perto de mim. Presa com firmeza em meus braços, me olhando com aqueles lindos olhos verdes.

Amaldiçoei Jay em silêncio; ele pagaria muito caro se eu

perdesse minha chance com ela.

Entrei na cozinha e encontrei os gêmeos de pé, parados a uns três metros de distância um do outro. *O que estava rolando agora?*

Na mesma hora, algo saiu da mão de Corbin e passou voando em direção a Clayton. A galera vibrou quando Clayton o agarrou e o segurou no alto. Era alguma coisa branca.

— Vá para trás — Clayton gritou para o irmão. Os dois recuaram, aumentando o espaço entre eles. — Vou jogar com força — ele disse.

Eles estavam jogando baseball dentro de casa?

Tentei me aproximar para dizer que aquilo não era uma boa ideia, mas Clayton arremessou o objeto, que bateu nas mãos de Corbin e quebrou em cima dele.

— Você o quebrou, cara — Corbin reclamou, limpando a coisa pegajosa.

— Não, seu idiota. Você o quebrou — Clayton o corrigiu.

Os otários estavam arremessando ovos no meio da cozinha. E, mais uma vez, eu me questionei sobre como fui parar numa casa com um bando de idiotas.

Nudez, arremesso de ovos, pênis de borracha, sobranceiras raspadas.

Olhei ao meu redor e me deparei com Red e Isaac parados num canto, rindo, enquanto os gêmeos tiravam outro ovo da caixa que estava sobre a bancada e continuavam a brincadeira.

— Vou arremessar — Corbin disse, tentando manter a seriedade. — Esse vai chegar com tudo. Vai te surpreender.

— Estou pronto — Clayton insistiu, agachando-se numa posição de receptor.

Corbin se virou para o lado, ergueu a perna e, com o máximo de força que um bêbado idiota tinha, arremessou o ovo em direção ao irmão.

Só que ele não caiu na mão de seu irmão.

Nem chegou perto.

Um silêncio tomou conta da cozinha, todos olhavam para o líquido pegajoso que escorria e para a pessoa que foi atingida.

Red.

Pela expressão em seu rosto, ele já estava planejando a morte de Corbin. Seu cabelo afro e ruivo, antes espesso, agora estava com um lado liso, a gema amarela pingando em seu rosto.

De um jeito lento e, devo acrescentar, assustador, Elijah deu um passo à frente e se inclinou. Nós sabíamos muito bem quando o homem se armava para o combate, assumindo a postura que usava em todos os jogos. Estávamos ferrados.

Com os olhos arregalados do tamanho de um pires, Corbin

começou a recuar, balançando a cabeça.

— Red. — Ele estendeu as mãos à sua frente, como se isso fosse parar Elijah. — Foi mal, cara. Desculpe.

Mas suas desculpas não foram o bastante para impedir o ataque. Red deu uma recuada e com um impulso enorme, lançou-se em direção a Corbin. A melhor parte disso tudo foi ouvir os gritinhos dele. Ele correu na direção oposta, agitando os braços como uma garotinha. Dava para ouvi-lo se queixar no cômodo ao lado até que um grito estridente ecoou pela casa.

— *Touchdown!* — alguém gritou, seguido de muita risada e comemoração. Eu sabia com toda certeza que Corbin sentiria as consequências daquilo pela manhã.

E no dia seguinte também.



Acabei desistindo e chegando à conclusão de que a garota tinha ido embora. Procurei em todos os lugares, e nem sinal da loira com os lindos olhos verdes.

Mas, infelizmente, Britney ainda estava aqui.

Quanto azar.

Ela ainda tentava chamar minha atenção, eu só não sabia por quê.

Peguei uma garrafa de tequila e um copo, e fui para um lugar mais tranquilo no andar de cima. Se era para me embriagar, eu faria isso bem longe de Red. Sinceramente, eu tinha esperança de que ele tivesse esquecido minhas provocações e as substituído por seu ódio pelos gêmeos.

Ao menos por seu ódio por Corbin e seu arremesso desgovernado.

Passei pelo corredor e, quando cheguei ao meu quarto, enfiei a chave na fechadura e abri a porta.

Depois que entrei, me certifiquei de trancá-la de novo e sentei na cama, encostado contra a cabeceira.

Decidi deixar o copo de lado e bebi direto da garrafa.

CAPÍTULO 8

Morgan

Eu estava completamente ciente do que rolava à minha volta. Ciente de que a garota ao meu lado estava com a cabeça deitada em meu ombro. E que por algum motivo, ela começou a falar sem parar sobre a quedinha que tinha por um cara chamado Isaac.

O mais estranho foi que isso não me incomodou tanto quanto teria se eu estivesse sóbria. Pela cara de Marcus, ele também se surpreendeu.

— Ele é um sonho — a garota disse de um jeito arrastado. — Nós ficamos uma vez, mas agora ele age como se não me conhecesse. Fico imaginando o que eu fiz de errado — ela choramingou, usando um tom de voz exagerado em meio à sua fala arrastada.

Eu não tive coragem de dizer à garota que o que ela teve com ele foi apenas sexo e que essa era a resposta que ela procurava. Os caras da faculdade não buscavam um relacionamento sério, eles queriam ser livres. Ela se equivocou ao criar expectativas. E se ele tivesse prometido mais? Nesse caso, esse foi o erro dele.

Era isso o que o meu lado racional, escondido nos confins da minha mente, dizia. Mas o lado bêbado, que com certeza superava a coerência, falou mais alto.

— Você deveria provocar ciúme nele... — eu disse, enquanto olhava ao redor, procurando o pobre coitado em quem eu estava prestes a empurrá-la. — Com ele — falei, apontando para um cara qualquer. Ele era alto e muito bonito.

Fui surpreendida quando a garota caiu no choro. Não foi um choro discreto que só eu podia ouvir, mas, sim, uma choradeira estridente que quase arrancou sangue dos meus ouvidos.

— Aquele é o Isaac — ela gemeu, se enroscando ainda mais em mim.

Olhei para Marcus em busca de ajuda, mas ele apenas riu. Curvou-se e colocou a mão sobre a barriga, e uma risada alta reverberou pelo seu corpo.

O idiota estava adorando isso.

— Certo — respondi, dando tapinhas em seu braço. — Talvez você devesse conversar com ele. — Eu não fazia ideia do que a tiraria de cima de mim, mas sabia que tinha que fazer alguma coisa.

Alguns minutos atrás, eu estava me divertindo, curtindo a noite, dançando, fazendo todas essas coisas. Mas esta garota... ela estava acabando com a minha alegria.

— Oi — eu disse, apontando para outra garota que parecia tão chapada quanto a que estava deitada ao meu lado. A maldita apertava meu braço com muita força.

Demorou um tempo para a outra garota conseguir se concentrar, mas assim que fixou seu olhar em mim, um sorriso surgiu em seu rosto.

— Oi — ela repetiu. Bem mais devagar e de um jeito mais arrastado do que eu, mas serviria.

— Fique aqui com a gente. — Gesticulei, indicando o lugar em que eu estava.

Observei-a tentar se levantar três vezes até finalmente conseguir. Minha paciência já devia estar esgotando, porque achei que ela demorou demais para chegar até nós.

Dava para sentir a ansiedade crescendo dentro de mim.

Assim que ela se sentou no espaço vazio ao lado da Chorona, que ainda me segurava, sua cabeça tombou para trás e bateu nas almofadas às suas costas.

Cutuquei a garota que estava a fim de Isaac, e ela levantou a cabeça.

— Nossa nova amiga teve uma ideia para Isaac prestar atenção em você.

Seus olhos brilharam; ela soltou o meu braço na mesma hora e virou-se em direção à outra garota. Elas deram os braços e se abraçaram com entusiasmo.

Começaram a cochichar, e eu relaxei, aliviada.

Quando olhei para Marcus, vi que ele olhou tanto para mim quanto para as garotas ao meu lado antes de finalmente me dar atenção.

— Que maldade — ele disse, balançando a cabeça. — Pura maldade.

— Na verdade, foi genial — eu o corriji ao sair do sofá e me afastar dele. Estava na hora de tomar outra bebida, porque aquela cena equivalia a seis xícaras de café, e eu precisava de um incentivo para recobrar minha alegria.

CAPÍTULO 9

Xavier

Acordei assustado.

Não queria ter dormido, mas ao olhar para o quarto, vi que foi exatamente isso o que aconteceu. Não fazia ideia de quanto tempo dormi.

Ergui a garrafa de tequila, irritado por encontrá-la vazia.

Minha intenção era ficar no quarto e passar o resto da noite com meu amigo, José. O amigo que nunca tentou raspar áreas do meu corpo nem me confrontar e me jogar na piscina. José só me trazia felicidade.

Jose Cuervo era um bom amigo.

Mas as coisas mudam, e naquele momento eu precisava de mais álcool.

Há quem discorde de mim. Há quem insista que eu já bebi o suficiente, mas eu não concordava. Eu não sentia dor.

Ainda conseguia enxergar com clareza... bem, mais ou menos.

Agora havia várias cômodas e duas portas no meu quarto em vez de uma, mas ainda assim, eu enxergava.

Então como eu disse, precisava beber mais.

Caminhei pelo quarto, usando a parede para me guiar até a porta, e fiquei aliviado quando encontrei a maçaneta. Viu só, eu dava conta do recado.

A música vinda do andar de baixo me atingiu como uma onda gigantesca. Eu tive que passar sobre os corpos de várias pessoas, algo que exigiu muita concentração da minha parte, mas consegui. Quando estava prestes a me aventurar pelas escadas, ouvi uma risada atrás de mim e me virei rápido demais.

O corredor parecia um daqueles vídeos retrô da década de 1970 em que o fundo fica todo distorcido e se move como uma onda. Essas merdas não faziam bem para quem bebia. Coisas que ondulavam e se moviam em movimentos circulares pregavam peças na mente de um bêbado.

Depois de piscar excessivamente para eliminar as ondas bruxuleantes da minha vista, as coisas começaram a fazer sentido.

Naquele momento, eu olhava desconfiado para o que encontrei diante de mim. Espantado, com os olhos arregalados, certo de que estava sofrendo algum tipo de alucinação provocada pela tequila.

O que fazer quando você imagina estar vendo coisas?

Você tenta tocá-las para ter certeza. Certo?

— O que está fazendo, babaca? — Isaac perguntou, enquanto minha mão alisava seu rosto. — Tire a mão do meu rosto — ele disse, me empurrando.

É, eu não estava alucinando. Essa porra era real.

— O que aconteceu com você? — finalmente perguntei, com a cabeça ainda girando.

Ele estava destruído, os olhos caídos e vermelhos.

Ele me encarou, confuso. Mas antes que pudesse questionar a forma esquisita com que eu o olhava, alguém falou.

— Que bacana, cara — um homem disse, chamando nossa atenção. — Isso é uma pica? — o cara perguntou, apontando para o rosto de Isaac.

— Não, eu acho que é um cigarro — a garota ao lado dele disse, se aproximando para ver direito. — Ah, não — falou depois de olhar com mais atenção. — É uma pica mesmo.

Isaac se encostou contra a parede, e eu semicerrei os olhos, tentando decidir se o que via era verdadeiro.

— Do que vocês estão falando? — Isaac perguntou.

O silêncio recaiu sobre o pequeno grupo que se formava. Eu fui o primeiro a falar.

— Você dormiu? — Essa era a única explicação.

— Acho que sim — sussurrou, passando a mão no rosto.

— Você precisa se olhar no espelho; acho que alguém te sacaneou — respondi, esperando que ele assimilasse o que eu disse.

Ele correu muito rápido assim que sua ficha caiu. Rápido demais para mim, que não conseguia manter as coisas em foco.

— Filho da puta! — vociferou. — Red! — seu grito ecoou pelo corredor.

Ouvi uma risada grave e inconfundível, e dei de cara com Elijah parado no terceiro degrau no topo da escada.

— Qual é o problema, lindinho? — perguntou. — Não gostou da minha obra de arte?

— Vou matá-lo — Isaac o ameaçou do banheiro, e Red riu ainda mais. — Esta porra é permanente?

Elijah tinha desenhado no rosto inteiro de Isaac.

Havia batom e sobrancelhas grossas. Sombra azul. E, para completar, tinha um pau enorme desenhado em sua bochecha direita,

descendo em direção à sua boca.

No meio da testa havia a frase: “Eu caí de boca.

Red estava com o olhar fixo em mim quando eu me virei para ele.

— Fique tranquilo, X-man. O que é seu está guardado — ele piscou e foi para o andar de baixo.

Eu não fazia a mínima ideia do que ele quis dizer. Mas tinha a sensação de que logo descobriria.

CAPÍTULO 10

Morgan

Eu estava prestes a sair do banheiro, mas cambaleei quando a porta foi aberta. Fiquei paralisada no meio do cômodo, olhando para o cara todo misterioso que conheci mais cedo.

— Aqui está você — ele disse com um sorriso. — Eu te procurei em todos os cantos — admitiu ao chegar mais perto. — Você é muito linda — ele se enrolou com as palavras.

Sua ousadia me surpreendeu, mas como eu estava completamente bêbada, quase não tive reação.

Eu não fiz nada para impedi-lo quando ele levou a mão ao meu rosto e a manteve lá.

— Tão linda — disse de novo, se inclinando. — Seu cheiro também é muito bom.

Ele estava tão bêbado que suas cantadas eram péssimas, mas eu não me importei.

Ele foi o primeiro e único cara que me impressionou desde que cheguei aqui. Além de ser um gostoso, o que era uma grande vantagem.

Não o reprimi quando ele se aproximou e beijou meu pescoço.

Não fiz nada para desacelerar as coisas quando ele recuou e me pôs sentada sobre a pia do banheiro. Deixei rolar.

Eu jamais interromperia isso.

Nem pensar.

Pelo contrário, fiz o que deveria fazer.

Eu o ataquei.

Foi um ataque digno de puxões de cabelo, roupas puxadas e mordidas nos lábios. Pela reação que senti pressionada contra minha barriga, eu diria que ele curtiu cada segundo.

Ouvi alguma coisa rasgar, mas isso não me refreou. Na verdade, me deixou mais atizada. Eu nunca tinha feito algo assim. Era libertador. Vivi muito tempo sendo refém da minha própria mente; foi muito bom me libertar de todo o estresse.

— Nossa — ele gemeu quando deslizei a mão sobre o cóis de sua calça e segurei sua ereção gigante.

Sorri com minha descoberta.

Transar embriagada com um gostoso que parecia ser muito bem dotado?

Pode contar comigo.

Eu me afastei o suficiente para conseguir respirar.

— O que eu preciso fazer para te convencer a ir para casa comigo? — perguntei, antes que ele se aproximasse de novo e se apoderasse da minha boca.

Ele estava desesperado.

E era tudo muito fora do normal para mim.

Estar em meu apartamento me parecia mais seguro do que ficar aqui a noite toda. Marcus estaria lá. E não haveria uma casa cheia de gente que pudesse nos atrapalhar a qualquer momento.

— Pode me levar — ele suspirou. — Não precisa pedir.

Então tá.

Desci da pia, e por um momento me questionei como fui parar lá. As coisas estavam fluindo muito bem; acho que perdi a noção por um instante.

Sorri ao pensar que estava tão envolvida em seus beijos que não conseguia me lembrar de muita coisa.

Comecei a puxá-lo para fora do banheiro, e ele me seguiu sem hesitar. Marcus, que aguardava no fim do corredor, sorriu quando nos viu.

— Você encontrou o seu homem misterioso — ele disse, olhando para o cara atrás de mim como se o admirasse. — Qual é o seu nome, moreno alto e... — ele parou de falar, esperando pela resposta.

— Xavier — ele respondeu com a voz arrastada.

— Xavier — Marcus repetiu com um sorriso enorme no rosto. Em seguida, olhou em minha direção, arqueando as sobrancelhas de forma sugestiva. — Ele vai para casa com a gente? — Marcus perguntou, e eu assenti. — Então tá.

Ele começou a se afastar, enquanto eu corria atrás dele, puxando Xavier junto comigo.

O trajeto de volta para casa foi bem divertido. Fui no banco de trás com Xavier, e suas mãos não perderam tempo. Ele as deslizou sobre minhas coxas e meus quadris. Envolveu minha cintura com os braços.

Beijou meu pescoço, e eu fechei os olhos algumas vezes de tão boa que era a sensação.

Eu tinha o pressentimento de que não me esqueceria desta noite tão cedo.



Xavier me tocava por inteiro.

Suas mãos, sua boca — *ah, que boca* — me consumiu toda. Ele me tocava, me lambia; eu nunca senti esse fogo na vida.

Roupas voavam por todos os lados, e gemidos intensos preenchiam meu quarto enquanto ele me devorava.

Marcus apenas me entregou uma caixa com camisinhas e disse, “Divirta-se”, antes de voltar para o seu quarto, que ficava do outro lado do apartamento. A minha intenção era essa mesmo.

Era bem provável que eu destruiria este cara antes do amanhecer.

Eu era uma mulher carente.

Alguém que passava tempo demais fazendo o que não queria, afastando-se das coisas que pudessem distraí-la.

Xavier era uma distração.

Uma distração deliciosa, ainda assim uma distração.

Hoje, eu permitiria que ele me fizesse esquecer que o amanhã traria a realidade de volta.

CAPÍTULO 11

Xavier

Estiquei os braços sobre minha cabeça, alongando-os de um lado ao outro. Meu corpo doía como se eu tivesse passado horas na academia, algo que não acontecia há semanas.

Caralho, até meus mamilos doíam.

Como isso era possível?

Minha boca parecia um deserto quando tentei engolir.

Eu senti o gosto de algo, talvez um pouco doce.

Passei a língua sobre os dentes e a mordisquei, tentando produzir uma pequena quantidade de saliva para molhar minha boca.

Que sabor era esse?

— Abacaxi — falei para um quarto que aparentava estar vazio.

— Você não se queixou disso ontem à noite — levei um susto ao som daquela voz grave e rouca.

Olhei para o quarto desconhecido, em pânico, e me deparei com um homem parado a alguns centímetros da cama. Ele estava com uma toalha enrolada na cintura, parecia ter acabado de tomar banho. Um sorriso enorme tomou conta de seu rosto.

Em sua mão havia um frasco de lubrificante. Balançando-o de um lado para o outro, ele inclinou a cabeça e lambeu o lábio.

— Na verdade, você disse que nunca provou algo tão gostoso. Não parou de dizer que abacaxi era sua fruta favorita.

Ele arqueou as sobrancelhas de forma sugestiva, e meu estômago ficou embrulhado.

Foi como se uma onda de ansiedade do tamanho de um tsunami gigantesco tivesse me atingido.

Fiquei enjoado.

— Você ficava repetindo: “mais, eu quero mais” — o cara acrescentou, e essa foi a gota d’água.

Tentei sair da cama lentamente, ainda olhando para o estranho que me encarava como se estivesse prestes a me devorar.

Não vou mentir, o sorriso em seu rosto me apavorava.

Depois, ele deu uma gargalhada rouca enquanto jogava o lubrificante para o alto. Ainda sorrindo.

Comecei a me mover mais rápido, porque tinha a sensação de que vomitaria a qualquer momento.

Em meio à minha tentativa de escapar, meus pés se enrolaram nos lençóis da cama e eu caí com a cara no chão.

Minha bunda ficou à mostra para quem quisesse ver.

Ai, caralho, ele tinha gemido. Eu o ouvi gemer.

Por puro instinto, agarrei minha bunda, fazendo o possível para cobri-la com o lençol e com a minha mão.

— Vá devagar — o cara insistiu. — Não quero que você machuque suas coisas.

Eu já disse que estava apavorado?

Meu estômago continuava revirado só de pensar sobre o que fizemos na noite anterior. Eu não tinha nada contra o homossexualismo, mas essa não era minha praia.

Me arrastei pelo chão, precisando de tempo para esfriar a cabeça. Torcendo para que eu me lembrasse da noite anterior.

Sentado no chão do banheiro perto do chuveiro ligado, respirei fundo. Estava passando a mão sobre a barriga e sobre meu peito quando senti alguma coisa.

Um piercing?

Havia piercings nos meus mamilos?

— Eu gostei muito deles — o cara disse da porta ao perceber que eu os observava. — Acho que ontem você disse que ficava de pau duro sempre que alguém os chupava.

Isso foi o fim para mim.

Chega.

Me ajoelhei, nauseado.

Meu corpo ficou tenso em meio às ânsias de vômito.

— Marcus — uma voz feminina ecoou pelo quarto. Eu tentei levantar a cabeça, mas continuava nauseado. — É sério isso? — a garota perguntou de novo, e eu finalmente consegui virar a cabeça para o lado. — Deixe-o em paz.

Era a garota.

A mesma que tinha jogado “eu nunca”. A garota que fiquei procurando a noite toda.

— Você? — sussurrei quando ela se ajoelhou ao meu lado.

Ela também estava enrolada em uma toalha, e olhei para os dois. Em que eu me meti ontem à noite?

Como fui parar aqui, no meio de um trisal maluco?

Podia ter sido com duas mulheres pelo menos.

Ela sorriu como se pudesse ver os pensamentos loucos que ocupavam minha mente.

— Você não se lembra, né? — ela perguntou.

— Do quê? — Eu estava com medo de ouvir sua resposta, mas enlouqueceria se não soubesse o que aconteceu.

— Aquele palhaço ali é meu colega de apartamento, Marcus. — Ela olhou em direção à porta, mas eu não consegui me mexer. Meu estômago ainda estava embrulhado, e eu podia sentir o olhar que ele me lançava.

Aquele olhar estranho.

Eu não queria vê-lo de novo, nunca mais.

— Nós estávamos sozinhos, Romeu — ela esclareceu. No mesmo instante, senti meu corpo relaxar.

Fechei os olhos e deixei a realidade tomar conta de mim.

Eu transei com ela, *só nós dois*. Que alívio.

— Você tem uma tatuagem nas costas? — o cara parado à porta perguntou, me obrigando a abrir os olhos. Pensei que ele estivesse apontando para a garota, mas os dois me encaravam.

— Uma, o quê? — perguntei, tentando olhar minhas costas para encontrar o que eles viam. Vamos esquecer o fato de que eu estava no chão do banheiro, pelado e tinha acabado de vomitar. Ninguém mais lembrava disso.

— Tem uma tatuagem na sua lombar — o cara disse, aproximando-se. — Parece um monte de pênis.

Curvei os ombros, ciente de onde, ou melhor, de quem era o responsável pela minha nova tattoo. Eu só esperava que esta merda saísse com o tempo.

O tal Marcus, assim como a garota, riu. Ergui a cabeça e nossos olhares se encontraram.

De repente, lamentei por não lembrar da minha noite com ela.

Havia algo diferente em seus olhos. Um carinho diferente das outras mulheres com quem já fiquei. Ela não era cheia de frescura nem arrogante. Era verdadeira.

Suas bochechas coraram, e ela desviou o olhar rapidamente quando notou que eu a observava.

Interessante.

Mas então lembrei da minha nova arte corporal.

Eu levantei a mão e a deslizei sobre meus novos piercings, prendendo a atenção dela novamente.

— E isto aqui? — perguntei.

— Como assim? Eles também não estavam aí antes da noite passada? — Ela sorriu, trocando um olhar de surpresa com seu amigo. — Você já tinha estas duas coisas quando chegou aqui, então não sei como foram parar aí.

Eu já sabia quem era o responsável. Isso tinha o dedo de Red.

Não pude deixar de imaginar como eu não senti a dor causada

pela agulha ou sei lá o que aquele babaca usou para furar meus mamilos. Ou de onde vieram as argolas para começo de conversa.

Como alguém conseguia dormir em meio a tudo isso?

CAPÍTULO 12

Morgan

Eu me sentei na beirada da cama, agora vestida, ouvindo o chuveiro ligado.

Depois do susto de Xavier pela manhã, o mínimo que eu poderia fazer era deixá-lo tomar um banho.

Eu não conseguia parar de pensar na noite anterior, ou melhor, em nossa madrugada.

Foi incrível, pelo menos para mim.

Ele se movia de um jeito que não dava para acreditar que estava tão chapado a ponto de esquecer as coisas. Eu queria que ele se lembrasse, mas talvez fosse melhor assim.

Nunca me senti tão feliz. Nunca senti tanto prazer em tão pouco tempo. Xavier era incrível e generoso.

Me assustei ao ouvir sua voz.

— Por acaso você sabe onde estão as minhas coisas?

Lá estava ele, com a toalha enrolada na cintura. Quase caindo. Os respingos de água ainda brilhavam em seu peito.

E aquelas argolas nos mamilos? Por mais que ele não as tivesse há muito tempo, eu gostava delas. Ficavam muito bem nele.

— Eu... é... — pigarreei, desviando meu olhar dele. — Coloquei tudo o que consegui achar lá.

Apontei para um canto onde havia uma cadeira e o observei caminhar naquela direção.

Ele revirou as coisas, e eu tentei não rir quando pegou a camisa que estava sem uma manga. Não estava completamente sem, ela só estava meio pendurada. Ele também quando pegou a cueca — eu não conseguia entender como a lateral inteira tinha sido arrancada.

Ele me olhou com um sorriso jovial, e eu não consegui conter o riso.

— Você tem garras ou algo assim? — perguntou, dando risada.

— Acho que você nunca vai descobrir — eu disse, mas me arrependi.

— Escute... eu estava bêbado. Desculpe por eu... — Xavier começou a se explicar, mas eu desconversei.

— Eu sabia no que estava me metendo quando te chamei para vir pra casa comigo. Não esperava nada além do que rolou ontem à noite. Acho que nós dois precisávamos nos divertir. — Me levantei e fui até a cômoda pegar a chave. — Se quiser, me encontre na cozinha que eu te dou uma carona até em casa — acrescentei, indo em direção à porta. — Só consegui achar um de seus sapatos, mas talvez o outro esteja no carro.

Tentei não rir quando ele olhou para o único sapato que estava no chão ao lado da cadeira. Ele balançou a cabeça como se estivesse confuso e passou a mão pelo cabelo.

O coitado estava perdido.

— Vejo você daqui a pouco — falei ao abrir a porta e dei de cara com Marcus. Ele olhou atrás de mim e abriu um sorriso enorme para Xavier.

Eu o empurrei, colocando as mãos em seu peito para tirá-lo do caminho.

— Dá para você deixá-lo em paz? — perguntei, fechando a porta, e fui para a cozinha. Marcus continuou na minha cola.

— Você gosta dele, não gosta? — perguntou.

— Só estou me sentindo mal por ele não se lembrar de nada — respondi. Marcus não precisava saber que eu queria que ele lembrasse.

— Ok, Morgan. Se você diz... — Marcus, então, preparou uma xícara de café tanto para ele quanto para mim e colocou uma terceira xícara ao lado da minha sobre a bancada.

Eu pensei em retrucar, dizer que ele estava sendo ridículo, mas fui surpreendida quando senti uma mão firme em minha cintura.

— Esta é minha? — Xavier perguntou ao estender a outra mão para pegar a xícara.

Observei um pouco vidrada demais quando ele a ergueu e tomou um gole. Ele inclinou a cabeça ao engolir e fechou os olhos como se fosse o melhor momento de sua vida.

— O único gosto que estou sentindo desde que acordei é o de abacaxi — falou. Abriu os olhos lentamente e os fixou em mim.

Senti meu rosto queimar de vergonha, então abaixei a cabeça na mesma hora.

Eu tinha ganhado aquelas coisas numa brincadeira, mas Xavier insistiu para que as testássemos. E eu concordei, experimentando outras coisas que nunca tinha usado.

Na minha cabeça, se era para ter a melhor noite de sexo da vida, então eu tinha que ir com tudo. Ainda me sentia dolorida em todas as partes que ele havia explorado. E a sensação era maravilhosa.

— Xavier — Marcus disse, chamando nossa atenção. —

Encontrei seu sapato no corredor quando saí para comprar *donuts* mais cedo.

Ele tinha resolvido o enigma do sapato.

— Mas detesto ter que dizer que ele não sobreviveu ao Rosco — Marcus acrescentou. Cobri a boca no mesmo instante.

— Rosco? — Xavier perguntou, confuso.

— Sim. — Marcus se sentou do outro lado da bancada. — Rosco é o pitbull do nosso vizinho. Parece que ele gosta de Nike.

Deixei escapar uma risada, incapaz de segurá-la por mais tempo.

O coitado teve uma noite dos infernos, e mesmo assim, não conseguia se lembrar de nada.



O trajeto até sua casa foi meio estranho. Ele tentou manter uma conversa, mas percebi que se sentia mal por não lembrar de muita coisa. Sinceramente, eu só queria que tudo isso acabasse logo.

Ele não me devia nenhuma explicação.

Eu não queria uma.

Como disse, foi estranho.

Dei graças a Deus quando parei em frente à sua casa e ele abriu a porta para sair do carro.

— Escute... — Ele se virou para mim. — Talvez pudéssemos nos encontrar qualquer dia desses. Sair para assistir um filme ou jantar.

Uma distração. Ele seria uma bela distração. daquelas que eu não enjoaria. E isso era perigoso.

Então, cortar relações de uma vez era necessário.

— Eu me diverti muito ontem à noite apesar da sua incapacidade de se lembrar. — Ele se curvou um pouco. — Para ser bem honesta, fazia muito tempo que eu não me divertia tanto. Precisava de uma noite como aquela. Mas, Xavier, você não me deve nada. Além disso, não tenho tempo para namoros e relacionamentos.

Ele assentiu, mas notei que queria dizer alguma coisa.

— Eu trabalho demais, e apesar de estar na faculdade, não vivo essa vidinha típica de estudante. Não daria certo — falei. Ele me encarou por um momento antes de se inclinar e me dar um beijo no rosto.

Ele hesitou, percorrendo os lábios com delicadeza sobre minha mandíbula.

— Posso não lembrar de tudo o que aconteceu, mas tem um barulho que não sai da minha cabeça. O de um gemido suave e desesperado.

Fechei os olhos, tentando me conter para não fazer o mesmo barulho naquele exato momento.

— O sussurro de alguém me pedindo para não parar — ele disse, beijando minha mandíbula. — Ele fica se repetindo na minha cabeça. Eu daria qualquer coisa para escutar esses gemidos outra vez.

Ele se afastou, e sem dizer mais nada, saiu do carro. Eu fiquei ali, observando-o enquanto ele corria pelo jardim.

Naquele momento, me dei conta de que esquecer o cara que me proporcionou uma noite inesquecível seria mais difícil do que eu pensava.

CAPÍTULO 13

Xavier

Assim que entrei em casa, todos olharam para mim.

Corbin ostentava um hematoma no olho direito que não existia na noite anterior. E Jay estava sentado no sofá, desanimado. Pelo visto, estava pagando caro pelas merdas de ontem.

Isaac tinha marcas no rosto que pareciam tinta desbotada. Mas a vermelhidão ofuscava as marcas; era como se ele tivesse esfregado o rosto com força.

Eu ainda não tinha visto Red.

— Como foi sua noite? — Olhei para Calvert no momento em que ele apareceu na sala. — Aquela loira que te arrastou para fora daqui parecia estar subindo pelas paredes.

Lancei um olhar penetrante para ele.

Ele riu e se juntou aos outros no sofá.

— Belo olho, Corb — falei, recebendo um gesto obsceno em resposta.

Uma galera entrou na casa segurando os celulares, rindo do que estavam assistindo.

— O que vocês estão vendo? — Isaac perguntou, indo para o lado deles. — Ei, Jay! — gritou, dando risada. — Você está famoso, cara.

Jay saltou do sofá e foi para perto dos caras, horrorizado quando viu o que eles assistiam.

Ele recuou, batendo contra a parede, então abaixou e sentou-se no chão.

— Criaram uma hashtag para você, cara — Brent, outro amigo da fraternidade, disse ao se aproximar do pessoal que se reuniu para assistir o que havia no celular.

— Uma hashtag? — Jay perguntou, ainda escondendo o rosto.

— Sim — Brent disse ao olhar para o grupo. Como se tivessem planejado, cada um deles começou a remexer os quadris. E, juntos, todos começaram a cantar “*o pegador chegou*”, balançando as mãos no

alto.

Jay gemeu e se encolheu todo, segurando a cabeça.

Eu me virei com a intenção de ir para o segundo andar, mas parei no meio do caminho. Estava cara a cara com Red.

— Ei, cara — ele disse com um sorriso. — Como foi sua noite?

— Como você conseguiu entrar no meu quarto? — perguntei sem rodeios.

Elijah me observou por um tempo, depois abriu um sorriso pretensioso. Sem nenhuma pressa, ele ergueu um chaveiro com um monte de chaves e o sacudiu, fazendo-as tilintar.

— A título de informação, eu tenho a chave do quarto de cada um de vocês, otários. Não se esqueçam disso.

Ele saiu da sala dando risada, e nós o observamos, cientes de que ele tinha nos sacaneado durante todo esse tempo.

— Ah, Tequila... — murmurei, subindo as escadas.

Por mais que eu me sentisse um lixo, eu continuava com aquele gemido suave na cabeça.

Morgan podia fingir que não queria repetir a nossa noite, mas eu tentaria. De um jeito ou de outro, eu teria outra chance.

CAPÍTULO 14

Morgan

— Eu sei — falei ao entrar correndo no *Sub Shop*. — Estou atrasada.

O dia estava sendo um inferno hoje. Primeiro, meu carro não quis pegar, depois, perdi o ônibus por uma questão de trinta segundos. Eu literalmente vi o motorista sair da *University Avenue*, me deixando para trás enquanto eu gritava poucas e boas. Fui obrigada a andar oito quadras e meia, sentido a transpiração criar poças de suor entre os meus seios e na minha nuca. Tudo isso acabou me atrasando. Para ser exata, eu estava quinze minutos atrasada.

— Mitchell está lá nos fundos, e está com um humor péssimo — Trina me disse quando passei pelo balcão e fui bater meu ponto.

— Quando ele não está? — perguntei ao abrir a porta. Mitchell estava lá, com os braços cruzados e bem na minha frente, olhando diretamente para a porta. Era como se ele estivesse me esperando. — Tive problemas com o carro e perdi o ônibus — expliquei, indo cheia de pressa até o relógio de ponto.

— Você sabe que é o seu segundo deslize.

Eu o encarei, confusa. Nunca tinha chegado atrasada antes.

— Na terça-feira passada, você apenas nos deixou um recado, sem nos notificar de maneira apropriada que não viria trabalhar. Ficamos com um número reduzido de funcionários — declarou. — A lanchonete fica lotada de estudantes todos os dias, e trabalhar com menos de quatro empregados o tempo todo é inaceitável.

— Meu irmão caiu da cadeira de rodas, e nós tivemos que levá-lo ao pronto-socorro. — Eu podia sentir a raiva crescendo dentro de mim. — Minha mãe precisava de ajuda.

— Você ainda está em período probatório, Morgan — ele disse, inclinando-se na cadeira. Ele estava doido para que eu protestasse, algo que eu queria muito fazer, mas decidi morder a língua. — Por mais que eu entenda a sua situação... — Eu detestava o tom de voz e as palavras que ele usava quando se referia a minha família. — Você

tem que entender o meu lado. Seu irmão não é sua responsabilidade.

Ah, não. Não acredito que ele disse isso.

— Vou ter que interromper você — falei, erguendo a mão. Não queria perder meu emprego, mas não tinha como deixar este cretino arrogante continuar falando sem que eu esclarecesse algo. — Com todo respeito, você tinha plena consciência das minhas responsabilidades fora do trabalho quando me contratou. Meu irmão pode não ser meu filho, mas é minha responsabilidade, sim. Ele sempre virá em primeiro lugar, independente do que eu tenha que deixar de lado para ajudá-lo. Ele não é uma “situação”, e eu gostaria que você se lembrasse desse pequeno detalhe. Você pode ser meu chefe, mas isso não lhe dá o direito de ser um babaca.

É, o comentário sobre ser um babaca foi um pouco demais, mas meu sangue fervia e minhas mãos tremiam, cheias de vontade de dar um murro neste idiota.

— Já acabou? — ele perguntou.

— Não sei — respondi. — Você já? — eu o provoquei. Ele era um ex-estudante de vinte anos de idade que abandonou a faculdade e achava que podia nos tratar como se pertencêssemos a ele. Era uma pessoa esnobe, e apesar de eu trabalhar aqui há menos de um mês, eu não o deixaria me tratar como uma incompetente.

— Como eu disse, é o seu segundo deslize — ele repetiu. — Deveria ser o terceiro, já que me chamou de babaca, mas vou deixar passar. — Ele me encarou como se me desse a chance de responder. Mas fiquei quieta. — Me desculpe por ser insensível, mas tenho que colocar este lugar para funcionar, e para fazer isso, preciso de funcionários confiáveis.

— Entendo — respondi com os dentes cerrados.

— Que bom — ele disse, afastando-se de sua mesa. — Entendemos um ao outro.

Continuei parada no mesmo lugar até ele passar por mim e sair pela porta que levava à loja em frente. Assim que ouvi a porta fechar atrás de mim, cerrei os punhos e bati os pés no chão. Girei em círculos, tive um acesso de raiva, me segurando para não ir até lá e enfrentar o idiota.

— Arrogante, desprezível... — parei de falar quando me aproximei do relógio de ponto e arranquei meu cartão. As coisas que eu queria dizer com certeza teriam me colocado na rua. Ninguém, absolutamente ninguém, nunca se referiu ao Toby como um problema. O que eu disse era verdade; ele sempre viria em primeiro lugar.

Passei alguns minutos nos fundos do estabelecimento, me esforçando para domar a fera que ainda rugia dentro de mim antes de voltar lá para frente. Evitando olhar para Mitchell de propósito, comecei a abastecer a vitrine com legumes frescos e verifiquei se os

molhos estavam completos. Trina já estava com os pães frescos e os colocava em outra bandeja. Miles estava no salão, limpando as mesas e o chão antes de abrírmos.

Meu humor estava péssimo, eu só queria que o dia acabasse.

Continuei na minha, posicionada atrás do balcão quando Miles destrancou as portas e o primeiro cliente entrou.

Mitchell tinha razão; nós estávamos lotados como sempre. O *Sub Shop* ficava localizado a uma curta distância da Universidade da Flórida. Era um lugar barato para comer, além de ser uma opção rápida, por isso recebíamos clientes novos constantemente. No geral, uma das coisas que eu mais gostava neste emprego era o fato de que as horas passavam voando.

Faltava apenas uma hora para meu turno terminar, e por mais que eu ainda não soubesse como chegaria em casa, fiquei feliz por estar quase no fim.

Fui buscar outra vasilha de cebolas e deixei Trina e Miles cuidando do balcão. Passei apressada pela porta, desviei de Miles e substituí o recipiente vazio pelo cheio. Não prestava atenção aos clientes enquanto verificava os itens que restaram para ver se precisava repor algo.

— Ei — uma voz alta e grave disse, chamando minha atenção. Um cara alto, com cabelo castanho-claro e os olhos mais azuis que já vi na vida parou na minha frente com um sorriso enorme no rosto. — Eu conheço você — declarou, olhando para o cara à sua esquerda.

— Desculpe, mas acho que você me confundiu com outra pessoa. — Peguei os pimentões e já estava me afastando quando parei de repente, ouvindo o que ele disse em seguida.

— Você é a loirinha que X levou pra cama na festa do último fim de semana. — Ele disse algo para o cara que estava com ele, e os dois riram. Era eu mesma. A garota que foi seduzida por um membro da fraternidade e que, logo depois, se tornou mais uma história que eles contariam por aí. — Ele teve que dormir o dia inteiro para se recuperar.

— Você entendeu tudo errado — falei, encarando o cara. — *Eu* o levei pra cama. Ele serviu muito bem para o que eu queria, só isso. — Me afastei, satisfeita com a reação que provoqueei neles. No entanto, fiquei irritada por ter agido como uma piriguete. Onde eu estava com a cabeça? Eu esperava mesmo que ele não fosse sair correndo para contar aos amigos sobre nossa noite? O problema era que ele não se lembrava, então imaginei que tivesse inventado tudo para bancar o maioral. Para ganhar uns tapinhas nas costas, alguns *mandou bem* dos amigos, enquanto falava sobre ter transado com uma mulher desesperada.

Os homens eram uns cretinos.

Quando voltei para o balcão, os caras já tinham ido embora, e eu tive que ignorar os olhares curiosos que recebi de Miles e Trina. Eles podiam pensar o que quisessem, mas não saberiam os detalhes. Nunca fui o tipo de garota que se incomodava com o que as pessoas pensavam sobre mim, não seria agora que isso mudaria.

CAPÍTULO 15

Xavier

Eu me inclinei, colocando a cabeça sob o jato de água morna enquanto fechava os olhos, deixando a água me relaxar. Meus pensamentos se concentravam mais uma vez num par de lindos olhos verdes. Olhos semicerrados que me encararam quando meu corpo se moveu contra o dela.

As lembranças da minha noite com Morgan estavam retornando; lembranças vívidas da noite mais erótica que já tive na vida. Ela estava tão necessitada, quase tão desesperada por mim quanto eu estava por ela. Nós estávamos ávidos, arranhando e agarrando um ao outro. Era um desejo incontrollável, um desejo indomável.

Era algo que eu desejava tanto que fui consumido.

Eu queria tocá-la, beijá-la, mas não era só isso. Eu queria conhecê-la.

Minha cabeça ficou a mil quando pensei em seu cabelo loiro e naquele sorriso lindo. Ela era uma mulher difícil, mas eu sabia que sua personalidade ia muito além disso. Eu ficaria feliz se tivesse a chance de desvendá-la.

A sensação da água morna em contato com a minha pele era muito boa, quase relaxante.

Nesta casa era impossível tomar uma ducha sem ser interrompido; me surpreendi por ter conseguido ficar dez minutos sozinho. Normalmente, bastavam alguns segundos para que alguém batesse à porta e começasse a reclamar que eu estava demorando. Se isso não funcionasse, os otários iam além e começavam a encher o saco arrombando a fechadura, ou pior, fechando o registro de água. Não havia nada pior do que estar com o cabelo cheio de xampu e não poder lavá-lo. Quando a espuma escorria e caía nos olhos era pior ainda.

Então, eu aproveitaria esses poucos minutos de paz.

Abri os olhos e, com a cabeça ainda baixa, olhei para as

pequenas argolas que continuavam em meus mamilos. Elas eram um lembrete da minha noite com Morgan. A noite foi meio insana, mas as lembranças que eu tinha dela me fizeram esquecer todo o resto. Eu já as teria descartado se ela não tivesse dito que se divertiu. Se não tivesse me olhado daquele jeito, com aquele olhar doce e sedutor que tomava conta de seu rosto quando ela me encarava. Eu fiquei nu na frente dela, no meio do seu banheiro, com seu amigo doido assistindo tudo, mas ela era a única coisa que eu enxergava.

Lembranças tênues daquela noite e daquela madrugada ressurgiam lentamente. Eu podia não me lembrar de detalhes, mas tinha *flashes* de memória. Pequenas brechas do tempo que passamos juntos, da maneira que ela deslizava a língua sobre meus mamilos enquanto se esfregava em mim. Dos beijos molhados e ardentes em meu peito e em minha barriga; o jeito que ela me observava com os olhos semicerrados movendo-se cada vez mais baixo. Era como se eu pudesse senti-la contra mim. Seus dedos entrelaçados aos meus enquanto usava o suporte que eu lhe oferecia para cavalgar meu pau com força e urgência.

As lembranças estavam muito claras agora.

Havia ainda os gemidos suaves e as coisas que ela disse quando eu a mudei de posição e assumi o controle. Arquejos doces misturados às suas exigências provocantes. Ela era gostosa, carente, e por mais que eu tentasse, não conseguia tirá-la da cabeça.

Ela era o oposto de Britney. A impressão que me causou após uma única noite fazia minha cabeça girar e meu corpo vibrar num ritmo constante.

— *Chega de se masturbar, otário.* — Uma batida alta ecoou pelo banheiro. — *Já faz tempo que você está aí.* — Corbin era um babaca. — *Eu preciso entrar neste banheiro antes que os outros idiotas cheguem e acabem com a água quente. Uma amiga vem me ver hoje à noite; preciso deixar meu pau cheiroso.* — Como eu disse, ele era um babaca. A grande maioria dos caras que viviam nesta casa era assim.

Eu saí de baixo do chuveiro e o fechei, tirando a toalha limpa da prateleira. Me enxuguei sem pressa só para irritar Corbin, tentando decidir qual seria minha próxima pegadinha. Pois é, nós não perdíamos a oportunidade de zombar dos nossos amigos quando eles menos esperavam. Isso dava graça às coisas.

Nesta casa, havia uma lista de coisas que você nunca deveria fazer. Uma delas era sobre não deixar seus xampus e sabonetes largados. Pode parecer frescura, mas eu carregava uma cestinha muito útil com todas as minhas porcarias. Meu creme e lâminas de barbear, xampu, até meu perfume e desodorante. Acredite quando eu disser que prefiro ser chamado de frouxo do que ter que passar por outras situações. A esponja rosa e a ducha vaginal que encontrei sobre a

minha cama na semana passada não me distraíram. Eu sempre manteria minhas coisas em segurança. Nem todos da casa tinham aprendido a lição. Os gêmeos... eles nunca entenderiam.

— *Anda logo, X.* — Ele bateu na porta de novo. — *Termine logo com isso; seu pau não é tão grande assim. É só gozar. Pense em uma mulher pelada com os peitos grandes e saia daí.*

Balançando a cabeça, me encostei na parede e peguei o vidro de sabonete líquido que tinha o nome de Corbin. Eu queria me sentir mal pelo que estava prestes a fazer, mas não consegui. Foi idiotice da parte dele deixá-lo largado para todo mundo ver. Ele também era o otário que estava me importunando naquele momento, então não havia nada mais justo.

Eu me ajoelhei e abri o armário do banheiro, me inclinando para alcançar os fundos. Havia um espaço atrás das prateleiras embutidas onde dava para esconder uma sacola com algumas coisas. Sorri ao pegá-la e a segurei diante de mim. Corante alimentício, creme depilatório e algumas outras coisas estavam muito bem guardadas dentro dela.

Desta vez, eu optei pela cor azul.

Desenrosquei a tampa do sabonete líquido dele, meu sorriso ficando cada vez maior. O frasco era cinza escuro e o conteúdo dentro dele tinha um tom meio verde azulado, o que era ainda melhor. Virei o corante, contando as gotas mentalmente.

Uma, duas, três.

— *Porra, Xavier. Anda logo.* — Pareceu que ele tinha chutado a porta dessa vez.

Eu olhei para trás, e quando me concentrei novamente, percebi que tinha perdido a conta do quanto já tinha colocado. Por um mísero instante, pensei em desistir. Mas só por um mísero instante. O otário já tinha me atormentado outras vezes.

Dei de ombros e pensei: *foda-se.*

Coloquei o corante rapidamente de volta à sacola e o escondi atrás da prateleira antes de me levantar e fechar o frasco de sabonete líquido. Depois de algumas sacudidas, eu o coloquei no lugar e enrolei a toalha na cintura. Corri para recolher minhas coisas, e assim que abri a porta, um punho quase atingiu meu rosto.

Fiquei parado, encarando-o, tentando não dar bandeira.

— Finalmente, cara. — Ele passou por mim quando fui para o corredor. Ele fechou a porta, sinal de que estava com pressa, e meu sorriso ficou ainda maior.

Voltei para o meu quarto me sentindo triunfante, imaginando como Corbin estaria quando saísse do chuveiro.

— Por que está sorrindo? — Levantei a cabeça e vi Red se aproximar. — E por que você ainda está usando essas merdas? — Ele

apontou para o meu peito.

— Ainda estou usando porque... — respondi, apontando para os piercings. — Porque gostei. São muito foda, então obrigado. — Ele odiou saber que eu não estava puto por ele ter furado meus mamilos. Isso só deixou a situação ainda mais divertida. — Eu estou sorrindo porque Corbin está tomando banho, e eu deixei uma surpresinha para ele.

— Será que eu deveria perguntar sobre o que você está falando? Porque pelo brilho nos seus olhos, fico imaginando se existe algo entre vocês. — Ele arqueou a sobrancelha sem sair da minha frente.

— Eu diria para você preparar sua câmera para capturar o momento em que ele sair do banheiro. — Passei por ele sem dizer mais nada, deixando-o pensar o que quisesse.

Assim que cheguei ao meu quarto, abri o armário que pedi para minha mãe me arranjar quando substituíram os da escola onde ela trabalha. Era o melhor lugar para manter minhas coisas em segurança, longe de todos. Depois que guardei a cesta, tranquei o cadeado e coloquei a chave no bolso da calça jeans que eu planejava usar.

Esse era o preço que se pagava por morar com um bando de estúpidos que sentia prazer em infernizar a vida alheia. Era tudo por pura diversão e, no geral, inofensivo. A não ser por algumas poucas vezes que tivemos que conviver com a humilhação de consequências duradouras. Partes do corpo que não deveriam ser raspadas, pele tatuada e outras coisas nada agradáveis.

Eu me vesti rapidamente e desci as escadas, sentando-me na sala enquanto aguardava os gritos de Corbin ecoarem pela casa. Eu sabia que eles viriam.

— Cara, eu vi a loirinha que estava com você na semana passada. — Brent apareceu na sala e se sentou sobre o braço da poltrona. — Que gata, mano! Ela trabalha no *Sub Shop*.

Acho que todos desta casa já tinham me parabenizado por Morgan. Eu não era o tipo de homem que falava sobre as mulheres com quem ficava, mas todos eles me viram sair com ela. Eles também me viram chegar em casa no dia seguinte com marcas de unhas nas costas e alguns chupões no pescoço e no ombro. Eu não dei os detalhes que eles esperavam de mim, mas também não neguei quando eles disseram que minha noite tinha sido louca.

— Ela ficou brava quando falei que meu amigo a levou pra cama — Brent disse, e eu o olhei com irritação. — Ela disse que foi *ela* quem levou *você* pra cama, e não o contrário. — Sorri. Aparentemente, Morgan gostava de ter o controle da situação. Eu precisava me lembrar disso.

— Cadê aquele otário? — ouvi a voz irritada de Corbin e os ruídos de seus passos no andar de cima. — Xavier, eu vou descer a porrada em você.

Nada surpreendia nesta casa. Nós sabíamos que cada dia seria uma nova aventura. Então, quando Corbin desceu as escadas parecendo um *smurf* perdido, todo mundo caiu na gargalhada.

— Você — ele disse, furioso, apontando para mim. — O que você colocou naquela porra?

— Não tenho ideia do que está falando. — Dei de ombros e olhei ao meu redor.

Logo atrás de Corbin, Red segurava o celular e filmava a cena inteira.

— Mentira — ele bufou. — Azul, cara? Sério? Como vou tirar esta merda? Candy vai chegar em menos de uma hora.

— Talvez ela te confunda com um pirulito e chupe você — alguém falou.

— O nome dela é Candy, certo? Diga a ela que você tem gosto de mirtilo — um outro cara acrescentou.

— Diga que seu saco está azul e dolorido de tanta excitação, e que a cor está se espalhando pelo resto do seu corpo. — Isaac estava ao lado de Red, encostado contra a parede com um sorriso enorme no rosto. — Talvez ela acredite. Quem sabe, cara?

Corbin parecia prestes a surtar. Ele bufava de raiva, transtornado.

— Eu vou te dar o troco — ele disse ao pegar o celular e discar um número. Nós conseguimos escutar a conversa enquanto ele subia as escadas. — Mãe, o que você faz para remover corantes da pele?

Gargalhadas rolavam quando Clayton entrou em casa.

— O que eu perdi? — perguntou, olhando para os que ainda estavam reunidos na sala.

— Você e seu irmão gêmeo não são mais idênticos — Jay respondeu, pegando o controle da televisão. — Ele decidiu incorporar o *smurf* que vivia dentro dele.

A expressão confusa de Clayton nos fez rir ainda mais.

Era mais um dia normal nesta casa.

Eu não esqueci do comentário de Brent. Guardaria aquela informação para usar em outro momento. De repente, me vi louco por um sanduíche com tudo o que tinha direito, servido por uma loirinha com os olhos verdes mais sedutores que eu já tinha visto.

CAPÍTULO 16

Morgan

— Acho que não tem jeito, filha — meu pai disse debaixo do capô do meu carro. — Está vazando óleo na junta do cabeçote, sem contar que o radiador está nas últimas. — Nada disso parecia ser algo bom ou fácil de consertar. Ou seja, o carro estava acabado. — Está na hora de comprar um carro novo — acrescentou, olhando por cima do capô. — Posso te ajudar — eu o interrompi antes que ele conseguisse finalizar sua oferta.

— Não — falei, balançando a cabeça. — Não é necessário. Posso pegar um ônibus para ir aonde preciso, além disso, Marcus disse que faria o possível para me ajudar. A tarifa de um ônibus é mais barata do que a manutenção de um carro. — Tentei enxergar alguma vantagem nisso, mas por dentro, estava urrando de raiva. Transporte público era horrível. Eu sempre acabava sentada perto do cara com o cheiro mais desagradável, ou da mulher que usava tanto perfume a ponto de me sufocar. Esse era o tamanho da minha sorte. Nunca entrei e saí de um ônibus sem me sentir terrivelmente nauseada, desesperada por um banho.

— Podemos procurar algo mais em conta — ele tentou de novo. — Posso falar com seu tio Rich e ver se ele consegue algo razoável em meio a tantas opções; nós podemos dar seu carro de entrada.

— Pai, está tudo bem.

Não estava tudo bem. Eu temia as medidas que teria que tomar para ir do lado A ao lado B todos os dias. No entanto, me recusava a deixar minha família mais estressada. Não tinha dinheiro para comprar um carro, não com o que eu ganhava. Toda minha renda era destinada à faculdade e ao aluguel. Eu já contribuía menos que Marcus, e me sentia muito mal por isso. Ele cuidava de mim, ainda assim, eu ia pra cama todas as noites com um nó permanente na garganta.

— Todo esse tempo dentro do ônibus pode me render ótimas

ideias caso eu decida escrever um livro no futuro — falei, sorrindo.

— Livro de quê? Terror? — Ele sorriu de volta.

— Ou comédia. — Dei de ombros, empurrando o para-lama. — Vamos, pai. Mamãe deixou o almoço no forno, e estou morrendo de fome. Não adianta ficarmos aqui perdendo tempo. Wilbur foi bom enquanto durou, agora está na hora de dar um enterro adequado para ele.

— Wilbur? — ele perguntou, dando risada.

— Sim, só consegui pensar nisso. É a cara de um homem trabalhador pronto para se aposentar — expliquei, sorrindo para meu pai.

— E Edmond? Ed? Esse nome te faz lembrar um velho pronto para ficar de pernas para o ar e pendurar as chuteiras? — Ouvi o capô do carro sendo fechado quando cheguei à frente da pequena casa onde vivi minha infância. Ela podia não ser grande, mas era mais cheia de amor do que a maioria das mansões.

— Edmond é a cara de um homem com o coração gigante — respondi, me virando para encará-lo. Observei-o se aproximar e notei seu semblante cansado. Eu queria, mais do que tudo na vida, poder ajudar mais os meus pais. Eles mereciam um momento de descanso, férias, algo assim. — Ed é o nome do melhor homem que conheço — acrescentei quando ele parou ao meu lado. — Ele é meu herói.

Isso não era mentira. Meu pai era — ele é — o melhor homem que já conheci. Ele faria qualquer coisa por sua família. Ele trabalhava longas jornadas, mas sempre chegava em casa sorrindo, demonstrando todo seu amor. Mesmo nas noites em que a exaustão o consumia e ele mal conseguia manter os olhos abertos, ainda assim encontrava tempo para Toby e minha mãe. Ele tinha um coração de ouro.

— Você sabe que é minha filha preferida. — Ele pôs o braço sobre meu ombro e me abraçou. Cutuquei-o, rindo de seu comentário brincalhão. Eu era sua única filha, mas ele sempre dizia isso. — É sério, filha. Você é incrível, e eu sinto muito orgulho disso.

Como sempre acontecia quando ele dizia essas coisas, soluzei. Ser motivo de orgulho para o meu pai era tudo o que eu precisava. Ele amava com intensidade e cuidava de todos nós, inclusive quando estava no seu limite. Era inspirador. Mesmo quando não havia mais nada a ser feito, ele conseguia amenizar os piores momentos.

— Eu também tenho muito orgulho de você — falei.



Eu estava deitada no sofá, enrolada num cobertor, quando Marcus apareceu carregando uma caixa de pizza.

— O jantar chegou — ele disse, com um tom alegre e

entusiasmado. — Pedi a sua favorita.

— A de cogumelos com azeitonas pretas? — perguntei, assistindo ao canal *Lifetime*.

— Isso mesmo. — Ele levantou meus pés e se sentou no sofá, colocando-os em seu colo. — Pete mandou um “oi” e disse que acrescentou mais molho para você.

Revirei os olhos ao ouvir o nome de Pete.

— O cara está caidinho por você — Marcus zombou.

— Pete fica caidinho por todas as loiras que vão a Porter’s Pizza. — É sério. Eu já o vi salivando em inúmeras ocasiões enquanto sondava os quatro cantos da pizzaria, contemplando todas as loiras à sua frente.

— Querida, se ganharmos pizza de graça por causa desse seu jeitinho inocente, estou disposto a tirar o máximo proveito disso. — Marcus massageou meus pés. — Falei para ele que você passaria lá qualquer dia desses.

Ele riu ao ver meu olhar de espanto.

— O que foi? — perguntou, dando de ombros. — Eu tinha que falar alguma coisa para o coitado, e como ele não estava interessado em mim, acabei oferecendo você.

— Bela forma de me explorar. — Voltei minha atenção para a televisão. — Se o cara soubesse o quanto posso ser chata.

— Não tem problema — Marcus disse. — Tenho certeza de que não faria diferença. Ele parece ser do tipo submisso.

— Meu Deus — resmunguei. Essa foi minha deixa para sair dali. — Sequer quero imaginar aquele cara tendo intimidades.

— E o Xavier? — Marcus perguntou atrás de mim, e eu fiquei feliz por ele não poder ver minha reação.

Esse nome ainda me causava arrepios. Mas depois do amigo dele ter ido à lanchonete e comentado sobre nossa noite juntos, fiquei um pouco irritada.

— Você não tem que imaginá-lo tendo intimidades. — Marcus se aproximou da bancada quando coloquei dois pratos ao lado da pizza. — Preciso admitir que os gemidos que saíram do seu quarto naquela noite foram bem eróticos. — Olhei para ele bem a tempo de vê-lo estremecer de prazer. — Quem me dera ser uma mosca naquela hora. — Um sorriso enorme tomou conta de seu rosto.

— Tá legal, esquisitão — falei, dando um prato para ele. — Chega de fantasiar. — Seu sorriso ficou maior. Ele pegou o prato e piscou para mim.

— Só acho que você deveria ter sugerido repetir a noite. — Ele deu de ombros, virou-se e foi para a mesa.

Marcus sempre deixava as coisas mais interessantes.

— Para quê? Para depois ele falar com os amigos sobre a

mulherzinha fácil que ele comeu? — as palavras escaparam antes que eu tivesse tempo de pensar direito. Falha minha. Também conhecida como a síndrome de meter os pés pelas mãos. Ou talvez fosse a síndrome que me impedia de fechar o bico.

— Ele não fez isso. — O bom humor de Marcus desapareceu, e em seu lugar havia um olhar nada satisfeito. — Espere, eu me expressei mal; espero que ele não tenha feito isso.

Como eu não disse nada, Marcus se inclinou e semicerrou os olhos enquanto eu me sentava.

— Quem te disse isso? — perguntou.

Marcus era um amigo maravilhoso. Ele trazia à tona o que havia de melhor em mim, aquela parte que eu raramente permitia que os outros vissem. Eu não precisava fingir para ele.

— Não foi ele, mas um de seus amigos foi ao *Sub Shop* e disse que eu era a garota que ele seduziu. Você tinha que ter visto a cara dele — comentei, brincando com a pizza. — Tenho certeza que ele arrancou de Xavier o máximo de detalhes que conseguiu e inventou o resto, já que ele não se lembrava de muita coisa.

— Sinto muito, querida — Marcus disse, segurando minha mão. — Fui eu quem te empurrou pra cima desse cara.

— Nada disso. Eu fiz tudo sozinha — o corrigi. — Não vou negar que foi divertido, mas acabou. Agora só quero seguir em frente.

Peguei a pizza com a mão e comi um pedaço sem me preocupar com os modos. Eu era um desastre, mas não me importava. Marcus não me julgava nem esperava que eu comesse só salada. Eu conseguia comer mais do que ele, e normalmente, era isso o que acontecia.

Começamos a conversar sobre meu falecido carro e sobre meus planos para ir e voltar das aulas e do trabalho.

— Não gosto de imaginá-la andando naquele ônibus asqueroso — ele falou, enquanto lavávamos a louça. — Você deveria aceitar a ajuda do seu pai.

— Não insista nisso — respondi.

Meus pais já estavam com a hipoteca atrasada. Eles não podiam se dar ao luxo de me transformar em sua prioridade. Eu daria um jeito. Apesar de não gostar, faria esse sacrifício para resguardar minha família.

CAPÍTULO 17

Xavier

— O que você deseja? — a ruiva do outro lado do balcão perguntou toda eficiente. Eu estava muito ocupado procurando Morgan para querer ver o cardápio.

— Morgan está trabalhando hoje? — perguntei, vendo o sorriso da garota vacilar.

— Ela chega às quatro — respondeu, me olhando com curiosidade. — Você é amigo dela?

Peguei o celular para ver as horas e desanimei ao perceber que ainda eram duas.

— Você vai fazer seu pedido? — a garota perguntou quando não respondi sua pergunta anterior.

— Sim — falei, colocando o celular no bolso. — Vou querer o número quatro.

Esperei pacientemente enquanto ela preparava e embrulhava meu sanduíche.

— Mais alguma coisa?

— Só isso mesmo — falei, indo em direção ao caixa.

Depois de pagar pela comida, fui para o canto mais afastado e me acomodei numa pequena cabine. Eu não estava com fome, mas não podia ficar sentado aqui sem pedir nada.

Passei a hora seguinte concentrado na dissertação que eu tinha que entregar na próxima semana. Meu celular vibrou sobre a mesa, e tive que me esforçar para não rir quando abri a mensagem. Era uma foto de Red imobilizando Isaac com um abraço de urso. Mas o mais engraçado era a maquiagem que Red ostentava. Pelo visto, Isaac tinha finalmente conseguido se vingar de Red.

— O que você está fazendo aqui?

Ergui a cabeça e encontrei ninguém mais, ninguém menos que Morgan parada ao lado da mesa. Seus braços estavam cruzados; ela não parecia feliz em me ver.

— Estou comendo um sanduíche — respondi, erguendo o

sanduíche ainda embrulhado. — E você, o que faz aqui? — perguntei, agindo como se estivesse surpreso.

— Não se faça de idiota, isso não combina com você. — Ela descruzou os braços. — Cora me disse que você estava me procurando, que já está aqui há mais de uma hora e sequer tocou na comida.

— Sente-se. — Gesticulei para o lado oposto da cabine. — Eu me lembro de você sendo muito mais amigável na última vez em que nos vimos.

— Se considerarmos o fato de que você não conseguia lembrar onde havia deixado o sapato, eu diria que a sua memória não é tão boa assim. Eu poderia ter sido uma víbora, e você não saberia. — Ela arqueou a sobancelha.

— Pode até ter sido verdade no início, mas posso lhe garantir que minha memória está retornando aos poucos. Lembranças e visões, palavras sendo ditas... está tudo aqui — eu disse, encostando a ponta do dedo em minha têmpora.

Ela não parecia convencida.

Eu me aproximei um pouco mais, porque não queria que as pessoas à nossa volta escutassem o que eu estava prestes a dizer.

— Você tem uma marca de nascença na parte interna da coxa esquerda — sussurrei. — Ela se parece com um diamante. Lembro claramente disso porque passei bastante tempo com a cabeça metida entre suas pernas, beijando e lambendo.

Morgan engoliu em seco, mas continuou com os olhos fixos em mim, estreitando-os suavemente. Depois, contraiu os lábios enquanto tentava demonstrar indiferença ao meu comentário.

Ela se inclinou em minha direção, mas não recuei. Estava gostando da nossa proximidade.

— Essas são as mesmas histórias que você contou aos seus amigos quando chegou em casa no dia seguinte? — perguntou, me pegando desprevenido. — Você deu a eles todos os detalhes sobre a mulherzinha fácil com quem passou a noite? Contou a eles que implorei por mais, que era insaciável?

— Eu não contei nada a eles. — Fiquei um pouco confuso pelo rumo que a conversa havia tomado.

— Foi apenas uma noite, uma noite completamente atípica para mim. Eu me entreguei, mas agora acabou. — Morgan se endireitou. — Dei a você uma bela história para contar quando estiver reunido com seus amigos conversando sobre as mulheres fáceis com quem já ficou nas festas. No dia seguinte, quando eu te disse que aquilo não se repetiria, eu estava falando sério.

Ela virou as costas para mim, e agarrei seu braço por puro instinto. Seu olhar se fixou no local onde minha mão estava. Morgan

bufava de raiva. Saí da cabine e cheguei mais perto dela, soltando seu braço.

— Não sei por que você está irritada, mas posso assegurá-la que não contei nenhum detalhe sobre a nossa noite para os meus amigos. Eles só souberam que eu saí com alguém porque nos viram deixando a casa juntos. As marcas de unhas e os chupões no pescoço foram as únicas provas que tiveram no dia seguinte.

Ela me observava como se ainda não acreditasse em mim.

— Eu não disse nada a ninguém. Aquela noite é só nossa — falei. — Vim procurá-la hoje porque desde aquela noite não consigo pensar em mais nada. Eu sei que você falou que não tem tempo para namorar, mas só quero que você saiba que eu estaria disposto a aceitar o que puder me oferecer.

Voltei para a mesa, peguei meu livro e meu caderno, e deixei o sanduíche para trás. Ela ainda me observava com atenção quando a encarei de novo.

Eu não sabia se essa era a atitude certa, mas não deixei meu nervosismo me impedir. Me inclinei e dei um beijo em seu rosto.

— Não sou esse tipo de pessoa, Morgan — sussurrei. — Não sou um canalha.

Não esperei por sua resposta. Simplesmente passei por ela e segui em direção à saída.

Assim que cheguei à calçada, finalmente consegui respirar direito. Minha cabeça girava, e meu coração parecia prestes a sair pela boca.

As coisas sempre foram descomplicadas com Britney, inclusive no início do relacionamento. A pedi em namoro depois que ela deu todos os sinais de que era isso o que queria. Era óbvio que ela estava interessada. Era tudo muito tranquilo entre nós, na medida do possível. Agora, olhando para trás, vejo que ela era grudenta e ciumenta, controladora e possessiva. Ainda assim, eu nunca tive muito trabalho com ela.

Morgan era um mistério, um desafio.

Meu pai sempre me disse que as melhores coisas da vida não eram fáceis de conseguir; você tem que se empenhar para conquistá-las. Eu estava disposto a lutar por Morgan, disposto a provar que eu não era o canalha que ela imaginava.

Passei uma única noite com ela, mas seu sorriso ficou gravado na minha mente. As lembranças ainda eram um pouco vagas, mas eu sabia que jamais apagaria seus lindos olhos castanho-esverdeados e sua risada dos meus pensamentos. A nossa noite juntos foi incrível. Uma noite imperfeita e inesquecível que eu não conseguia tirar da cabeça. Tudo o que eu precisava era apenas uma chance para mostrar a Morgan que nós poderíamos ser muito mais do que só uma aventura.



— Que porra é essa, cara?! — resmunguei assim que saí do quarto e tropecei em alguma coisa. Ainda estava escuro do lado de fora, então era difícil de enxergar. O que eu sabia era que aquilo, ou aquela pessoa, continuava em frente à porta do meu quarto.

Cutuquei a silhueta de novo, com um pouco mais de força dessa vez, e ouvi um resmungo grave e irritado.

Eu já não me espantava com as coisas que rolavam nesta casa. Era tudo normal.

Não tentei entender por que alguém teria preferido dormir no meio do corredor, e não na cama. Imaginei que a pessoa tivesse um motivo para isso. Então, passei por ela e fui ao banheiro.

Quando eu estava prestes a sair, ouvi um grito alto. Fiquei alarmado porque parecia ser um grito de mulher. Saí do banheiro correndo e fui em direção ao barulho, mas parei repentinamente. No chão, em frente à porta do meu quarto, estava a pessoa em quem tropecei; Red também estava lá. A luz do corredor havia sido acesa, portanto pude confirmar que o cara deitado no chão era Clayton, todo encolhido em seu saco de dormir com a cabeça para fora.

— Qual é o problema de vocês? — perguntei, completamente confuso com aquela palhaçada. — Por que você está dormindo no corredor? — perguntei a Clayton antes de lançar um olhar curioso para Red. — E por que você está em cima dele com um jarro de... — hesitei, olhando para o jarro que ele segurava. — Isso é suco em pó?

— É — Red respondeu, dando de ombros. — Foi tudo o que encontrei para jogar neste idiota.

Passei a mão pelo rosto, morrendo de raiva. Eles passaram dos limites. Estava cedo demais para essa merda.

— Ele despejou óleo de cozinha no chão do meu quarto. Fui mijar e quase quebrei o pescoço — Red disse. — Escorreguei, me atrapalhei todo, e quase atravesssei a porta, porra. Um cara do meu tamanho não pode se dar ao luxo de fazer essas presepadas. — Um olhar horrorizado tomou conta de seu rosto.

Tentei não rir, mas foi difícil não esboçar reação depois de imaginar a cena. Red é um homem enorme.

— Você colocou pudim na minha cama, cacete — Clayton interrompeu, seu sotaque sulista carregado ecoando pelo corredor. Ele ainda estava todo enrolado no saco de dormir, tentando se esconder de Red e da jarra de suco.

Olhei para Red e arqueei a sobrancelha.

— Pudim?

Ele assentiu como se essa fosse a coisa mais normal do mundo.

— Então eu joguei óleo no chão para me vingar — o murmúrio

de Clayton quebrou o silêncio.

— Exatamente, e agora eu vou inundar o rabo dele — Red anunciou, elevando a jarra.

— Dá pra vocês dois irem para outro lugar? Está cedo demais. Se quiserem continuar com essa merda, façam isso longe do meu quarto. — Passei por cima de Clayton, balancei a cabeça para Red e entrei no quarto, fechando a porta atrás de mim.

Escutei alguns sussurros abafados, seguidos pelos gritinhos de Clayton um pouco antes da risada gutural de Red explodir pelo corredor.

O filho da mãe entornou aquela porcaria em frente à minha porta.

Eu amava aqueles caras, de verdade, mas já estava começando a acreditar que precisava de um lugar mais tranquilo e civilizado. Eu morava com um bando de animais.

CAPÍTULO 18

Morgan

Eu estava na aula, olhando para frente, mas não escutava nada do que o professor dizia. Não conseguia me concentrar em nada além do que Xavier disse ontem. *Não sou esse tipo de pessoa, não sou um canalha.*

Talvez fosse verdade.

Não vou fingir que a vontade de repetir aquela noite não passou pela minha cabeça. Bêbado ou não, o cara era um escândalo. Ele podia ter se atrapalhado um pouco, podia até ter dito as mesmas coisas várias vezes no decorrer da noite, mas suas habilidades compensavam sua falta de sutileza.

Toda vez que eu pensava em sua boca e em suas mãos, uma onda de calor me atingia. Então eu lembrava que precisava me manter focada. Não podia me distrair com um cara e suas habilidades em me fazer esquecer de tudo, ainda que por pouco tempo. Minha vida já era difícil demais, e eu não precisava ter que lidar com mais drama. Aliás, relacionamentos eram exatamente isso: dramas. Principalmente um romance com o membro de uma fraternidade que passava os finais de semana em noitadas às custas dos pais.

Quando o Professor Wright nos dispensou, peguei minhas coisas e saí da sala. Eu teria um intervalo de quase duas horas até meu horário de trabalho, mas pegar o ônibus de volta para casa estava fora de cogitação. Então fui até uma máquina de vendas automáticas, comprei uma Coca-Cola e um pacote de cookies de chocolate, e voltei para o lado de fora, olhando à minha volta. Assim que encontrei um banco vazio, comecei a andar em sua direção.

Eu já estava sentada quando peguei meu tablet na bolsa. Usei os dentes para abrir a embalagem de cookies enquanto navegava pelo guia de estudos que eu tinha baixado na noite anterior.

Não demorou muito para que eu estivesse imersa em toda terminologia médica, distraída de tudo que não tinha relação com os estudos sobre paralisia cerebral. Toby era minha inspiração para

querer atuar na área de medicina. Eu ainda não sabia qual especialidade gostaria de seguir. Ainda tinha tempo para decidir, já que eu demoraria o dobro do tempo para me graduar. Eu só sabia que queria ajudar as pessoas. Queria dar esperança a elas nos momentos em que parecia não haver nada a ser feito.

Estendi a mão para pegar meu refrigerante, meus olhos permaneciam atentos à tela, e não ao que eu estava fazendo, então acabei derrubando-o. Ainda bem que ele estava fechado.

Me curvei para pegá-lo, e ao me endireitar fui surpreendida por uma sombra que bloqueava o sol. Com os olhos semicerrados, ergui a cabeça e dei de cara com Xavier parado bem na minha frente com um sorriso no rosto.

Sem dizer nada, lancei um olhar desconcertado e esperei que ele dissesse alguma coisa. Ele levou a mão às costas e tirou algo da mochila.

— Um pedido de desculpas — ele disse, estendendo o pacote para mim.

Eu tentei segurar o sorriso.

— Balas azedinhas? — perguntei, imaginando como ele sabia que eu amava *Skittles*.

— Eu falei para você que comecei a lembrar da nossa noite. — Desviei o olhar, porque seu sorriso me distraía. — Havia cinco pacotes destas balas sobre sua cômoda e dois sobre sua mesa de cabeceira. Se me lembro bem, também havia algumas no seu carro quando você me levou para casa na manhã seguinte.

— Você sabe ser observador mesmo quando não consegue andar direito — respondi, com ironia. — Impressionante.

— Isso quer dizer que somos amigos? — perguntou no momento em que me recostei contra o banco, fazendo o possível para me manter indiferente.

— Duvido — provoqueei.

Quando ele começou a pegar a bala de volta, estendi a mão e a arranquei dele. Ele riu.

— Posso me sentar?

— Depois de você ter me subornado com doces, seria grosseria da minha parte se eu dissesse que não. — Eu me movi sobre o banco, abrindo um pouco mais de espaço para ele se sentar ao meu lado.

— Então... sobre aquele dia — ele começou a voltar atrás, mas ergui a mão para interrompê-lo.

— Eu fui uma estúpida — falei. Ele franziu a testa, surpreso com o que eu disse. — Tive uma semana horrível, meu carro quebrou, e agora tenho que pegar o ônibus todos os dias. Além disso, meu chefe é um babaca, e o comentário que seu amigo fez sobre nós no meio da lanchonete me pegou desprevenida.

— Você se defendeu — ele disse, virando-se mais para me encarar. — Não foi uma estúpida.

— Legal da sua parte dizer isso, mas fui uma estúpida, sim. — Dessa vez, ele não discutiu.

— Peço desculpas por Brent. Ele sabe ser um idiota. — Xavier esticou o braço sobre o encosto do banco, e eu senti seus dedos tocarem meu ombro com o movimento. — Mas eu estava falando sério.

— Sobre o quê? — perguntei, sentindo meu coração acelerar agora que ele estava mais perto, com o olhar fixo em mim. O que havia entre mim e este cara? Eu conseguia ser indiferente a qualquer outro homem. Xavier, porém, tinha esse jeito... talvez fosse o olhar, ou sua mera presença que me deixava toda abalada e derretida por dentro.

— Sobre tudo, na verdade. — E lá estava aquele sorriso de novo. — Eu nunca disse nada sobre a nossa noite para eles. Não sou o tipo de cara que entra em detalhes. Isso é um desrespeito. Prefiro manter a minha vida pessoal em sigilo.

Olhei para a embalagem de *Skittles* que estava na minha mão só para conseguir pensar direito. Era difícil raciocinar quando ele me observava com olhos castanhos tão gentis. Nunca passei por uma decepção amorosa no passado. Sequer deixava os homens chegarem perto de mim. O motivo pelo qual eu me mantinha longe de relacionamentos não era um segredo. O fato era que eu não tinha tempo para distrações.

— Eu também estava falando sério quando disse que estou disposto a aceitar qualquer coisa só para ficar perto de você. — Respirei fundo e virei a cabeça o suficiente para analisar sua expressão. — Estou ciente do que você falou sobre não ter muito tempo para namorar.

— Não tenho mesmo — lhe garanti.

— Certo, então, vamos dispensar os cinemas e jantares. Eu vou te surpreender pedindo comida em casa quando você estiver muito cansada para cozinhar depois de um longo dia. — Eu tinha que ser justa com Xavier, ele era bem persistente. — E daí que demoramos uma semana para terminar de assistir a um filme na Netflix? Nós levaremos o tempo que precisarmos. Por mais que você diga que é complicado, acho que nós podemos descomplicar tudo isso. — O olhar tímido que ele me lançou junto com uma piscadinha me fez rir.

Me controlei rapidamente e balancei a cabeça, tentando pensar com clareza.

— Me diverti muito naquela noite, Xavier. — Não consegui encontrar uma palavra melhor para usar. Diversão era um eufemismo. — Mas com a faculdade, trabalho e outras coisas, não me resta muito

tempo.

— Outras coisas? — perguntou, acariciando meu ombro com o dedo.

Arrepios cobriram meu braço, e eu lutei contra o tremor que me atingiu.

— Família — respondi, mais ofegante do que pretendia.

— Nenhum amigo homem? — perguntou, ainda alisando meu ombro.

— Homens são muito complicados — falei, fazendo-o sorrir na mesma hora.

— Ah, é? — Ele se aproximou mais, e, de repente, senti um pouco de dificuldade para respirar. Assenti. — Eu posso ser divertido — assegurou.

Contemplei a ideia do quão *divertido* ele poderia ser, fechando as pernas com força para tentar controlar meus pensamentos.

— Drama demais — respondi, desviando meu olhar daqueles olhos castanhos que estavam completamente vidrados na minha boca.

— Detesto dramas — ele acrescentou. Ergueu a outra mão e segurou a minha sobre minha coxa. — Apenas uma chance — sussurrou. — É tudo o que eu peço.

Meu corpo inteiro gritava “sim”. Eu queria faltar ao trabalho e levá-lo para o meu apartamento onde poderíamos passar a tarde toda revivendo cada toque, cada beijo daquela noite. Estava desesperada para senti-lo me tocar de novo.

Mas a mulher madura que havia em mim, aquela que sabia que eu não tinha tempo para bancar uma adolescente tarada, lutou contra o impulso dentro de mim.

— Não posso — sussurrei, antes que eu mudasse de ideia. Fechei os olhos, concentrada na sensação provocada por seus dedos. Seu toque tornava quase impossível manter minha determinação.

Como se não bastasse, ele se aproximou mais, muito mais do que naquela manhã em que eu o levei em casa. Seus lábios roçaram contra minha bochecha, seu hálito quente se espalhando pelo meu ombro e pescoço.

— Pode, sim — ele sussurrou. — Vou convencer você de que tudo isso valerá a pena.

Ele se levantou, dando um beijo suave em meu rosto, perto do canto da minha boca. Quando já havia uma certa distância entre nós, eu o olhei.

— Você não desiste, né?

— Não — ele sequer hesitou. — Não quando eu desejo alguma coisa.

— *Eu sou essa coisa?* — respondi, reencontrando a petulância que eu havia perdido por um momento.

— Não, Morgan, você é esse *alguém*. — Ele me encarou por um tempo, em seguida, se inclinou e colocou um pedaço de papel em meu colo.

— O que é isto? — perguntei, desdobrando-o.

— Não pegue o ônibus — ele disse. — Me ligue.

Ele se virou e começou a andar sem me dar a oportunidade de questioná-lo. Observei-o passar pela grama ao se dirigir para o estacionamento. Seu jeito de andar era sexy e confiante, enquanto sua calça envolvia suas pernas e bunda com perfeição.

Antes de entrar em um carro vermelho, acenou para mim, fazendo meu coração acelerar no peito. Por que ele tinha que ser tão confiante e exigente? Ele não podia aceitar nossa noite pelo que ela foi de verdade? Uma noite de sexo ardente entre dois adultos. Pronto, fim, vamos seguir em frente.

A essa altura, eu estava muito distraída para cogitar continuar minha leitura. Cada palavra teria que ser relida, porque eu só conseguia lembrar de sua respiração quente em meu pescoço e de seus dedos sobre meu ombro. Seria inútil.

Então, recolhi minhas coisas e fui caminhando para o trabalho.

Meu celular começou a tocar quando eu já estava na metade do caminho. Tirei do bolso e vi que era Marcus.

— Oi — falei, com o telefone na orelha.

— *Onde você está?* — perguntou, e a seriedade em seu tom de voz me apavorou.

— Indo trabalhar, por quê? — Parei à beira da rua e, pelo telefone, ouvi ruídos do que pareciam ser pneus derrapando. — Marcus, o que está acontecendo?

— *Fui até a casa dos seus pais para ficar um pouco com Toby* — ele disse, angustiado. Não era incomum de sua parte ir até lá sem nenhum motivo aparente; ele fazia isso o tempo todo. — *Toby estava dormindo, e sua mãe...* — ele começou a explicar. Parei de andar, saindo do caminho para que as pessoas passassem na minha frente.

— Me conte — disse, pressionando-o.

— *Acho que é melhor esperar até eu buscar você* — ele insistiu.

— Nada disso, pode me contar agora — eu exigi.

— *Nas últimas vezes que fui visitá-los, eu encontrei sua mãe chorando em diferentes cômodos da casa. Hoje ela estava sentada à mesa da cozinha, olhando para o nada. Ela nem sequer me ouviu entrar, estava perdida em tristeza* — ele continuou, e senti um aperto no peito. — *Acho que ela precisa de ajuda, Morgan.* — É claro que ela precisava. Estava sobrecarregada, estressada por conta dos cuidados que Toby precisava e por conta do dinheiro necessário para arcar com tudo. — *Sei que você conversa com sua mãe, que você se oferece para ajudá-la sempre que pode, mas você já parou para observá-la?*

Claro que já... não é?

— *Acho que ela precisa de mais do que apenas ajuda física, Morgan. Ela precisa procurar um médico.* — Naquele exato momento, olhei à minha esquerda e vi Marcus parar na lateral da rua, a poucos metros de mim. — *Ela está deprimida, e não é pouco. É grave, Morgan. Ela precisa de ajuda.*

Meus olhos se encheram de lágrimas enquanto eu a imaginava tão triste a ponto de sentir que o mundo estava desmoronando ao seu redor.

— Se eu faltar ao trabalho, vou perder meu emprego — sussurrei. Não sei se esse foi o jeito que encontrei de ignorar a verdade, de evitar encará-la, ou se eu realmente estava com medo de ser demitida.

— *É uma merda de trabalho com uma merda de salário* — Marcus disse, e eu sabia que ele tinha razão, mas era a única renda que eu tinha. Apesar do financiamento estudantil e das bolsas, eu mal conseguia pagar as contas. — *Já liguei para o seu pai, ele está indo para casa. Eles vão precisar do nosso apoio.*

Coisas assim, situações como esta só confirmava o que eu disse para Xavier alguns minutos atrás. A minha vida era complicada. Se eu cedesse, ele não se incomodaria com o tempo limitado que teríamos no início. Mas isso mudaria, e ele se cansaria de ter que ir aos eventos sozinho ou de me ver indo embora às pressas por algum motivo.

No fim, só me restaria a ideia do que existiu entre nós, ele seguiria a vida e encontraria outra mulher que pudesse lhe oferecer um relacionamento de verdade. Seria melhor para nós dois se eu continuasse resistindo às suas investidas.

Entrei no carro, puxando o cinto de segurança sem sequer olhar para Marcus.

— Está tudo bem? — ele perguntou. Assenti, mas logo fiz que não com a cabeça.

Balançando a cabeça, eu o encarei, e uma lágrima rolou pelo meu rosto.

— Como não percebi que ela estava deprimida? Eu sabia que eles estavam passando por dificuldades, que ela estava sobrecarregada, mas continuei vivendo minha vida, crente que tudo se ajustaria.

— Todos nós fizemos isso — ele disse, segurando minha mão. — Ela já passou tanto tempo cuidando de nós; chegou a hora de cuidarmos dela.

Ele tinha razão. Minha mãe sempre se doou muito para aqueles à sua volta sem esperar nada em troca. Ela era perfeita, e estava na hora de ela ter seu tão merecido descanso.

CAPÍTULO 19

Xavier

Fazia dois dias que vi Morgan no pátio da faculdade. Eu tinha voltado ao mesmo lugar, no mesmo horário nos dias seguintes, mas não a encontrei. Eu esperava mesmo que ela fosse usar o número que lhe dei para me pedir carona? Acho que tinha esperança de que um milagre acontecesse.

Eu não gostava da ideia de vê-la andando de ônibus.

Comecei a ficar ansioso após o terceiro dia. Fui até ao *Sub Shop*, mas fiquei sabendo que ela não trabalhava mais lá. O babaca exasperado que estava atrás do balcão pediu para que eu a agradecesse por deixá-lo na mão. Imaginei que ele fosse o gerente quando o vi gritar ordens para o restante dos funcionários. Se eu trabalhasse para um idiota como ele, eu já teria ido embora antes de mandá-lo ir se foder.

Eu sabia que não tinha o direito de me preocupar, mas não pude evitar.

Entrei no carro e dirigi até o apartamento que ela dividia com o amigo, respirando fundo ao me aproximar de sua porta. Ouvi o barulho de fechaduras sendo destrancadas e de uma corrente sendo movida sobre uma trava de metal antes da porta ser aberta.

— Opa, é o Sr. Abacaxi. — Lá dentro estava o amigo dela, o homem que nunca me deixaria esquecer aquela noite. Eu tinha medo de descobrir todas as coisas que ele ouviu e presenciou naquela ocasião.

O lubrificante com fragrância de abacaxi era mais do que eu gostaria que ele soubesse. Fiquei aliviado por saber que aquela noite não tinha se desenrolado do jeito que eu imaginei quando acordei, mas eu tinha uma sensação bizarra de que Marcus ficou escutando tudo do lado de fora do quarto de Morgan.

Tinha coisas que era melhor não saber.

— Morgan está por aqui? — perguntei, ignorando seu comentário sobre abacaxi.

— Não — ele disse, enfatizando a palavra. — Ela pegou meu carro e foi para a casa dos pais, mas... — hesitou, tirando o celular do bolso. Digitou uma mensagem, e quando eu ia falar, ele me encarou com um brilho nos olhos. — Você poderia bancar o herói e me levar até lá para eu pegar meu carro.

Não vou mentir, o cara me assustava um pouco. Acho que isso se deve ao fato de que ele me viu pelado de verdade.

— Você vai poder ver Morgan — ele disse, com um sorriso. Pelo visto, me subornar era sua cartada principal.

— Claro — respondi, recuando quando ele correu para perto de mim, invadindo meu espaço. Ele parecia inofensivo, mas algo me dizia que seu intuito era me irritar. Provavelmente porque eu ficava vermelho de vergonha toda vez que ele fazia algum comentário sobre aquela noite. Ou talvez fosse o fato de que ele me olhava como se lembrasse de mim todo esparramado no chão do quarto de Morgan, com a bunda para o alto.

Marcus ficou todo à vontade depois que entramos no carro. Ele assumiu o controle do rádio e o sintonizou até encontrar a estação que gostava. Começou a bisbilhotar meu porta-luvas, e eu o encarei, certo de que ele tinha pirado. Quem fazia um negócio desses com alguém que mal conhecia?

— Sabia que existem duas maneiras infalíveis de conhecer alguém de verdade? — comentou, sem olhar em minha direção, focado em vasculhar meu porta-luvas, agora vazio, já que todo conteúdo estava em seu colo. — Através do lixo dessa pessoa, mas eu sou lindo demais para ficar revirando a lixeira da fraternidade. Então, a segunda alternativa é através do carro da pessoa.

Ele deu de ombros enquanto analisava item por item. Eu não tinha nada para esconder apesar de achar suas táticas meio esquisitas.

Ele pegou uma foto na pilha de coisas assim que eu parei no sinal vermelho.

— Sua família? — perguntou.

Me inclinei para olhar a foto.

— Sim. Esses são Carter e Cassie, meus irmãos. A mulher é minha mãe, Caroline. — Eu tinha esquecido que aquela foto estava ali. Ela era de uns quatro anos atrás, porque agora Carter estava no ensino médio e ela foi tirada antes de Cassie cortar o cabelo.

— Seu pai é presente? — Marcus perguntou, e me endireitei, removendo o pé do freio.

— É, sim. — Meus pais eram tão grudados um ao outro que, às vezes, era enjoativo ficar perto deles. Até hoje eles agiam como se fossem dois namoradinhos na adolescência. Acho que toda aquela novidade que um relacionamento proporcionava nunca se esgotou para eles. Minha família era incrível. — Ele trabalha muito.

— Isso é algo que você e Morgan têm em comum — Marcus respondeu ao colocar os objetos de volta ao porta-luvas. — O pai dela trabalha mais do que deveria.

— Ela tem irmãos? — perguntei.

— Toby — Marcus falou. Eu quase pude ouvir o sorriso em sua voz. — Criança maravilhosa.

Ele não disse mais nada sobre Toby, mas o termo “criança” me fez acreditar que ele era mais novo que Morgan. Depois, as únicas palavras que trocamos pelo restante do trajeto foi quando ele teve que me dizer aonde eu deveria ir.

— Chegamos — Marcus disse, apontando para uma pequena casa amarela que ficava na esquina.

Ela tinha uma aparência envelhecida, a grama estava um pouco mais alta se comparada às outras residências. Havia evidências de que uma porta com tela já tinha sido usada por ali em algum momento, porque a guarnição e as dobradiças ainda eram visíveis. A tinta azul da porta da frente estava craquelada e desgastada, com lascas soltas em alguns lugares, mostrando a madeira debaixo. Na entrada para carros havia um automóvel azul lustroso e sofisticado. Um Toyota antigo estava parado ao lado dele com sua pintura desbotada e envelhecida.

— Vamos lá, bonitão — Marcus gritou ao abrir a porta do carro e correr em direção à varanda.

Meus pais não eram ricos, mas viviam bem. Meu pai era dono de uma construtora que reformava e fazia a manutenção de imóveis. O negócio foi criado pelo pai dele há muitos anos, mas acabou se expandindo e prosperando mais do que ele imaginava. Eles se planejaram muito bem para o futuro através de investimentos. Minha mãe era professora numa escola de ensino médio em Kissimmee, Flórida, minha cidade natal.

Não fui educado para ser melhor que os outros; aprendi que éramos todos iguais. Mas, pensando bem, eu sabia que ainda não conhecia todas as faces dessa garota fascinante. Ela era diferente, e eu soube disso desde o início.

Marcus sequer bateu à porta antes de entrar. Ele simplesmente a abriu e gritou algo sobre o homem mais sexy do mundo estar presente. Tive que rir, porque, sinceramente, o cara parecia ser engraçado.

Na parte de fora da casa, havia uma rampa improvisada feita com caibros e madeira compensada. Logo pensei que a fachada da casa ficaria muito melhor se eles colocassem um pequeno deque com algumas grades.

Me senti um pouco desconfortável por entrar na casa sem ser convidado, mas Marcus tinha sumido. Como a porta ainda estava

aberta, dava para ouvir o eco de sua voz, mas eu não conseguia vê-lo.

Sem querer deixar a porta escancarada, entrei e fechei-a logo em seguida. Enfie as mãos nos bolsos e olhei para o pequeno espaço apertado com uma grande quantidade de móveis. Em um dos cantos, havia uma engenhoca com alças e um guincho, ou uma espécie de assento, sei lá.

Eu me sentia gigantesco enquanto analisava o lugar.

— Olá. — Olhei à minha esquerda, todo nervoso, assim que uma mulher baixinha com cabelos curtos e loiros entrou na sala. — Você deve ser Xavier, mas Marcus insistiu para que eu o chamasse de Homem Abacaxi. — Ela sorriu. — Não sei se quero saber o motivo.

Tentei não reagir, mas quando ela riu, tive a certeza de que o espanto e o desconforto estampavam meu rosto. Eu não poderia esquecer de me vingar dele quando a oportunidade surgisse.

— Xavier — respondi, esticando a mão para ela. — Stone. Xavier Stone — eu disse, apertando sua mão.

— Ele me contou que você é amigo de Morgan. — Seu olhar curioso não passou despercebido. — Eu nunca consigo conhecer os amigos dela, além de Marcus, claro, mas ele é como se fosse meu filho. Ela vive sua vida fora daqui com bastante discrição.

— Eu também percebi isso. Ela é um enigma complicado de ser decifrado — concordei, e ela sorriu ainda mais.

— Complicada é uma ótima forma de descrever minha filha. Persistente, determinada e teimosa são outras opções que poderíamos usar também.

— Ranzinza, reservada, geniosa — Marcus acrescentou ao entrar na sala. — Talvez um pouco rancorosa também.

A mãe de Morgan riu, concordando com Marcus.

Minha opinião sobre o assunto foi deixada de lado quando um garotinho entrou na sala em uma cadeira de rodas motorizada. Ele parou abruptamente, esbanjando um sorriso enorme, todo feliz.

Eu conseguia sentir o olhar de Marcus e da mãe de Morgan fixos em mim como se eles analisassem minha reação ao menino. No início, fiquei um pouco chocado, mas o espanto passou rapidamente. Inclinei-me e coloquei a mão sobre a dele.

— Oi — falei. — Você deve ser o Toby, né?

Ele não respondeu. Olhou para a mãe, e pela empolgação em seu rosto, eu diria que passei no teste.

— Ele aprovou, Mãe — Marcus disse à mãe de Morgan. — Toby conhece uma pessoa generosa quando encontra uma.

Não entendi o que ele quis dizer, mas a tensão que eu sentia se dissipou quando eles me convidaram para entrar e me levaram até a mesa, onde eles também se juntaram a mim. Eu tinha sido aceito.

— Morgan foi à loja de materiais de construção com Ed; eles

vão parar no caminho para pegar o almoço. Tenho certeza de que não vão demorar — a mãe de Morgan disse. Seu nome era Kathy. — Ela vai ficar feliz com sua visita.

Marcus deu uma risadinha, e eu o fuzilei com os olhos. Era bem provável que pensássemos a mesma coisa. Ela ficaria perplexa, talvez até irritada, mas eu duvidava que ficaria feliz.

— Entre e fique à vontade — Kathy gesticulou.

Sentei no sofá, e Toby moveu a cadeira de rodas o mais perto que pôde de mim. Ele aparentava ser uma criança feliz, estava sempre sorrindo. Suas pernas pareciam não ter muita mobilidade ou força, mas ele conseguia usar os braços. Havia um pequeno controle disponível na cadeira de rodas que ele utilizava para se movimentar com facilidade. Sua mão direita parecia ser um pouco mais rígida do que a esquerda.

— Ele nasceu com complicações. Apesar de eu saber que não há nada que possa ser feito para mudar isso, às vezes, me sinto culpada por ele ser assim. — Eu olhei para a mãe de Morgan e pude ver sua tristeza. — Mas ele é o nosso amorzinho carinhoso e cheio de determinação. É teimoso como a irmã, mas é sensível igual ao pai.

— Igual à mãe também — Marcus acrescentou ao abraçá-la. Ela pôs a mão sobre seu braço e o afagou com delicadeza.

Eu não conhecia a relação entre Marcus e a família de Morgan, mas era óbvio que eles eram próximos.

— Faz pouco tempo que eu te conheço, Toby — falei, dando um tapinha em seu joelho. — Mas já posso dizer que você é um menino incrível.

Ele assentiu, olhando para a mãe e para Marcus.

— Ele é mesmo — Marcus garantiu.

Eu estudava ortopedia, e apesar de não ser a mesma coisa, sempre fui fascinado por músculos e seu funcionamento. Já tinha feito cursos sobre reabilitação e sobre os melhores exercícios para tratar lesões específicas a fim de alcançar uma recuperação completa. Como eu disse, não era exatamente o que Toby precisava, mas a rigidez e espasmos que ele sentia às vezes eram tratados com a ajuda desse mesmo método.

CAPÍTULO 20

Morgan

Os últimos dias não foram fáceis. Faltei às aulas porque me recusava a ficar longe da minha mãe. Apesar de ela ter insistido que ficaria bem depois que o médico prescreveu os medicamentos e todos nós nos reunimos para conversar, ainda assim não consegui ir. Eu me sentia péssima por saber que ela enfrentava uma espécie de batalha secreta e eu não podia lutar por ela.

Então, fiquei algumas noites na casa dos meus pais para garantir que ela fizesse o mínimo de coisas sozinha. Eu só queria que ela relaxasse, que tirasse um tempo para cuidar de si mesma e me deixasse lidar com o resto. Ela era teimosa, mas vivia dizendo que a cabeça dura era eu. Quem ela achava que puxei? Ela discutiu comigo, mas acabou cedendo quando viu que eu não desistiria. Ela descansou, tomou banhos mais demorados e até saiu para almoçar com uma velha amiga.

Minha mãe tinha um coração gigante, ela era cheia de energia. Mas, ultimamente, esse seu brilho característico estava desaparecendo, e tudo o que eu mais queria era devolvê-lo a ela. Eu queria que desse gargalhadas e sorrisos verdadeiros, certa de que não era nada forçado ou só para impressionar os outros.

Eu faria o que fosse preciso para ter aquela mulher tão doce de volta. Pouco a pouco, eu conseguia vislumbrá-la; a cada dia, essa mulher ressurgia novamente.

— Parece que teremos companhia — meu pai disse assim que entrou em nossa rua. — Muito chique este carro vermelho, não acha?

Não respondi, porque eu só conseguia dar atenção ao nó que havia em minha garganta. Eu conhecia aquele carro vermelho. Era o mesmo carro que Xavier usou depois de me dar seu número. Um carro esportivo com duas portas que parecia valer mais do que o meu, o do meu pai e o da minha mãe juntos.

Me perguntei por que ele estava aqui. Ah, e como ele descobriu onde meus pais moravam?

Desci da caminhonete segundos depois do meu pai ter estacionado e disparei em direção à porta, determinada. Eu a abri com toda a intenção de dizer a Xavier que ele tinha ido longe demais com esse papo de querer me conhecer, mas fiquei completamente paralisada.

Minha mãe e Marcus estavam sentados no sofá, enquanto Xavier se mantinha de pé no meio da sala. Ele segurava a mão de Toby, alongando seus dedos, pressionando-a com firmeza contra a palma de sua mão. Reconheci o movimento na mesma hora. Era um método terapêutico que usávamos com ele diariamente. Os músculos e tendões ao longo de seus braços e mãos precisavam ser alongados com regularidade, senão ficavam rígidos e lhe causavam dor.

Eu só não entendia por que era Xavier que os executava.

— Os médicos recomendaram que os alongamentos fossem feitos uma vez ao dia? — ele perguntou.

Eles ainda não tinham notado minha presença.

— Na verdade, nós fazemos isso duas vezes ao dia — minha mãe respondeu. — Há ocasiões em que fazemos mais. Quem costuma fazer é Morgan ou Marcus quando estão assistindo a um filme. Ele se sente melhor quando outras pessoas o ajudam; acho que comigo, ele fica frustrado.

— Às vezes é bom revezar — Xavier disse. — Tanto para ele quanto para você. Ele faz exercícios semanais fora de casa, como andar de bicicleta? — perguntou. — Dizem que ajuda muito a reduzir os espasmos musculares.

— O que você está fazendo? — perguntei, chamando a atenção de todos.

Marcus se virou sobre o sofá para me encarar, e minha mãe se levantou. Eu sabia que ele estava por trás disso, mas me preocuparia com sua bisbilhotice depois. Pela cara que ele fez, dava para ver que tinha percebido que eu estava irritada com ele.

— Querida — minha mãe falou, se aproximando de mim. Ela aparentava estar mais feliz do que estive nos dias anteriores. Talvez fosse o fato de que tinha começado a se medicar para conseguir lidar com a depressão. Ou então, porque nenhum de nós a deixava sozinha por mais de trinta minutos. — Xavier estava apenas... — Eu a interrompi e me afastei dela com o olhar fixo em Xavier.

— Por que você está aqui? — perguntei.

— Eu o convidei. — Me virei em direção a Marcus e lancei um olhar que eu sabia que ele entenderia.

Esta era minha vida, minha família. Eu não permitiria que homem nenhum usasse minha família para entrar na minha vida. Muito menos Toby, e Marcus sabia disso. Eu era territorialista quando se tratava de defender meu irmão. Ou melhor, eu era obcecada. Ele

era a pessoa mais importante do mundo para mim, e naquele momento eu me sentia intimidada.

Minhas emoções estavam descontroladas.

— Ele me deu uma carona até aqui depois que foi te procurar no apartamento — Marcus explicou, mas nada parecia aliviar minha tensão. Mordi o lábio com força para evitar dizer tudo o que passava pela minha cabeça.

— Sua ajuda está sendo ótima, Morgan — meu pai disse ao passar por mim carregando um monte de sacolas. — Tem mais no carro — acrescentou.

Essa era a única saída, minha escapatória. Eu precisava de um tempo para respirar.

Sem dizer nada, dei meia-volta e passei pela porta. Meu coração batia acelerado quando cheguei perto da caminhonete. Eu me inclinei, segurando a lateral da caçamba ao fechar os olhos.

Ouvi alguém se aproximar e imaginei que fosse Marcus vindo se explicar. Me virei com a intenção de lhe dizer umas verdades, mas não era Marcus. Era minha mãe.

— Ele parece ser legal — ela disse, cautelosa. — Toby amou conhecê-lo.

— Pois é, mãe — respondi, jogando as mãos para o alto. — Toby.

Passei a mão pelo rosto, tentando recuperar o pouco de autocontrole que eu tinha.

— Qual é o problema? — perguntou.

— Toby é intocável — falei mais alto do que deveria.

Abaixei as mãos e olhei para ela, que apenas me observava. Era tão difícil entender que isso me incomodava?

— Ele é só um garoto, mãe — continuei. Como explicar para sua mãe que você transou com um desconhecido e que agora ele estava doido para fazer isso de novo? — Eu mal o conheço. — Acabei deixando o resto pra lá. — Ele me chamou para sair, mas recusei. Agora ele está aqui, invadindo o meu espaço e o da minha família. Ele está agindo como se Toby e a fisioterapia tivessem importância para ele, e vocês estão se deixando enganar.

— Você conhece mesmo esse garoto? — ela perguntou, me olhando como se eu tivesse enlouquecido.

— Ele é só um cara da fraternidade que não sabe ouvir não — respondi, cheia de certeza. — Se eu ceder, ele vai conseguir o que quer e depois vai sumir.

— Não foi essa a impressão que tive dele — ela afirmou ao cruzar os braços. — Vejo um garoto que gosta de uma menina teimosa.

Revirei os olhos, me encostando contra a caminhonete do meu

pai.

— Morgan. — Fiquei toda tensa quando vi Xavier parado atrás da minha mãe, bem próximo a nós. — Podemos conversar por um segundo?

Minha mãe acariciou meu rosto.

— Você é jovem, não deveria se sentir obrigada a abrir mão do que deseja. Eu posso ser velha, querida, mas sei como é ter a sua idade. Dê uma chance a ele.

Ela tirou a mão do meu rosto e se virou para Xavier. Passou por ele ao voltar para casa, deu um tapinha em seu braço e lhe lançou um olhar curioso. Ele tinha mesmo iludido todo mundo?

— Só um cara da fraternidade, né? — ele questionou ao se aproximar.

Eu deveria me sentir mal por ele ter ouvido o que eu pensava, mas pelo menos não teria que repetir tudo.

Lá estava ele, com as mãos nos bolsos e os braços retesados, exibindo o contorno dos músculos de seus bíceps, ombros e peitoral. Lembranças daqueles músculos tomaram meus pensamentos assim que pensei na forma como eles flexionaram quando ele ficou em cima de mim.

— Você tem uma percepção definitiva sobre os homens — disse, me trazendo de volta à realidade. — Faz parecer que todos nós queremos apenas uma coisa, que não somos capazes de nos comprometer. Pode até ser verdade para alguns, mas eu não sei por que você me rotulou dessa maneira. Desde a manhã seguinte à noite incrível que passamos juntos, eu tenho tentado me aproximar de você.

— Eu já disse que não... — Ele ergueu a mão para me interromper.

— Eu sei, você não tem tempo — concluiu. — Não vim até aqui para aborrecê-la. Minha intenção não era invadir sua vida para que você não tivesse escolha a não ser se render a mim.

— Então, por que veio até aqui?

— Primeiro — ele deu de ombros —, porque Marcus me disse que eu poderia encontrá-la. — Eu o encarei como se dissesse: “Eu sabia!” e ele riu. — Pois é. Mas depois que conheci sua mãe e Toby, tudo mudou.

Não respondi. A menção ao nome de Toby incitou meu lado territorialista. Só que decidi não reagir de imediato.

— Isso não muda o fato de que quero te conhecer melhor. Mas se você continuar insistindo em não me dar uma chance de mostrar que não sou o cara que você imagina, vou entender. — Ele tirou as mãos dos bolsos e deu um passo em minha direção. — Tá legal, essa última parte era mentira. Vou continuar tentando fazer você mudar de ideia — riu quando eu revirei os olhos. — Mas Toby é uma criança

maravilhosa, e por mais que você não acredite, eu gostaria de passar um tempo com ele.

— Por quê? — perguntei. — Porque você sente pena dele e acha que está fazendo algo grandioso sendo seu amigo?

— Não. — Ele se manteve completamente alheio às minhas palavras agressivas e ao meu comportamento. — Porque ele é incrível e sua personalidade é revigorante. Ele é corajoso e sorri como se todos à sua volta enfrentassem dificuldades, menos ele. É inspirador.

— Não foi minha intenção ser rude ou desagradável. Sinto a necessidade de proteger Toby. Não consigo evitar — falei, me sentindo um pouco derrotada de repente. — Quando se trata dele, parece que algo muda dentro de mim, e mantê-lo em segurança é tudo em que consigo pensar.

— Eu entendo por que você sente essa necessidade de protegê-lo — ele disse. — Também sou assim com meus dois irmãos, mas posso te garantir uma coisa: eu não estou tentando usá-lo para me aproximar de você e não sinto pena dele.

— Ei, vocês dois! — meu pai gritou da porta. — Tirem o resto da comida da caminhonete e venham para dentro. Vamos comer antes que esfrie.

Antes de voltar a me olhar, Xavier assentiu para o meu pai, indicando que o escutou nos chamar. Dava para ver que ele pedia minha permissão apenas com o olhar. Como eu diria que não? Ao que parecia, todos achavam que sua presença não era nada demais. Era como se ele tivesse sido aceito na gangue, e eu fosse a única exagerada.

Talvez fosse mesmo. Mas só de imaginar alguém usando Toby ou olhando para ele como se ele fosse um alvo fácil, me deixava enfurecida. Eu faria tudo o que estivesse ao meu alcance para evitar situações assim, ainda que fosse preciso deixar minhas necessidades e curiosidade de lado para protegê-lo.

— Quer dizer que você vai ficar para o almoço? — perguntei. Eu tinha certeza de que fui a única a questionar isso.

— Só se não for incomodá-la. — Ele inclinou a cabeça e me lançou um sorriso carinhoso. De repente, todo aquele charme que os outros puderam ver estava bem diante de mim. — Prometi ao Toby que assistiríamos ao filme que ele mais gosta.

— Já está usando o Toby como desculpa? — comentei, incapaz de esconder o riso.

Ele deu de ombros, abrindo um sorriso ainda mais largo.

— Toby é fantástico.

Eu tive que concordar com ele.

— Você sabe qual é o filme que aceitou assistir, né? — perguntei. Era um filme que eu acreditava ser capaz de recitar palavra

por palavra, um filme que fui obrigada a assistir várias vezes. Pela primeira vez, Xavier pareceu um pouco preocupado, então balancei a cabeça. — *As Tartarugas Ninja*.

— Ufa — ele disse, fingindo enxugar o suor da testa. — Por um momento, eu pensei que você fosse dizer *Legalmente Loira* ou *A Garota de Rosa-Shocking*.

— Claro que não — passei por ele. — Mas já que mencionou, nunca aceite assistir a um filme com Marcus. *A Garota de Rosa-Shocking* é um de seus favoritos.

Não olhei para trás, mas pude ouvir sua risada enquanto ele me acompanhava.

— Vou me lembrar disso se um dia eu for convidado para assistir a um filme com vocês.

Devia ser coisa da minha cabeça, mas seu comentário me pareceu um pouco esperançoso.

CAPÍTULO 21

Xavier

Eu estava gostando de assistir ao filme com Toby um pouco mais do que deveria; o garoto era engraçado. Ele era muito perceptivo e suas reações durante o filme devem ter atizado minha loucura. Cheguei ao ponto de imitar os golpes de karatê e os barulhos que os personagens faziam quando enfrentavam os vilões, eu fiz tudo o que se pode imaginar.

Toby e eu éramos duas crianças vivendo o melhor momento de nossas vidas.

No momento em que Michelangelo, Donatello, Leonardo e Rafael entraram no elevador, eu sabia o que aconteceria. Pela reação de Toby e pela forma com que ele esticou os braços à sua frente, tive a impressão de que aquela também era uma de suas partes favoritas.

Me movi para a beirada do sofá, e assim que comecei a fingir que tocava bateria, as batidas começaram. A gargalhada de Toby deixou tudo ainda mais divertido. Eu estava tão distraído que não percebi que tínhamos companhia. Foi a risada melodiosa de Morgan que me trouxe de volta à realidade. Ela estava de pé ao lado da porta de Toby.

— Pelo visto, vocês dois estão se divertindo — ela disse, fixando seu olhar em mim. Toby respondeu com um gritinho, fazendo-a sorrir ainda mais. — Quantas vezes vocês já assistiram?

Pisquei para ela, erguendo dois dedos.

Ela tinha razão, seu irmão amava esse filme, mas eu não me incomodava. Era um dos meus preferidos também. Se havia passado pela minha cabeça que o assistiria duas vezes consecutivas? Não. Mas não tinha por que reclamar. Toby estava se divertindo, e era isso o que importava.

— Assim que terminar, vamos fazer fisioterapia e tomar os remédios, amigo. — Ela olhou para o irmão, que a ignorava. Eu tinha a sensação de que isso acontecia bastante quando ele não queria fazer alguma coisa.

Olhei para Morgan e fiz um gesto para que se juntasse a nós, mas ela só balançou a cabeça. Continuava insistindo em se manter longe de mim. Mas em vez de desistir, apontei para o espaço vazio ao meu lado. Ela balançou a cabeça novamente.

Por favor, sussurrei, mas ela se recusou a sair do lugar. Esse flerte que rolava entre nós agora era muito melhor que seu olhar de indignação. Eu entendia sua necessidade de se manter reservada para aqueles que ela não conhecia direito. Eu só tinha que convencê-la de que não era o cretino que ela imaginava.

Ainda assim, ela não tinha a intenção de ceder, simplesmente recuou e me deixou sozinho com Toby para terminarmos de assistir ao filme.

Então, ele e eu retomamos nossos papéis ridículos e imitamos as cenas enquanto fingíamos ser as tartarugas mutantes, que se moviam pela tela em sua luta contra o mal. Quando o filme terminou, Toby resmungou a palavra mais, no entanto, eu sabia que aquela loirinha linda me chutaria daqui se eu colocasse o filme de novo.

— Morgan disse que está na hora da fisioterapia, amigão — falei ao me levantar e esticar os braços sobre a cabeça. Pela primeira vez, ele me olhou sem sorrir. Balançou a cabeça lentamente e apontou para a televisão. — Vamos combinar uma coisa... — comentei, estendendo a mão para que ele a apertasse. — Eu voltarei outro dia para passarmos o dia inteiro maratonando *As Tartarugas Ninja* — disse, e seu rosto se iluminou. — Prometo — eu lhe garanti quando ele apertou minha mão.

— Já está pronto, Toby? — Olhei à minha direita e vi Morgan me encarando com desconfiança.

Levei um susto com o movimento brusco da cadeira de rodas, que começou a se mover quando ele usou a outra mão e apertou o botão. Dei um salto para trás, batendo contra o rack da TV enquanto Toby se afastava, rindo da minha reação.

Aparentemente o garotinho também gostava de pregar peças.

Notei que Morgan ficou para trás, me observando como se estivesse se segurando para não falar.

Em vez de esperá-la dizer alguma coisa, fui lentamente em sua direção e me encostei contra o batente da porta, bem perto dela.

— Por que está me olhando assim? — perguntei, com plena consciência de que ela olhou para minha boca imediatamente, voltando a me encarar logo em seguida.

— Você não deveria fazer promessas que não vai cumprir — ela respondeu, colocando em xeque tanto eu quanto a minha promessa para Toby.

— Eu nunca faria isso — rebati. — Estava falando sério quando disse que voltaria.

Foi difícil conter o riso quando ela arqueou a sobancelha. Que mulher teimosa.

— Assim como também falei sério quando disse que ficaria feliz se me desse um pouquinho do seu tempo — sussurrei, chegando mais perto dela. — Eu não estava mentindo. Você acha que vou desistir e perder o interesse, que tudo vai passar se você ignorar a mim e à sua curiosidade. Se é assim que funciona para você, tudo bem, mas eu não sou desse jeito. Faço questão de deixar bem claro se eu quiser alguma coisa, e eu quero você. Toby foi apenas um grande bônus em meio a tudo isso.

— Você não desiste mesmo, né? — Morgan disse.

— Não — sussurrei. — Não quando vale a pena.

— Como você sabe? — ela me perguntou, se concentrando em minha boca outra vez.

— Porque eu passei uma única noite com você, e desde então não consigo pensar em mais nada. Você é diferente, Morgan, e isso não é uma crítica. Você pode não acreditar, mas nós somos mais parecidos do que você imagina. — Ela me observava com curiosidade. — Nós dois faríamos qualquer coisa por nossas famílias. Não ligamos para coisas materiais, porque elas são apenas isso, coisas. O que importa são as pessoas com quem dividimos nosso tempo, somente elas, e não o que estamos fazendo.

— Ou você é um grande mentiroso — ela disse, respirando fundo —, ou então é uma pessoa muito boa.

Dei de ombros.

— Sou um cara bacana. — Sorri assim que ela esboçou um sorriso. — Já tentei te dizer isso, mas você não me escuta.

— Sou meio teimosa — respondeu. — Você ainda não percebeu isso?

Assenti, dando o último passo que faltava para acabar com a distância entre nós. Se eu me inclinasse, nossas bocas se encostariam, mas continuei onde eu estava.

— Isso ficou evidente em nossa primeira noite juntos. Você não parava de dizer que estava no comando. — Os olhos dela brilharam em meio às lembranças.

— E ainda estou — ela disse, testando minha determinação. Eu permaneci em silêncio, porque só conseguia pensar no descontrole que eu poderia causar nela. — É sério — acrescentou como se pudesse ler meus pensamentos.

— Concordo — falei, torcendo para que ela acreditasse.

— É por isso que a decisão de beijar você é só minha — ela disse ao ficar na ponta dos pés e me dar um beijo. Por instinto, eu a abracei e a segurei contra o meu corpo. Suas mãos percorreram meu peito e subiram em direção ao meu pescoço. — Pare de tentar

controlar a situação — ela murmurou contra os meus lábios, e sorri.

Recuando, encostei a testa contra a dela.

— Isso será um problema, não é?

— Não. Basta você aceitar o fato de que eu imponho as regras e tomo as decisões — provocou.

— Sem chance — disparei. Ela quis recuar, mas eu mantive os braços firmes ao seu redor. Eu a puxei em minha direção, colando seu corpo ao meu. — Eu não sei seguir regras.

Com isso, eu a beijei mais uma vez e senti seu corpo derreter contra o meu. Ela dizia que estava no comando, mas eu sabia que não era assim. Eu me lembrava de como ela se contorcia embaixo de mim, suplicando para que eu não parasse. Lembrava de toda sua entrega quando permitiu que eu assumisse o controle naquela noite em seu apartamento. Ela gostava de se entregar por inteiro, gostava da forma que seu corpo reagia ao meu.

Eu só tinha que lembrá-la disso.



— Aonde você vai? — Isaac perguntou. Ele estava chegando em casa quando eu estava saindo.

— Vou buscar Morgan e levá-la à aula — respondi, jogando minhas chaves para o alto. Fazia uma semana que eu rompi as barreiras que ela havia erguido entre nós. Ela ainda estava um pouco hesitante, mas disposta a me dar uma chance.

— A garota que te deixou na fossa? — ele deu uma risadinha debochada.

— A garota que eu conheci na festa — respondi. — A loira.

— Maneiro — ele disse, como se aprovasse. — Tem certeza de que quer sair de uma fria para entrar numa pior?

Ele se referia ao meu relacionamento com Britney. O que ele não sabia é que, apesar de ter ficado quase um ano com Britney, ela não chegava aos pés de Morgan.

— Posso te garantir que Morgan não é igual a Britney.

Ele sorriu no momento que me virei e fui em direção ao carro.

Assim que entrei no veículo, enviei uma mensagem rápida para avisar a ela que eu já estava a caminho.

Ela estava sentada sobre o meio-fio quando parei em frente ao apartamento. Antes que eu pudesse pensar em abrir a porta, ela já estava dentro do carro colocando o cinto. Eu sabia que ela não era o tipo de mulher que esperava essas coisas de um homem, mas isso não me impedia de querer ser assim. Era o correto.

Como não tirei o pé do freio e continuei quieto, ela finalmente olhou para mim. Parecia confusa enquanto me encarava,

provavelmente se perguntando qual era o problema.

Havia uma única coisa, uma coisa muito importante que fazia com que nosso tempo juntos fosse um período extremamente agradável.

Seu atrevimento.

Isso me deixava louco.

Outros homens no meu lugar reclamariam dela e buscariam uma mulher mais fácil, mas eu não era assim. Eu adorava o desafio. Não havia nada mais prazeroso do que ver toda aquela fachada esmorecer quando ela se entregava a mim. Não era fácil chegar a esse ponto, mas era gratificante pra caralho quando isso acontecia.

— O que foi? — ela perguntou, ainda curiosa por eu não ter colocado o carro em movimento.

Quando seu olhar se fixou ao meu, ergui a mão e toquei minha boca com o dedo. Ela revirou os olhos e inclinou a cabeça.

— Tá brincando? — perguntou, toda mal-humorada.

Eu apenas balancei a cabeça, me recusando a sair do lugar.

— Vou chegar atrasada para a aula — ela insistiu, se recusando a me beijar.

— Então é melhor você me dar o que estou pedindo — falei.

— Não ouvi você pedir nada. — Ela cruzou os braços, o que só serviu para deixar seus seios em evidência. No momento em que percebeu que meus olhos estavam vidrados neles, ela bufou. Eu era um homem, ela tinha seios incríveis, fazer o quê?

— Morgan — usei o tom de voz mais meigo que consegui. — Você pode me beijar? — pedi. — Por favor?

— Você é ridículo — ela disse. Eu não protestei. Ela me deixava assim.

As coisas mudaram entre nós depois que nos entendemos na casa dos pais dela e ela finalmente aceitou o fato de que eu não desistiria. Havia esse aspecto divertido e descontraído em nossa relação que dava a impressão de que nos conhecíamos há muito mais tempo. Eu me sentia tranquilo perto dela, e por mais que ela tentasse esconder, acho que eu estava ganhando pontos com ela. Ela gostava de mim, só não queria admitir.

— Nós podemos ficar sentados aqui o dia inteiro — falei, me recusando a dar o braço a torcer e fazer as coisas do jeito dela.

— Ou eu poderia ir andando — ela me lançou um sorriso.

— É verdade — concordei. — Mesmo assim, você chegaria atrasada.

Ela abriu a boca como se fosse dizer algo, mas a fechou rapidamente. Fez isso mais algumas vezes antes de se aproximar e me dar um beijo. Quando tentou se afastar, eu a segurei pela nuca e a mantive perto de mim. Ela ficou um pouco resistente no início, mas

acabou relaxando e aceitando nosso beijo. Sua língua deslizou sobre meu lábio e se apropriou da minha boca gananciosamente. Em questão de segundos, nós perdemos o controle.

Me endireitei sobre o banco e a soltei, satisfeito com a vermelhidão de seus lábios. O inchaço que havia neles era a prova de que tinham acabado de ser beijados.

— Dá pra dirigir agora? — ela tentou agir com frieza e petulância, mas seu sussurro ofegante a entregou. Morgan se sentia tão atraída por mim quanto eu por ela.

CAPÍTULO 22

Morgan

— Você fica muito bem com esse sorriso no rosto. — Ignorei minha mãe, que se movia pela cozinha toda feliz, algo que eu não via acontecer há meses.

As coisas mudaram depois que Marcus a encontrou chorando na sala, com o olhar perdido. Agora, além de tomar remédios que a ajudavam com a depressão, ela também conversava com um terapeuta. Alguém que a escutava e não julgava as coisas que passavam pela sua cabeça. Ela também estava fazendo aulas de cerâmica uma vez por semana e começou a participar de um clube do livro que se reunia toda quarta-feira à noite.

Começando nesta semana, durante as tardes de sábado, ela e meu pai saíam juntos. Dariam uma escapadinha para curtir a presença um do outro e se reconectarem. Parecia uma ideia muito romântica. Era fofo ver meu pai planejando tudo em segredo.

A preocupação que o atingiu quando ele entrou em casa correndo naquele dia era algo que eu não queria ver nunca mais. Ele se culpava por ela estar naquele estado, mas todos nós sabíamos que a culpa não era dele. Ele fazia de tudo para garantir o sustento da nossa família, mas não conseguia se perdoar por não ter enxergado os sinais. O problema é que eu também não prestei atenção.

Agora que ela estava mais sorridente, até gargalhava de vez em quando, percebi que fazia muito tempo que eu não a via tão feliz. Era fácil esquecer algo que esteve ausente por tanto tempo.

— Será que um certo moreno alto é o responsável por esse sorriso? — Revirei os olhos ao ouvir a animação em sua voz.

Ela parou ao meu lado e bateu o quadril contra o meu. Ri.

— Talvez — respondi, balançando a cabeça. Ela parecia uma adolescente toda alvoroçada, louca para ouvir uma fofoca. — Ainda não tenho uma opinião formada sobre ele.

— Como assim? — perguntou, visivelmente preocupada.

— Nós não nos conhecemos sob... — Hesitei, desviando o

olhar. — Sob circunstâncias normais. — Eu ainda me sentia um pouco desconfortável em conversar sobre Xavier com ela. Não queria que ela pensasse que eu fazia coisas desse tipo o tempo todo.

— Quer dizer que um encontro de uma noite não é normal para jovens como vocês? — Ela riu, enquanto eu a fuzilava com o olhar.

— Marcus te contou. — Essa era a única explicação. Eu sabia que estava certa quando ela deu de ombros, ainda sorrindo. — Vou matá-lo.

— Morgan, eu conheci seu pai em uma festa. Três semanas depois, fomos morar juntos. Depois de dois meses, descobri que estava grávida. — Ela riu ao me ver arregalar os olhos. — Pois é. Nos casamos quase um mês antes de você nascer.

— Eu não vou morar com Xavier, nós não vamos nos casar nem ter filho nenhum. — Ela pirou?

— Nunca se sabe — ela disse.

— Ah, pode acreditar, eu sei — respondi.

— Ok, já entendi. — Virou-se e encostou-se contra a bancada. — Mas é óbvio que ele gosta de você. Você fez o coitado dar um duro danado para conseguir um pingo da sua atenção, e ele não reclamou. Nenhum jovem de vinte um anos que eu conheço se daria a esse trabalho se não estivesse interessado pela menina.

Em silêncio, me concentrei nos pratos que estava lavando, certa de que ela me encarava. Não sei por que era tão difícil para mim aceitar que Xavier queria mesmo fazer parte dessa loucura que era minha vida.

— Eu só acho que você precisa aproveitar a atenção que ele te dá e que está distribuindo aos montes. — Ele estava mesmo.

— A que horas o papai vai chegar?

— À noite, depois das seis — ela respondeu quando olhei para o relógio de parede. — Eu vou ficar bem, Morgan. — Hesitei, mesmo sabendo que ela me olhava. Ela voltou a ser ela mesma. — Vá ver o Xavier — disse, cutucando meu ombro. — Minhas chaves estão sobre a mesa.



Estacionei o carro da minha mãe em frente à casa da fraternidade, basicamente no mesmo lugar onde Marcus parou na noite da festa. Eu sabia que Xavier estava em casa, porque avistei seu carro vermelho e chamativo encostado do outro lado da rua.

Eu deveria ter ligado antes.

De repente, aparecer sem avisar me pareceu uma péssima ideia.

Eu estava prestes a ir embora, mas levei um susto quando alguém bateu em minha janela. Olhei para o cara parado do outro lado e me dei conta de que eu o conhecia. Era o mesmo cara que foi à lanchonete e falou sobre mim e Xavier.

Ele acenou, gesticulando para que eu abrisse a janela do passageiro.

Apertei o botão, e a janela começou a descer.

— Você é Morgan, né?

— Sim. — Talvez eu devesse ter negado.

— X está lá dentro. — Ele fez um gesto em direção à casa. — Estavam torturando Jay. — Eu não queria nem pensar que tipo de tortura estava rolando. Uma casa cheia de homens movidos à testosterona era algo perigoso. — Venha. — Ele deu a volta e abriu a porta do meu carro. — Eu te levo lá.

Até parece que eu tinha escolha. Ele tirou a chave da ignição, pegou minha mão e me puxou.

— Tenho que fechar a janela — eu disse.

Pensei que ele fosse devolver minha chave, mas me enganei. Em vez disso, ele se inclinou ao meu lado, inseriu a chave na ignição e apertou o botão para fechar a janela. Depois que pegou a chave e fechou a porta, ele trancou o carro e começou a me puxar em direção à casa de novo.

— Olha, me desculpe se te ofendi na lanchonete naquele dia. — Ele olhou para trás, enquanto eu corria para tentar acompanhá-lo. — Eu me expressei mal. Xavier tinha acabado de terminar um relacionamento de merda com a Britney vadia, e não é a cara dele ficar transando por aí. — Como era possível que isso fosse melhor do que o que ele disse da outra vez? — Todos nós dissemos que ele precisava de um prêmio de consolação — acrescentou, me deixando com o coração na mão.

Tropecei pelos degraus, e ele logo me segurou antes de se apressar em direção à porta. Tentei puxar minha mão, mas ele a segurava com firmeza.

Assim que abriu a porta, um cara de cueca passou por nós. Como se já não fosse estranho o bastante, ele se virou para me olhar, só então notei o pênis falso pendurado na frente da cueca. Sobre o cós havia uma hashtag: #opegadorchegou.

Foi naquele momento que eu me lembrei do cara da festa; o cara que desfilou pela casa cantando aquilo para todo mundo ouvir.

Ergui a cabeça, constrangida por ficar encarando sua virilha, mas o encontrei sorrindo.

— Oi, gracinha — ele piscou para mim.

Normalmente, ouvir um cara me chamar de gracinha ou de qualquer outro apelido carinhoso despertaria uma reação nada

amigável da minha parte. Mas a situação já era muito desconcertante, então deixei pra lá.

— X! — o cara que segurava minha mão gritou. — Encontrei sua namorada lá fora.

Sua voz ecoou pela casa, seguida por alguns assobios altos e palavras obscenas pouco antes de Xavier aparecer em frente à porta com um olhar de surpresa.

E lá vamos nós para mais estranheza. Pensei seriamente em dar meia-volta e retornar ao meu carro. Eu sabia que deveria lutar contra esse sentimento. Com minha mãe e Marcus insistindo para que eu desse uma chance a Xavier, e com minha própria curiosidade me dominando, era difícil me manter longe.

No fundo, acho que eu queria saber como era ter alguém desesperado por mim. Eu queria me livrar de toda incerteza e ver até onde as coisas iriam.

— Oi — ele finalmente disse, voltando sua atenção para o amigo que ainda segurava minha mão. — Brent. — Ele disse o nome do cara sem tirar os olhos de nossas mãos. — Você se importa de soltá-la? — Seu pedido um tanto exigente me fez sorrir. Ver Xavier todo possessivo por minha causa era bom demais. Eu nunca entendi isso, pelo menos até agora. Antes dele, eu teria achado tudo isso uma infantilidade, algo que eu gostaria de evitar.

— Caramba — o cara falou, soltando minha mão como se ela o queimasse. — Foi mal, mano.

Brent se afastou tão rápido que eu mal percebi, e Xavier ocupou seu lugar.

— O que veio fazer aqui? — sua pergunta fez com que eu me sentisse estúpida por ter vindo. — Não me leve a mal, estou feliz em vê-la — ele acrescentou —, só um pouco surpreso.

— Eu deveria ter ligado antes — falei, dando um passo para trás, mas ele não me deixou ir muito longe.

Esticou o braço, envolveu minha cintura e me puxou para perto dele.

— Espere — ele disse em voz baixa. — Estou gostando disso. — Sorri ao ver meu sorriso enorme. Minhas bochechas coraram, e senti um frio louco na barriga.

Lancei um olhar desafiador para tentar disfarçar minha reação a ele. Braços cruzados, sobrelance arqueada, lábios contraídos. Nada disso foi suficiente para baixar sua bola.

— Que bom que você veio cheia de atitude — ele disse todo animado.

Ele era tão estranho às vezes. Que tipo de cara gostava de sair com uma mulher orgulhosa?

— Vamos para o meu quarto — falou, segurando minha mão e

me puxando do mesmo jeito que seu amigo fez. Assim que chegamos ao segundo andar, ele olhou para trás e me puxou para o seu lado. Inclinou-se, beijou minha têmpora, e por um momento, esqueci de tudo que Brent me contou. Esqueci da ideia que ele plantou na minha cabeça sobre Xavier estar comigo só porque precisava superar a ex.

Mas foi só por um momento.

Ele abriu a porta, e em poucos segundos, nós já estávamos dentro do quarto com a porta fechada novamente.

— Prêmio de consolação, né? — falei sem pensar. Xavier se aproximou com uma expressão confusa. — Brent me explicou tudo sobre a noite em que nos conhecemos. Disse que seus amigos queriam que você encontrasse uma mulher que te ajudasse a esquecer Britney. Eu era essa mulher para você, certo? A que te ajudaria a esquecer o que vocês dois viveram.

Ele não respondeu, o que só confirmava a estupidez que era tudo aquilo.

— Eu entendo — falei, dando de ombros. — Vocês ficaram juntos por muito tempo?

Continuei sem resposta, sem conseguir decifrar o olhar intenso que tomava conta de seu rosto.

— Por que você está me olhando dessa maneira?

Ele balançou a cabeça e a abaixou para que eu não visse seus olhos. Um silêncio constrangedor inundou o quarto.

— Você vai dizer alguma coisa? — perguntei, imaginando por que ele ignorou todas as minhas perguntas. — Xavier... — Cheguei mais perto e coloquei a mão em sua barriga.

Com um movimento rápido, ele me encostou contra a porta, pressionando sua ereção contra mim.

— Seu primeiro erro foi dar ouvidos às coisas que Brent disse. Você não foi um prêmio de consolação — ele disse, com a boca perto da minha. — Nem naquela noite, nem agora.

— Não se preocupe — lhe assegurei, vendo seu semblante ficar sério. — Eu entendo.

— Dá pra parar com isso? — pediu.

— Não precisamos transformar isso num problema. — Fiquei feliz por ter descoberto tudo antes do meu coração ser envolvido nisso. Era bom estar a par da situação antes que as coisas ficassem mais sérias do que já estavam.

— Um problema... — ele repetiu, fechando os olhos. — O único problema que existe aqui é você. — Me encolhi diante de suas palavras.

— Eu? — perguntei, ficando um pouco irritada.

— Sim — ele disse ao abrir os olhos para me encarar. — Você continua procurando um jeito de provar que o que existe entre nós

não vai dar certo. Você só está esperando o momento certo para dizer, “eu sabia, porra.” Mas sinto lhe informar, Morgan... — Ele entrelaçou seus dedos aos meus. — Essa hora não vai chegar.

Ele pôs um fim à distância que restava entre nós, pressionando seus lábios contra os meus, enquanto erguia meus braços sobre minha cabeça. Usando o corpo para me prender contra a porta, ele capturou minha boca e me deixou sem fôlego.

— Eu estou com você porque eu quero, não porque me deu vontade — sussurrou ao beijar minha mandíbula. — Pare de tentar me afastar de você, pare de lutar contra isso.

Em um ritmo lento e tortuoso, ele beijou toda minha mandíbula e moveu-se para a lateral do meu pescoço.

Não adiantava tentar brigar para controlar a situação porque, naquele momento, Xavier me dominava. Ele sabia como manipular meu corpo para reagir ao seu toque, ao seu beijo. Após alguns poucos segundos, eu já estava pronta para abandonar todo meu juízo e deixar que ele fizesse o que queria.

Ele tinha razão. Para que continuar resistindo? Contestar a conexão que havia entre nós era exaustivo.

Assim que ele começou a recuar, mordeu seu lábio, fazendo-o gemer.

— Já está na hora de você aceitar — falou, tocando meu nariz com o dele. — Você quer que eu seja seu, eu quero que você seja minha, e nada mais importa.

Ele era um babaca presunçoso que estava coberto de razão.

— Me mostre o quanto você me deseja — o desafiei, vendo seus olhos brilharem de tesão. Ele moveu os quadris, esfregando sua ereção em mim. — Assim não — sussurrei. — Quero que você me mostre.

Ele soltou minhas mãos e agarrou minha bunda. Me ergueu com gentileza, e eu envolvi as pernas em torno de sua cintura, mantendo-as presas atrás dele. Ele se virou, indo em direção à cama.

Segurou meu corpo com firmeza ao se apoiar sobre o colchão. Eu me senti segura em seus braços quando ele começou a me deitar na cama. Com minhas costas pressionadas contra o colchão, ele se posicionou sobre mim, assumindo seu lugar entre minhas pernas.

Meu coração acelerou quando sua mão percorreu a lateral do meu corpo, movendo-se sob minha camiseta.

— Eu quero ir devagar com você — ele sussurrou. — Quero me lembrar de tudo. — Me beijou, deslizando a língua sobre meus lábios enquanto eu os abria para recebê-la. — Eu estava louco para ouvir seus gemidos baixinhos. — Ele moveu os quadris contra mim novamente, e eu arqueei as costas em busca de mais proximidade. — Sonhei com este momento — confessou. — Eu preciso disso.

— Eu preciso de você — admiti.

— Sou seu — ele me garantiu, massageando meu seio. — Sou todo seu — repetiu, me beijando mais uma vez.

CAPÍTULO 23

Xavier

Respirei fundo, a testa encostada contra a de Morgan enquanto tentava me recuperar do orgasmo que tive. Nossos corpos pingavam suor; o meu continuava muito bem posicionado entre as coxas dela, já suas pernas permaneciam ao redor da minha cintura, presas atrás de mim como se ela não quisesse me soltar. Não tinha problema. Eu também não queria sair dali. Na verdade, se ela concordasse, eu planejava ficar desse jeito a noite toda, até o amanhecer.

A dificuldade pela qual passei para convencê-la a me dar uma chance foi atordoante, mas valeu muito a pena. Eu só lamentava por não conseguir me lembrar do quão extraordinária foi a nossa primeira noite juntos.

— Isso foi... — ela vacilou, mas eu sabia exatamente o que estava sentindo.

— Foi mesmo. — É óbvio que não conseguimos pensar numa palavra que descrevesse o que acabou de acontecer. Ela apoiou a testa em meu ombro, se aconchegando em mim o máximo que pôde. — Vou ficar mal acostumado com isso — admiti e fechei os olhos, me entregando ao momento.

— Com o quê? — ela perguntou, seu hálito quente fazendo cócegas em meu pescoço.

— Com você sendo toda fofa e se aconchegando em mim. — Eu tinha certeza de que ela reviraria os olhos. — Admita, você também gosta disso.

— Talvez — sussurrou, se aproximando um pouco mais. — Tá legal, gosto mesmo.

Eu ri. Minha garota estava começando a ficar com o coração mole. Era muito bom poder dividir com ela momentos como este quando estávamos sozinhos. Ela era determinada e teimosa, ainda assim possuía um lado carinhoso que escondia sob aquela fachada. Era o melhor dos dois mundos. Sua insolência me excitava mais do que qualquer coisa, mas o que vivíamos neste instante também era muito

bom.

Eu era um felizardo por poder enxergar esse lado dela. Só de pensar em outro homem fazendo a mesma coisa, com esta mesma mulher, quase me matava de ciúme.

— Passe a noite comigo. — De uma coisa eu tinha certeza: não queria que esta noite chegasse ao fim.

— Estou com o carro da minha mãe — ela respondeu. — Tenho que devolvê-lo.

— Nós podemos devolvê-lo amanhã, bem cedo. Ela não vai a lugar nenhum hoje.

Morgan ficou quieta, e eu sabia que ela estava mordendo os lábios. Engraçado que só de observar alguém você já conseguia memorizar suas manias. Eu as observei nas vezes em que me aproximei dela depois da nossa primeira noite juntos. Eu também a vi fazendo isso várias vezes quando estava na casa de seus pais, interagindo com Toby. Não precisava encará-la para saber o que estava fazendo neste momento.

— Não quero ter que sair da cama agora, mas se você preferir assim, nós podemos devolvê-lo hoje mesmo. — Eu estava disposto a fazer qualquer coisa para que ela ficasse comigo esta noite.

— Podemos levá-lo amanhã — seu sussurro suave e hesitante soou pela escuridão do quarto, me deixando aliviado. Deitei-me de lado, mas mantive os braços firmes em torno de seu corpo. O fato de que Morgan se moveu junto comigo, deitando a cabeça em meu peito, era um sinal de que ela estava se acostumando com a ideia do que havia entre nós.

A minha persistência também ajudou.

Ficamos deitados no escuro, seu corpo colado ao meu, sem dizer uma palavra sequer. Eu sabia que ela estava acordada, mas esperei para ver se diria mais alguma coisa.

Dava para ouvir a movimentação no primeiro andar, até mesmo no corredor onde ficava o meu quarto — caos e gargalhadas como sempre. Eu já tinha me acostumado a dormir em meio à agitação. Nesta casa, essa era a única saída, caso contrário, você nunca dormiria.

— O que mais você gosta além de morar com um bando de animais? — ela perguntou, e eu ri. — Você sabe que é verdade — acrescentou. — Esses caras são descontrolados.

— São mesmo. — Não dava para negar.

— Então, além de andarem pelados em público, arremessarem ovos, e sabe-se lá o que fazem para infernizar um ao outro, o que você curte fazer? — perguntou de novo.

— No momento, só quero curtir você — respondi, beijando sua nuca e seu ombro.

— Além disso — ela disse, mais ofegante do que estava quando falou anteriormente.

Como não respondi, ela se virou para me olhar.

— Gosto de desenhar — ela me pegou de surpresa ao sussurrar. — Não sou muito boa nisso, mas acho relaxante. Desenho paisagens e imagens abstratas.

Pelo que eu conhecia de Morgan, teimosa e cabeça-dura, era difícil imaginá-la com um caderno de desenho nas mãos.

— Eu adoraria vê-los — falei, mas ela desviou o olhar. Segurei seu queixo e ergui sua cabeça para vê-la direito. — Você me mostra?

— Talvez — ela sussurrou. — Agora é a sua vez de me contar alguma coisa.

Fiquei um momento em silêncio, contemplando seu rosto na escuridão. A luz que vinha da rua e passava pela janela iluminava seu perfil.

— Eu já joguei baseball — confessei, vendo-a torcer o nariz de um jeito fofo.

— Um atleta? — Morgan disse, sorrindo.

— O que foi? Você gosta de atletas? — perguntei ao passar a mão por suas costas e posicioná-la sobre sua lombar. Ela me olhou, e aproveitei nossa proximidade para beijá-la. Nós nos perdemos naquele beijo, sua língua explorava minha boca, enquanto a minha retribuía sem hesitar.

Eu juro que poderia passar horas beijando esta garota.

Ela se afastou rápido demais, tive que lutar contra minha vontade de puxá-la de volta.

— Na verdade, não — respondeu. — Prefiro os *bad boys* audaciosos.

— Então fico feliz por não ter me inscrito para concorrer à bolsa de estudos que me permitiria jogar no time da Universidade da Califórnia, em Los Angeles. — Ela arregalou os olhos. Eu sabia que ela se surpreenderia. — Era algo que eu gostava muito, mas acabei superando. Eu queria mais. Para ser sincero, deixar minha família para ir morar na Califórnia era difícil de imaginar.

Sua expressão se suavizou.

— O que foi? — perguntei, tentando entender o porquê daquele olhar.

Ela se aconchegou mais, me envolvendo em seus braços. Nossos corpos estavam completamente grudados, nossas pernas enroscadas, lábios a poucos centímetros de distância.

— Acho que essa é uma das coisas que eu mais gosto em você. Você entende a importância que uma família tem. Eu enxergo isso na forma como você fala sobre a sua, e sua necessidade em se manter por perto é prova disso.

— Eu disse que somos mais parecidos do que você imaginava — falei, beijando-a de leve.

Não dissemos mais nada em meio aos beijos suaves no escuro. Esses beijos eram o bastante, eles eram mais do que suficientes. Eles me deixavam extremamente feliz.



— Largue essa pizza. — Olhei para o lado e encontrei Morgan parada perto da geladeira, com o braço esticado, apontando diretamente para mim. Eu segurava a pizza perto da boca, louco para dar uma mordida, mas ela me lançava um olhar perigoso.

— *Esta pizza?* — perguntei com a intenção de colocar mais lenha na fogueira. Era divertido. Na semana passada, descobri que momentos como este tinham se tornado os meus preferidos durante o tempo que passávamos juntos. As provocações e os flertes constantes eram revigorantes.

— Sim. — Ela semicerrou os olhos. — Essa pizza. As pizzas de cogumelos com azeitonas pretas são minhas. — Ela tentou transmitir um ar intimidador, mas mal conseguia esconder o sorriso. Seus lábios tremiam enquanto ela lutava para contê-lo. — Essa metade é minha.

— A metade toda? — perguntei, olhando-a da cabeça aos pés. Era impossível que uma garota magra como ela conseguisse comer aquilo tudo. Será que conseguia?

Marcus começou a rir do outro lado da mesa como se pudesse ler meus pensamentos.

— Ela consegue, sempre faz isso e vai fazer de novo. Sua namorada tem uma boca nervosa, então é melhor se acostumar. O meu conselho para você é: nunca, jamais se meta entre ela e uma pizza de cogumelos com azeitonas pretas. — Olhei para Morgan antes de voltar a encará-lo. — Você corre o risco de perder o dedo ou ficar sem uma bola. — Ele deu de ombros, e engoli em seco enquanto Morgan ria.

— Minha pizza é sagrada — ela disse, tentando recobrar o controle depois que Marcus ameaçou minhas bolas. Uma delas, na verdade.

— Pete tem um *crush* em Morgan, por isso prepara a pizza dela de um jeito especial — Marcus acrescentou, recebendo toda minha atenção. — Ele adiciona ingredientes extras, e eu juro pra você que o cara escreve mensagens ocultas com os cogumelos. Ele é maluco por ela.

— Marcus — Morgan disse em tom de ameaça, mas eu queria saber tudo sobre esse tal Pete.

— Deixe-o falar — protestei, gesticulando para que ele

continuasse. — Continue, por favor. Vou adorar saber mais sobre esse tal de Pete. — Tentei agir com indiferença ao pensar em outro cara interessado em Morgan. Apesar do nó na garganta, eu sorri, me recostando na cadeira.

— A família dele é dona da Porter's Pizza na *Michigan Avenue* — Marcus continuou, enquanto eu observava Morgan na expectativa de que ela desse algum sinal de que também tinha interesse em Pete. — Ele sempre nos cobra a metade do preço e nunca nos faz esperar. Se eu ligar e fizer um pedido, a prioridade é Morgan.

Fazia duas semanas que Morgan se entregou ao que sentia por mim e foi até minha casa. Desde então, ela tem aberto as portas do seu mundo para mim. O que também significa que estou mais próximo de Toby e Marcus. Marcus era um cara bem bacana, ver o quanto ele se preocupava com Morgan era um dos pontos que me fazia gostar dele. O fato de ele estar ao lado dela quando eu não estava presente era reconfortante.

— Ele tem uma monocelha — Morgan declarou, interrompendo o rumo dos meus pensamentos. — Uma monocelha enorme, lotada com os pelos mais escuros que já vi na vida.

Marcus caiu na gargalhada ao ver meu olhar de perplexidade.

— Monocelha? — repeti, e ela assentiu, arregalando os olhos.

Isso ajudava um pouco. Mas eu tinha que ir a Porter's Pizza com os meus amigos para tirar onda com a cara de Pete. Seria um jeito divertido de curtir a noite. Talvez eu devesse tentar persuadir Morgan a ir junto comigo, assim eu poderia bajulá-la na frente dele e deixar algo muito importante bem claro.

Ela é minha.

Sem hesitar, levei a pizza à boca e comi um pedaço enorme. Morgan arregalou os olhos, passando a impressão de que eu tinha cometido um crime horrendo. Logo depois, semicerrou os olhos e contraiu os lábios, furiosa.

O silêncio se instaurou naquele momento. Marcus ficou calado, eu continuei mastigando, e Morgan me observou como se eu fosse o inimigo.

— *Esta pizza está boa pra caramba* — falei ao dar outra mordida.

Fechei os olhos e soltei um gemido extremamente exagerado para expressar minha satisfação enquanto comia. Dava para ver que ela estava irada. Eu achava encantador quando ela tentava aparentar raiva. O fato de que ela achava que podia me intimidar era fofo pra cacete.

Morgan se moveu rapidamente e segurou minha mão quando fui pegar outra fatia. Ela chegou mais perto, aproximando o rosto do meu para olhar dentro dos meus olhos.

— Fique sabendo que se tocar em mais um pedaço da minha pizza, você vai dormir na sua casa, e não comigo na minha cama.

— Ah, é? — perguntei. Tudo o que ela fez foi assentir.

Por um lado, eu queria importuná-la. Provocá-la até que ficasse bem irritada. Eu a colocaria sobre o meu ombro e, apesar de saber que ela me chutaria e se debateria toda, eu a carregaria até o quarto. Eu já conseguia imaginar seus suspiros impacientes combinados à sua irritação quando a jogasse na cama e a penetrasse.

Eu tinha a sensação de que um pouco de sexo selvagem com Morgan seria uma experiência e tanto.

— É isso mesmo — ela garantiu. — Comer minha pizza é como pedir para ser banido desta casa.

Ri.

— Não estou brincando, sr. Stone. Você e seu amiguinho aí embaixo não vão mais dormir na minha cama, nem em nenhuma outra cama, comigo.

Então era assim? A vontade de desafiá-la era grande, mas a vontade de querer sentir seu corpo colado ao meu mais tarde era maior. Desisti. Deixaria essa discussão para outro momento.

— Eu tentei avisá-lo — Marcus disse. — Considere-se um homem de sorte por ela não ter te matado por roubar a pizza dela. Mas ainda existe a possibilidade de ela castrar você mais tarde, então eu me comportaria.

Ignorando Marcus e seus comentários incessantes sobre as minhas bolas, mantive meu olhar concentrado em Morgan. Eu só conseguia pensar no quanto achava adorável sua tentativa de me amedrontar.

Deixei a enrolação de lado, me aproximei de Morgan sem que ela esperasse e dei um beijo rápido em seus lábios. Pela tensão que senti ao beijá-la, deu para perceber que a peguei desprevenida. Eu adorava quando isso acontecia. Não era sempre que eu conseguia surpreendê-la. Pelo menos não quando havia outras pessoas por perto.

Quando estávamos sozinhos era diferente, ela me mostrava um lado que se esforçava para esconder.

Interrompi nosso beijo e fixei meus olhos nela, percebendo na mesma hora o desejo que brilhava neles. Meu coração se encheu de orgulho. Saber que eu era capaz de gerar esse tipo de reação com um simples beijo me reconfortou e diminuiu a insegurança que eu estava sentindo.

CAPÍTULO 24

Xavier

— Olha só quem decidiu nos dar a honra de sua presença. — Red se levantou do sofá e fingiu fazer uma reverência.

— É isso aí — falei ao passar por ele. — Bom saber quem é o maioral e quem é o vagabundo. — Comecei a rir quando ele veio pra cima de mim. Seus braços envolveram minha cintura, e, de repente, fui jogado sobre o ombro dele.

Meu celular começou a tocar, mas na posição que eu me encontrava, foi impossível alcançá-lo apesar de todo o esforço.

— Me coloca no chão, cara.

— O que foi? Sua namoradinha te colocou no cabresto e vai ficar puta se você não atender? — Esses caras não me davam um minuto de paz. Eles amavam me azucrinar por causa de Morgan, mas isso não me abalava. Eu aguentaria tudo o que eles quisessem fazer comigo.

Vi Isaac se aproximar atrás de Red como se investigasse a situação. Eu sabia que seria derrubado ou usado como um mecanismo de defesa. De qualquer modo, seria doloroso.

Antes que eu dissesse alguma coisa, Isaac puxou a calça de Red, e como eu já havia imaginado, ele reagiu rapidamente, me derrubando no chão. Estiquei a mão para me preparar para o impacto, algo que teria funcionado muito bem se não houvesse uma mesa de centro no meio do caminho.

Eu jurava ter visto estrelas quando a lateral do meu rosto bateu com uma força do caralho na madeira. Na mesma hora, cobri o rosto e me deitei de costas.

— Filho da pu... — minha voz foi abafada pelo contato de uma mão com a minha boca.

— Você perdeu algum dente?

Debi e Loide pairavam sobre mim. Corbin segurava um sanduíche e mastigava de um jeito irritante. Já Clayton parecia meio preocupado.

— Sua namorada não vai gostar de ver você banguelo igual a um bicho do mato — Corbin disse antes de dar um tapinha no ombro do irmão. — Você lembra do Murray, aquele cara da nossa cidade? — Os dois começaram a rir. — Dava para contar os dentes que o homem tinha. Não sei o que aconteceu, mas ele estava destruído.

— Nós poderíamos chamá-lo de Murray — Clayton disse com uma risada. Pelo visto, ele não estava tão preocupado assim.

Me levantei e vi Red dando uma gravata em Isaac. A parte mais louca de tudo foi ver que ele ainda estava com a calça arriada. A cueca também. A bunda à mostra pra todo mundo ver. Na verdade, ele não estava tão nu assim, já que parecia o Chewbacca.

— Que porra cabeluda — falei. Balançando a cabeça, fui ao banheiro conferir o estrago.

Acendi a lâmpada, tirei a mão do rosto e resmunguei alto.

— Pelo menos você não está banguelo — Corbin disse da porta. — Em compensação, parece que tem um terceiro olho saindo do seu rosto.

Eu até pensei em retrucar, mas ele tinha razão. Minha bochecha estava toda inchada, e havia um corte no meio. Uma pequena quantidade de sangue escorria dela. O inchaço estava horrível, tanto que meu olho parecia ter aumentado de tamanho.

— Que ótimo — falei, me apoiando na pia para chegar mais perto do espelho. — Eu deveria ter ficado no apartamento de Morgan. — Viver com as indiretas de Marcus era melhor do que os abusos que rolavam por aqui.

Meu telefone voltou a tocar, um lembrete de que eu não tinha atendido à ligação anterior à minha colisão com a mesa. Eu me afastei da pia e tirei o celular do bolso.

Era minha irmã, Cassie.

— Oi, pirralha — falei, resmungando ao encostar o telefone na orelha. Tive que trocá-lo de lado no mesmo instante. — Como você está?

— *Entediada* — ela disse. Essa foi a única resposta que recebi.

Cassie tinha doze anos, era a caçula da família. Ela estava chegando naquela fase em que os meninos se tornavam um pouco mais interessantes, enquanto tudo o que ela amava fazer era infantil. Eu não gostava muito dessa parte dos garotos.

— Cadê o Carter?

Ela soltou um suspiro irritado.

— *Está com Ariana* — respondeu. — *Ele vive com ela agora. Aposto que ela colocou nele uma coleira de choque. É só estalar os dedos que ele vai correndo atrás dela.*

Carter tinha acabado de completar dezesseis anos, e há uma semana, meu pai o pegou pelado junto com a namorada no banheiro.

Eu ouvi o sermão inteiro cobrindo a boca para não rir. Havia algo de extraordinário sobre o fato do meu irmão estar experimentando os prazeres sexuais. A minha vontade era cumprimentá-lo e presenteá-lo com o maior pacote de camisinhas que eu encontrasse. Quanto a Cassie... eu só queria arranjar um cinto de castidade e aprisioná-la no sótão de casa.

— Ela é a primeira namorada dele — expliquei.

— *Ela é uma vadia, isso sim* — Cassie acrescentou, e engasguei. Eu conseguia imaginá-la revirando os olhos. — *Posso ser muito nova, mas sei por que ele gosta tanto dela. Ela faz todas as vontades dele. Carter é um idiota por não se dar conta de que ela também deixa Mark e Fritz fazerem o que querem.*

— Como é? — Me virei, dando de cara com Corbin e Clayton parados perto da porta, bisbilhotando. Gesticulei, expulsando-os do banheiro. — Você está me dizendo que ela estava dormindo com três garotos diferentes?

— *Sim* — Cassie respondeu. — *Mas Carter fica puto quando alguém diz isso.*

— Cas — falei em tom de ameaça. Eu sabia que “puto” era o termo mais brando em seu vocabulário de vulgaridades, ainda assim não estava preparado para vê-la se expressar daquele jeito.

— *Venha me buscar* — ela retrucou, mudando de assunto.

— Cassie, você está a duas horas de distância. — Cruzei os braços e me encostei contra a pia.

— *Então é melhor se apressar.* — Pelo visto, ela não tinha se aprimorado só nos xingamentos. — *Pare de reclamar, entre no carro e venha pra cá.*

— Desde quando você ficou mandona assim? — Eu sorri. Seu atrevimento lembrava muito uma certa loirinha de quem eu gostava.

— *Desde que você decidiu me abandonar e ir para a faculdade, me deixando sozinha com o irmão perturbado* — ela disse, sem rodeios. — *Desde que eu fui obrigada a escutar a conversa dele com os amigos sobre coisas que meus ouvidos inocentes não deveriam ouvir. Desde que você decidiu que as noitadas e as piriguetes da faculdade são mais importantes do que vir para casa visitar sua irmã caçula. Desde que você decidiu...* — ela continuou listando um monte de merda.

— Tá bom, tá bom — interrompi. — Já chega.

— *Foi você quem perguntou* — respondeu, dando risada.

— Para sua informação, estou namorando — revelei.

— *Pelo amor de Deus, não me diga que você voltou com aquela ridícula que fala “tipo assim” toda vez que abre a boca.* — Cassie parecia aborrecida. — *Teve um dia que eu pensei que ela fosse quebrar o pescoço de tanto que jogava aquele cabelo de um lado para o outro. “Sabe, tipo assim, é muito louco como os garotos, tipo assim, me notam mais quando*

eu, tipo, balanço meu cabelo pra lá e pra cá.”

Tinha que ser a Cassie...

— Não, o nome dela é Morgan — eu a corriji. — Ela não é como Britney, na verdade, é muito inteligente. É engraçada, e acho que só a vi usar o termo “*tipo assim*” algumas vezes desde que a conheci.

— *Então, tá. Pode trazê-la com você.*

Em vez de responder, fiquei calado por um tempo, imaginando se conseguiria convencer Morgan a visitar Cassie comigo.

— *Alô?* — Cassie disse depois de eu passar tempo demais em silêncio.

— Vou ver o que posso fazer — falei, desligando o telefone. Eu sequer esperei que ela respondesse.



— O que aconteceu com você? — Morgan perguntou ao abrir a porta do apartamento, usando apenas uma camiseta comprida. A mesma camiseta que ela usou para dormir ontem à noite.

Como eu sabia disso? Eu estava presente quando ela a colocou sobre seu corpo nu. A camiseta era minha. Vê-la vestida com ela mais uma vez era gratificante. Ela ficava linda nela.

Ignorando o fato de que ela me olhava com preocupação, entrei em ação. Envolvi sua cintura, agarrei sua bunda e apertei seu corpo contra o meu. Ela suspirou no momento em que encostei meu pau meio duro nela, movendo um pouco meus quadris.

— Você gostou da minha camiseta? — perguntei, dando um beijo em seu rosto.

— Talvez — seu sussurro ofegante me dizia que aquele *talvez* era, na verdade, um *sim*.

— Ela fica melhor em você. — Dei outro beijo no canto de sua boca. Ela gemeu com o outro movimento dos meus quadris. — Nós estamos sozinhos? — perguntei, empurrando-a para dentro do apartamento.

— Marcus está no trabalho — ela me garantiu. Isso era tudo o que eu precisava.

Fechei a porta e agarrei sua bunda com mais força, as mãos estendidas sobre suas nádegas. Minha namorada tinha uma bunda e tanto.

A ergui, e ela envolveu as pernas em minha cintura. Eu tinha vindo até aqui com um objetivo que certamente não era esse. Mas vê-la com minha camiseta e toda preocupada mexeu comigo. Então decidi aproveitar que estávamos a sós.

Ela arregalou os olhos quando a coloquei sobre a mesa da

cozinha e pus a mão em sua barriga, empurrando-a para trás. Com um sorriso, eu a empurrei com mais força até suas costas encostarem na mesa.

Suas pernas continuavam ao redor da minha cintura, então eu as afastei e recuei por um momento só para contemplá-la. Seu cabelo espalhado sobre a madeira escura, a camiseta toda embolada, expondo seu pretexto para usar calcinha. Eu amava o fato de que Morgan gostava de usar modelos sexy e minúsculos embaixo da roupa. Era sempre uma surpresa muito agradável descobrir o que ela escondia. Era como desembulhar o melhor presente do mundo.

Estendi a mão e percorri a renda com a ponta do dedo. Suas costas arquearam; ela fechou os olhos com força à medida que minha mão descia cada vez mais, aplicando um pouco de pressão ao deslizar sobre seu clitóris.

— Você gosta assim? — perguntei. Ela assentiu, mantendo os olhos fechados. — Quer mais? — Assentiu novamente, mas eu precisava de mais. — Me diga — insisti.

Dava para ver a determinação em seus olhos quando ela os abriu e me encarou. Ela estava tentando. Tentando inverter os papéis para me fazer acreditar que ela estava no comando.

Mas eu não permitiria isso. Não neste momento. Eu estava ansioso demais para me entregar assim.

— Me diga — repeti ao enfiar o dedo sob sua calcinha, sentindo o quanto ela já estava molhada. — Eu só preciso que me diga, e terá o que quiser — lhe garanti.

Quando vi sua determinação ir por água abaixo, eu meti o dedo dentro dela apenas o suficiente para provocá-la. Assim que o removi, ela gemeu.

— Mais? — perguntei, tocando seu clitóris outra vez.

— Sim — ela disse em um tom exigente, mas ao mesmo tempo necessitado. — Mais — a palavra ecoou pelo apartamento.

Mantive meu dedo no lugar, estimulando-a. Com a outra mão, tirei a carteira do bolso. De algum jeito, eu consegui me virar e pegar a camisinha que tinha colocado lá dentro. Eu a segurei entre os dentes, desabotoei a calça rapidamente e a abaixei o suficiente para colocar meu pau duro para fora.

Depois de abrir a embalagem do preservativo e desenrolá-lo com muita habilidade, afastei a calcinha dela e pressionei seu corpo contra o meu. Ela já remexia os quadris, querendo mais, então cheguei mais perto e dei uma pequena amostra do que ela desejava.

— Por favor — implorou.

Senti meu peito inflar de orgulho, certo de que eu estava no comando.

Ela abriu os olhos e me encarou com o desespero que eu tanto

desejava. Segurei seus quadris e a invadi com uma investida firme. Ela se moveu, lançando-se contra mim, querendo mais.

Suspiros preencheram a atmosfera à nossa volta, assim como os ruídos dos nossos corpos batendo um contra o outro em busca de prazer. Minhas pernas ficaram tensas quando senti sua boceta contrair, sinal de que ela estava quase lá.

Usei o dedão para massagear seu clitóris, criando movimentos circulares. Em questão de segundos, ela cravou as unhas em meus braços e moveu os quadris com mais rapidez, entrando no ritmo dos meus próprios movimentos.

— Isso — ela disse, ofegante, seu corpo tremendo e se contorcendo contra mim.

Fiquei completamente perdido quando ela contraiu os quadris com mais força e pressionou minha pelve contra a dela, se entregando à onda de prazer.

CAPÍTULO 25

Morgan

Que reviravolta! Eu estava deitada sobre a mesa da cozinha, a mesa que eu, devo acrescentar, dividia com meu melhor amigo. A mesa que não era minha, mas que eu usava para jantar com meu melhor amigo quase todas as noites. Só que agora, essa tal mesa foi convertida no lugar onde meu namorado decidiu abalar minhas estruturas.

No caso, me foder loucamente. Minha nossa, eu estava ficando louca. Que tipo de mulher eu havia me tornado?

Em meio a todo aquele êxtase, fui surpreendida por um par de olhos que me observavam atentamente. Um sorriso tomava conta daqueles lábios deliciosos que ele tinha. Pois é, foi isso o que aconteceu comigo.

Xavier.

Ele destruiu todas as barreiras que ergui entre nós, roubou meu coração e me transformou em uma daquelas garotas que sempre abominei. Garotas que ficavam todas melosas na presença de um homem. Sim, eu testei a paciência dele, mas acho que nós dois sabíamos que eu me entregaria em algum momento. Ele era viciante.

— Viu o que acontece quando você usa minhas roupas? — ele finalmente falou, me fazendo rir.

— Eu deveria me preocupar por você ficar excitado com roupas masculinas? — perguntei, destilando um pouco daquele atrevimento que eu sabia que ele amava.

Senti seu corpo se afastar do meu quando ele deu um passo para trás. Ele estendeu a mão, me segurou e me tirou de cima da mesa. Me deu um beijo suave e encostou a testa contra a minha no momento em que me puxou para mais perto.

— O problema não são as roupas, é a garota — ele admitiu, e aquela sensação de frio na barriga retornou.

Por mais que eu tentasse, me apaixonar era algo inevitável. Xavier estava longe de ser o cara que eu imaginei no início. Ele era

admirável, carinhoso e gentil. Me fazia bem, era legal com Marcus e adorava Toby. Ele era maravilhoso, o homem perfeito para vencer minhas limitações e me mostrar o que faltava em minha vida.

Recuei, atenta ao inchaço e ao hematoma em seu olho.

— Você vai me contar o que aconteceu com o seu rosto? — perguntei.

— Red me derrubou — ele disse assim que removeu a camisinha e foi à cozinha pegar um papel toalha. Eu o observei enrolá-la no papel e jogá-la na lixeira.

— Por que ele derrubou você? — perguntei, completamente vidrada em toda masculinidade que ele ostentava.

— Porque Isaac abaixou a calça dele — ele disse, ajeitando as coisas dentro da calça antes de abotoá-la. — Até a cueca foi arrancada.

Balancei a cabeça como se precisasse clarear a mente. Pelo visto, ele havia me transformado em uma maníaca sexual que não conseguia pensar em outra coisa.

— Ok... — Eu continuava confusa, e mesmo achando perigoso perguntar, passei para a próxima pergunta. — Para começo de conversa, por que Red estava com você no colo?

— Ele sentiu minha falta — Xavier disse com indiferença, encostando-se contra a bancada.

Eu o encarei, abismada. Nunca entenderia Xavier e os amigos dele. Eles eram malucos e viviam pregando peças um no outro. Era por isso que eu tinha medo de ficar na casa dele. Não estava nem um pouco a fim de acordar com penas de galinha coladas ao meu corpo.

— Esqueça o que perguntei — respondi. Me aproximei dele, abri o congelador e peguei um pacote de legumes congelados. Eu o entreguei a Xavier, que me lançou um olhar confuso. — Segure isso sobre o seu rosto. Está parecendo que alguém te espancou.

Ele pegou o pacote e o colocou sobre o rosto, sorrindo para mim.

O fato de que ele não via problemas em ser agredido e ridicularizado pelos amigos me espantava.

— Então... — ele disse, desviando o olhar. Deu pra ver que ele estava preocupado com o que estava prestes a falar. — Quer dar um passeio de carro comigo?

— Passeio? — perguntei, e ele assentiu. — Para onde?

Ele deu de ombros, me lançando aquele sorriso sexy e fatal que só ele tinha.

— Kissimmee.

Eu sabia muito bem o que havia em Kissimmee — a família dele. Ele me contava bastante sobre ela durante as noites que passávamos em claro na cama. Eram nesses momentos que eu

testemunhava o amor que ele sentia pela família. Eu sempre lembrava do meu amor por Toby quando ele falava sobre os irmãos. Ele ria ao me contar as histórias de sua infância, revelando seu lado protetor a cada palavra dita.

As histórias que ele contava sobre sua mãe fazia com que meus sentimentos por ele fossem impossíveis de ignorar. Ele a adorava. Um homem que amava a mãe desse jeito também merecia ser amado.

O orgulho que ele sentiu ao descrever o pai me fez abrir um sorriso. O cara parecia ser a cópia de Xavier, mas acho que ele não fazia ideia do quanto se assemelhava à descrição de seu pai.

Então, por que a ideia sobre conhecê-los me deixou um pouco surtada?

— Fiquei me sentindo culpado quando Cassie me ligou, reclamando por eu não visitá-los mais vezes. — Ele ainda segurava o pacote de legumes sobre o rosto. — Ela quer conhecer você.

Mais pânico.

— Ah, não sei — eu disse, fazendo o que sabia fazer de melhor. Estava procurando uma desculpa para explicar por quê. O único problema era que eu não conseguia pensar. Era final de semana, não havia aula e eu não tinha mais um emprego. Eu poderia dizer que planejava visitar Toby e meus pais, mas eles foram passar o final de semana com meus avós, e Xavier estava ciente disso.

Antes que eu dissesse mais alguma coisa, Xavier passou por mim e deu um tapa na minha bunda, me fazendo gritar de surpresa.

— Você não tem nada pra fazer, amor — ele disse, sorrindo. — Anda logo! Não esqueça de pegar o biquíni.

Esfreguei a pele ardida da minha bunda.

— Biquíni? — Me virei, enquanto ele andava pelo apartamento. Ele se sentou ao se aproximar do sofá e colocou os pés sobre o pufe. Até parecia ser o dono do lugar. Ele se acomodou como se estivesse em casa e ligou a televisão.

— Sim — respondeu, sem olhar para mim. — Cassie gosta de tomar banho de piscina, então acho melhor você se preparar.

Apesar de ele não estar me olhando, eu o encarei, um pouco chocada por ter me metido nessa situação. Por que eu não conseguia dizer não a este homem? Eu nunca tive problema com isso, mas Xavier conseguiu sumir com o meu lado desagradável.



Fui pega de surpresa pelo que vi. Na verdade, fiquei sem palavras ao observar a casa diante de mim pelo para-brisa do carro. Era linda, enorme, a casa mais elegante que eu já vi.

— Vamos — Xavier disse ao sair do carro. Ele fechou a porta

rapidamente e veio para o lado onde eu estava. Segurei sua mão sem contestar quando abriu minha porta para mim.

— Que linda — eu falei, olhando para a casa mais uma vez.

— Eles se mudaram pra cá há oito meses. Meu pai é dono de uma construtora, então sua especialidade é construir. — Ele piscou enquanto me levava em direção à porta.

— O seu pai construiu esta casa? — Fiquei perplexa de novo. Era difícil imaginar como seria viver numa casa tão incrível. Ela tinha três garagens. Três.

Aquela sensação de assombro que eu sentia não era nada se comparada ao que senti quando ele abriu a porta e nós entramos.

— Caramba — falei, incapaz de me conter.

Xavier riu.

— É, acho que ele deu uma exagerada. Minha mãe queria uma casa nova há muito tempo, então quando ele finalmente teve condições de lhe dar uma, fez questão de que tivesse tudo e mais um pouco. Venha. — Ele puxou meu braço. — Cassie! — Xavier gritou, me deixando sobressaltada.

Dava para ouvir os passos de alguém no andar de cima. Em um piscar de olhos, um vulto amarelo e preto passou correndo por mim e se atirou nos braços de Xavier.

— Você veio! — Xavier riu do gritinho esganiçado de sua irmã. Era fofo ver o quanto ela o adorava.

— Vim, pirralha. — Ele deu um abraço bem forte nela, tirando seus pés do chão. — E trouxe alguém que eu quero que você conheça.

Fiquei nervosa quando ele a colocou no chão e ela se virou para mim. Acho que eu nunca tinha visto olhos tão azuis na minha vida. A cor sobressaía em sua pele bronzeada e cabelos escuros. Ela era deslumbrante e só tinha doze anos. Seus pais teriam muito trabalho quando ela ficasse mais velha.

— Ela é muito mais bonita que aquela fulaninha. — Cassie olhou para o irmão, que esticou a mão para bagunçar o cabelo dela. Ela riu e tentou se afastar dele. — Pare! — Ele finalmente recuou ao ouvir o grito dela.

Quando nossos olhares se encontraram de novo, ela sorriu.

— Oi, eu sou Cassie.

— Morgan — respondi, com um aceno. Eu não deveria estar tão nervosa por conhecer uma garota de doze anos, mas era exatamente assim que eu me sentia.

— Pensamos em passar o dia por aqui — Xavier falou. — Podemos dar um mergulho.

— Quer dizer que você não vai me levar para Gainesville. — Ela cruzou os braços numa postura desafiadora. Eu já amava aquela menina só de ver seu olhar exasperado. Ela era temperamental e

testava a paciência de Xavier de um jeito hilariante. Falava o que dava na telha, sem hesitar.

Ela era a minha versão com doze anos de idade.

— É claro que não. Não vou levar você para uma república cheia de membros da fraternidade — Xavier riu.

Cassie bufou de raiva e me olhou, curvando os ombros quando eu não disse nada.

— Por que as mulheres perdem a capacidade de falar e expressar suas opiniões quando se apaixonam por alguém?

Ela deu meia-volta e subiu as escadas, me deixando boquiaberta. Lancei um olhar penetrante para Xavier assim que ouvi sua risada.

— Eu não desaprendi a falar nem perdi a capacidade de expressar minhas opiniões — declarei.

Ele chegou mais perto, envolvendo minha cintura.

— Eu sei disso — sussurrou. — Mas você se apaixonou por alguém. — Quando ele me beijou, eu soube que tinha razão; eu estava apaixonada. E sempre que estava com ele, me apaixonava um pouco mais.

CAPÍTULO 26

Xavier

— Lá vou eu! — Cassie gritou ao pular na piscina. Foi a décima vez que ela fez isso, e Morgan riu em todas elas. Cassie dava trabalho às vezes. Ela enchia o saco dos outros, era extremamente dramática e complicada, mas eu a amava. Ela também era especial, minha maior fã, aquela que seria sempre a minha garotinha. Como eu já disse, vê-la namorando e crescendo era algo que eu nunca aceitaria.

Que Deus tenha misericórdia do cara que partir o coração dela.

Eu estava relaxando no ofurô enquanto observava as duas. Morgan foi atrás de Cassie, e apesar de não ter pulado igual uma bola de canhão, usou o trampolim para saltar.

— Nossa Senhora da... — Eu me virei e vi Carter encarando Morgan de queixo caído, a respiração ofegante. Pirralho pervertido.

— Otário — falei, chamando sua atenção. — Tire os olhos dela.

— Essa aí é sua? — ele perguntou, dando outra conferida em Morgan.

— O nome dela é Morgan, e não “essa aí” — respondi. — É minha namorada.

— Muito bom — ele disse pausadamente, assentindo. Então meu pai apareceu e deu um tapa na nuca de Carter.

— Pare de ser chato, Carter — ele disse, olhando para mim. — Ela ligou para você, né?

— Sim — sorri.

— Ela te domina direitinho — ele disse, sorrindo. — Mas não posso falar nada, porque também sou manipulado. — Cassie sabia lidar com os homens da família, menos com Carter. Ele estava naquela fase de rebeldia.

Morgan viu que não estávamos mais sozinhos, então se enrolou na toalha. Ela parecia hesitante, mas veio até nós quando eu a chamei.

Saí do ofurô e parei ao lado dela.

— Morgan, este é o meu pai, Paul.

Meu pai apertou a mão de Morgan.

— É um prazer — disse.

— Este pirralho pervertido é meu irmão, Carter — acrescentei, empurrando-o.

— Você está com ciúme — Carter sorriu.

— Ciúme de quê? — eu o provoquei. Ele riu, segurou a mão de Morgan e a beijou, piscando para ela. Ela o olhava sem acreditar, e não era muito difícil imaginar o que passava pela cabeça dela.

Fiquei em silêncio enquanto meu pai e Morgan conversavam como se já se conhecessem há muito tempo. Ela disse que ele tinha uma casa e uma família linda.

Ela estava impressionada, mas meu pai não era o tipo de homem que se achava melhor que os outros.

São só coisas materiais, ele sempre dizia. Eu também era assim. A residência precária em que a família de Morgan morava não me incomodava. O pai dela era trabalhador e fazia tudo o que podia. Ele era generoso, amava a família que tinha, e era isso que importava.

Meu coração acelerou de tanta felicidade ao ver Morgan interagindo com minha família. Esse era um passo muito importante para nós. Por mais durona que fosse, ela estava começando a ficar mais receptiva. Era lindo vê-la baixando a guarda e relaxando.

— Carter, você pode me explicar por que seus sapatos enlameados estão dentro de casa? — a voz da minha mãe ecoou pelo pátio quando ela abriu a porta e saiu. Seus olhos brilharam no momento em que viu Morgan. — Quem nós temos aqui?

— Esta é minha namorada — Carter disse, parando ao lado de Morgan. Eu estava a ponto de jogá-lo dentro da piscina quando ouvi a risada da minha mãe.

— Ah, tá. Duvido — ela disse, revirando os olhos. — É óbvio que ela não está com você.

— Por que não estaria? — Carter parecia ofendido.

— As garotas que você traz pra cá me lembram a cabeça de vento que Xavier namorava. — Dessa vez, fui eu quem a olhou incrédulo. — Esta menina parece ser muito capaz de levar uma conversa adiante sem correr o risco de quebrar o pescoço de tanto jogar o cabelo pra lá e pra cá igual uma idiota.

Morgan tentou conter o sorriso, mas seus olhos brilhavam. Ela parecia adorar o fato de que todos da minha família não gostavam da minha ex.

— Oi, querida — minha mãe finalmente se dirigiu à Morgan. — Sou Caroline.

— Morgan — ela estendeu a mão. — Prazer.

Minha mãe ignorou a mão de Morgan e a puxou para um abraço. Ela não se incomodou com o fato de que Morgan ainda estava

molhada da piscina, nem com sua postura tensa. Esse era o jeito da minha mãe.

— É um prazer conhecê-la — minha mãe disse, recuando. — Vocês dois vão ficar para o jantar, certo?

Morgan me olhou em busca de uma resposta, mas dei de ombros. A decisão era dela. Eu queria muito vê-la tentar negar à minha mãe a oportunidade de cozinhar para nós.

Observei o desenrolar das coisas. Morgan me encarava com os olhos arregalados como se pedisse socorro. Quando percebeu que não a ajudaria, tentou disfarçar seu aborrecimento com um sorriso fingido. Eu sabia diferenciar os sorrisos verdadeiros dos sorrisos forçados.

— Claro — ela disse para minha mãe com um quê de incerteza na voz.

Minha mãe praticamente pulava de emoção quando entrou em casa para começar os preparativos, esquecendo Carter e seus sapatos enlameados. Todos a seguiram, um por um, deixando Morgan e eu para trás.

— Valeu pela ajuda, idiota — ela reclamou, baixinho, me fazendo rir.

— Sem problemas, amor — respondi, levando uma pancada na costela.

— Aliás, Xavier. — Meu pai pôs a cabeça para fora. — O que aconteceu com o seu rosto?

— Red — eu usei só uma palavra para explicar, e isso era tudo o que meu pai precisava. Ele havia conhecido meus amigos e já tinha visto Red em campo, durante uma partida. Ele sabia que as coisas que aconteciam na república eram imprevisíveis. Não tinha por que insistir numa explicação. Quando alguém entrava no campo de visão de Red, o desastre era inevitável. Essa não foi a primeira vez que precisei ostentar as marcas de seus atos.



O tempo voou. Jantamos, rimos e comemos uma sobremesa maravilhosa com chocolate, morangos, creme de leite e massa para bolo que Morgan mostrou à minha mãe como improvisar. Entre meu pai, Carter e eu só restaram os farelos.

Acabamos indo para a sala onde jogamos adivinhação e alguns outros jogos que minha irmã nos convenceu a jogar.

Morgan e minha irmã se uniram contra mim, e é claro que minha mãe não parou de rir. Eu soube que Morgan havia sido aceita na família quando minha mãe se aproximou de mim e sussurrou:

— Eu amei essa menina. Ela é ousada e agradável; a combinação perfeita.

A noite não demorou a chegar, um sinal de que precisávamos ir embora. O problema é que foi difícil acabar com a panelinha que se formava diante dos meus olhos. Cassie estava encantada com Morgan. Juntas, elas eram um perigo, mas isso não me assustava. Amei ver a conexão entre elas.

Elas estavam sentadas no chão, encostadas contra o sofá, vendo um álbum antigo de quando éramos crianças. Eu me aproximei, invadindo o espaço entre as duas. De um jeito quase simultâneo, elas me olharam e reviraram os olhos.

— Nós temos que ir — falei para Morgan.

— Durmam aqui — Cassie disse, sem hesitar. — Eu tenho uma cama auxiliar onde Morgan pode dormir.

Senti um aperto no peito só de pensar em ter que passar a noite sem Morgan ao meu lado. Nós dormíamos quase todas as noites juntos em seu apartamento, e eu tinha esperança de que fôssemos fazer o mesmo hoje. Como se pudesse ler minha mente, a pirralha resolveu continuar falando.

— Não seja grudento, cara. Dê um pouco de espaço a ela. — Cassie me tirou do caminho, e Morgan riu.

Talvez as duas fossem demais para minha cabeça.

CAPÍTULO 27

Morgan

Passar o dia com Xavier e sua família revelou um lado diferente dele, um lado que eu já tinha ouvido falar, mas nunca tinha visto. Dava para sentir o amor que ele tinha por eles sempre que falava sobre sua vida antes da faculdade. Sua admiração e amor ficavam evidentes para eles toda vez que ele falava. Mas testemunhar isso pessoalmente foi uma experiência única.

Com a mãe, ele era engraçado e amoroso. Seu jeito implicante me lembrava muito de como ele era comigo quando não estava me beijando ou tentando me seduzir. Ele implicava com ela por coisas mínimas, mas ela sempre devolvia. Algo me dizia que ela estava acostumada com esse tipo de comportamento, já que tinha dois filhos homens.

A meu ver, Carter era completamente o oposto de Xavier.

O mais incrível era que seu pai não fazia nada, apenas observava em silêncio, algo que me lembrava muito o meu próprio pai. O orgulho emanava dele, que só balançava a cabeça quando seus dois filhos começavam a discutir. Já Cassie se garantia sozinha. A menina era geniosa, e eu amava sua ousadia.

Eu estava trocando de roupa no quarto de Xavier quando alguém deu uma batidinha à porta. Comecei a abri-la bem devagar enquanto abotoava meu short jeans, e a cabeça de Xavier apareceu na fresta.

— Ah, eu estava torcendo para pegá-la desprevenida — ele disse, me lançando um olhar sugestivo.

— Tarde demais — eu disse, com um sorriso provocante.

Ele entrou no quarto e fechou a porta silenciosamente antes de voltar a me olhar. Vi sua expressão maliciosa quando ele começou a se aproximar de mim.

— Nunca é tarde demais — afirmou, seu olhar percorrendo meu corpo da cabeça aos pés. Era impossível não reagir quando ele me observava desse jeito. Eu senti o calor atingindo minha nuca

enquanto a tensão se espalhava pelo meu corpo. Tentei agir com naturalidade, mas ele me conhecia muito bem. — Só precisamos desabotoar este short — ele disse, passando os dedos sobre o cós. — Depois, nós o removemos para você se virar e segurar o pé da cama.

Minha cabeça dizia que não, mas meu corpo gritava que sim.

— Eu vou ser rápido — ele prometeu ao encostar sua ereção contra mim.

Eu estava prestes a ceder quando a porta foi aberta e Carter apareceu.

— Cara, e se eu fosse o pai? — ele disse, dando risada. — Ou pior, a mãe.

Xavier tentava se recompor, enquanto eu ria da situação.

— O pai já me pegou uma vez, mas só me mandou ser rápido porque a mãe podia chegar em casa a qualquer momento — Carter acrescentou, e Xavier revirou os olhos.

— Você já ouviu falar em bater antes de entrar? — ele disse em um tom irritado.

— Já, mas entrar sem avisar é mais divertido. — Carter deu de ombros, passou por nós e se jogou na cama.

Xavier partiu pra cima dele, e eu tive que ser rápida para me desviar de um pé que veio em minha direção. Fiquei parada, observando os dois irmãos com um sorriso no rosto.

Recuei até bater com as costas na escrivaninha, enquanto os dois continuavam se agredindo. *Garotos*, pensei, balançando a cabeça ao me virar e percorrer com os olhos o quarto de Xavier. A versão adolescente do homem que eu conhecia podia ser vista na parede acima de sua escrivaninha. Fotos dele com os amigos e algumas garotas. Troféus de campeonatos juvenis, além de um prêmio e recortes de jornais com os lances de diversas partidas.

Inclinei-me para ler os títulos de algumas seções que acompanhavam algumas imagens.

Xavier Stone garante a melhor queimada dupla de sua vida e traz o título do Campeonato Nacional para a Flórida.

Esse era apenas um dos muitos que ele tinha à mostra. Eu estava tão distraída olhando cada artigo que levei um susto quando Xavier parou atrás de mim. Seus abraços fortes envolveram minha cintura, e ele apoiou o queixo em meu ombro.

— Tá fazendo o que aqui? — ele perguntou.

— Conhecendo um pouco mais sobre você — admiti, sorrindo ao imaginá-lo em seu uniforme de baseball, se movimentando pelo campo com toda sua beleza.

— Você já me conhece — Xavier me garantiu.

— Por que você não tentou entrar para o time de baseball da

Universidade da Flórida? — perguntei, curiosa para saber por que ele desistiu tão fácil.

— Eu não quis — respondeu, com convicção. — Queria focar nos estudos e em conseguir meu diploma.

— E em participar de noitadas — acrescentei.

— Eu amava jogar baseball, mas não queria fazer só isso. — Ele ignorou meu comentário sobre as noitadas.

— Podemos jogar um dia desses? — perguntei, surpresa comigo mesma. Praticar esportes não era muito a minha praia, mas havia algo excitante em ver Xavier na zona de *strike*. Eu queria ter essa oportunidade.

— Claro — ele sussurrou ao beijar meu pescoço. — Vou marcar um dia para levar você.

Eu sabia que isso poderia acabar em desastre — ou eu tropeçaria e quebraria o pescoço, ou seria atingida por uma bola rápida. Ainda assim, correria o risco.



— Como foi o passeio? — Marcus perguntou quando entrei no apartamento. Ele estava deitado no sofá, ainda de pijama, com o cabelo todo bagunçado.

— Foi muito legal — eu disse, largando a bolsa no chão para me juntar a ele no sofá. — Eu estava nervosa, mas a família dele é incrível. A casa é enorme, linda e sofisticada, mas eles não agem como se fossem melhores que os outros. Nunca conheci pessoas tão sensatas.

Marcus sorriu de orelha a orelha sem dizer uma única palavra, apenas me ouvindo falar.

— A mãe dele é um doce, o pai e o irmão... eles são iguais ao Xavier. Mas o irmão dele, Carter, é um pervertido apesar de só ter dezesseis anos. A maioria dos garotos dessa idade só pensa numa coisa. — O pirralho passava um pouco dos limites. — Já Cassie, a irmã dele, é a minha versão com doze anos de idade, eu juro pra você.

— Minha nossa — Marcus arregalou os olhos de um jeito dramático. — O mundo não vai suportar duas de você.

Dei um empurrão em seu ombro, e ele riu.

— E onde está o seu namorado? — ele perguntou, se endireitando.

— Ah, meu namorado? — respondi, tentando desconversar. — Eu o mandei embora. Preciso de um pouco de espaço.

Tentei manter a seriedade, mas Marcus não era bobo. Me virei lentamente para encará-lo e o encontrei com a sobrelance arqueada, lábios contraídos do jeito que eu costumava fazer. Caí na gargalhada.

— Nós dois sabemos que vocês não conseguem ficar longe um

do outro. Você parece uma viciada, e ele precisa que você funcione direito. Vocês são um grude.

Dei de ombros sem negar nada. Eu gostava de ter Xavier por perto; ele subiu no meu conceito em pouquíssimo tempo. Me perguntava por que insisti tanto em ficar longe dele.

— Você acha que tem um tempinho para ficar comigo por algumas horas?

Voltei minha atenção para o meu melhor amigo.

— Você sentiu saudade de mim? — perguntei, e ele revirou os olhos. — Sentiu, sim. Você sentiu saudade.

— Que seja, você é uma vaca. Por que eu sentiria saudade de você? — Ele se levantou do sofá e foi até a cozinha.

— Eu posso ser uma vaca, mas você sentiu muito a minha falta — provoquei. — Admita, Marcus Alan, que você sentiu saudade de mim.

— Eu só não gosto de ir ao cinema sozinho. É muito sem graça. — Ele se recostou contra a bancada da cozinha e cruzou os braços. — Com quem mais vou tirar sarro das cenas de sexo?

Fui até ele e me atirei em seus braços.

— Se serve de consolo, eu também senti saudade de você — confessei, dando um abraço forte nele.

— Xavier está amolecendo seu coração — ele disse, me fazendo rir. Talvez estivesse mesmo, mas era gostoso não estar irritada nem mal-humorada o tempo todo.

Marcus e eu não só fomos ao cinema, como também decidimos ir almoçar. Eu só não tinha planejado fazer isso na Porter's Pizza. Na maior parte do tempo, pizza era tudo o que comíamos, porque não existia nada melhor, mas nós nunca viemos aqui. Receber o pedido em casa era a nossa cara.

— O que estamos fazendo aqui? — perguntei.

— Venha! — ele gritou ao sair apressado do carro e atravessar a rua movimentada. Ele me deixou no carro enquanto eu o encarava, tentando encontrar uma maneira de fazê-lo desistir. Mas Marcus era um cara determinado, por mais que eu resmungasse e choramingasse, nada o faria mudar de ideia.

Desci do carro a contragosto e fui para a pizzeria me sentindo desconfortável. Entrei com cautela e olhei ao redor, torcendo para que acontecesse um milagre e Pete não estivesse trabalhando. O problema era que ele sempre estava.

— Morgan. — Fechei os olhos quando ouvi a voz grave e vibrante de Pete, que mais parecia um gemido arrastado, dizer meu nome, me causando arrepios que eu não queria sentir.

Virei-me devagar e o encarei, abrindo um sorriso forçado enquanto tentava não dar atenção à sua monocelha.

— Oi, Pete. Como você está?

— Bem. Faz um tempo que você não vem aqui. — Ele ainda sorria para mim daquele jeito esquisito. — Mira já está atendendo Marcus. Vou acompanhá-la até sua mesa.

— Ótimo, obrigada — eu disse, feliz por aquela conversa fiada não ter sido longa demais. Eu não tinha ideia do que deveria dizer a ele. Ele gostava de mim, mas eu não sentia o mesmo, e isso causava um certo desconforto entre nós.

Pete pegou um segundo cardápio e se dirigiu a um espaço onde as refeições eram servidas. Naquele exato momento, braços fortes envolveram minha cintura e me tiraram do chão. Dei um grito de susto. Quando meus pés tocaram o chão novamente, eu me virei para encarar o transgressor e fiquei cara a cara com Xavier.

— Oi, amor — ele disse ao se aproximar e tocar meu rosto.

— O que você está fazendo aqui? — perguntei, olhando para trás. Pete estava bem perto, observando com curiosidade meu diálogo com Xavier.

— Como assim? Não está feliz em me ver? — Virei a cabeça e vi Xavier com um sorrisinho de quem sabia exatamente o que estava fazendo. — Estou interrompendo sua conversa com Pete? — perguntou em voz baixa, então só eu pude ouvi-lo. — Estraguei esse momento entre vocês dois?

— Pare com isso — protestei baixinho, e ele riu.

— Me apresente, amor. — Ele se inclinou e me deu um beijo rápido. — Aliás, ele deve ser um cara bacana, já que nós dois temos um gosto excelente para mulheres.

Antes que eu pudesse responder, Xavier me abraçou pela cintura e se aproximou de Pete.

— Oi, você deve ser o Pete — disse, estendendo a mão em direção ao homem atordoado. — Meu nome é Xavier, sou namorado de Morgan. Nós viemos encontrar o Marcus.

— Uhm... si... sim. — Eu me senti péssima ao ver Pete gaguejar. — Vo... vou levar vocês até a mesa.

— Você não presta. — Dei um tapa em seu braço quando ele abaixou a mão e apalpou minha bunda. — Não seja cara de pau!

Me afastei dele apesar de ouvir sua risada ecoando atrás de mim. Pelo visto, Xavier Stone se achava o maioral. Assim que cheguei perto da mesa, tive a sensação de que meu melhor amigo estava envolvido nesse fiasco.

— Você planejou isso? — perguntei, me sentando de frente para ele.

Ele desviou o olhar do cardápio e cumprimentou Xavier com um aceno de cabeça assim que ele se sentou ao meu lado. O fato de Marcus ter ignorado minha pergunta era a resposta que eu precisava.

Pete estendeu o cardápio em minha direção, mas Xavier o pegou de sua mão e se virou para me entregá-lo, todo carinhoso. Eu o peguei, mas a minha vontade era bater na cabeça dele com aquilo.

— Vai pedir o mesmo de sempre, Morgan? — Marcus perguntou, e eu ignorei tanto o seu olhar quanto o de Xavier, sorrindo para Pete.

— Sim, por favor — respondi, e ele sorriu de volta.

— Faça uma grande — Xavier falou, apoiando o braço sobre o encosto do assento ao se aproximar de mim. Eu lutei para não revirar os olhos. Ele era ridículo. — Essa pizza especial que você prepara para minha namorada se tornou a minha favorita.

Eu queria socar a cara dele.

Pete assentiu e se afastou, logo em seguida, eu olhei para Xavier.

— Você está de brincadeira?

— Como assim? — ele perguntou, agindo com inocência.

— Você sabe muito bem. Coitado do Pete.

— Ahh, quer dizer que minha namorada gosta do entregador de pizza? — Ele tentou me cutucar, enquanto Marcus curti a cena do outro lado da mesa.

Vi Pete se aproximando com uma expressão feia no rosto. Essa situação estava passando dos limites. De um lado, havia meu melhor amigo, quem tramou tudo isso, e do outro, meu namorado, que sentia a necessidade de marcar território.

Tudo bem então. Já que eles queriam brincar, eu entraria no jogo.

Pete colocou nossas bebidas sobre a mesa e já estava indo embora quando eu o interrompi.

— Você faz de tudo um pouco por aqui, Pete?

Ele sorriu.

— Eu tento fazer as coisas funcionarem. — Ele sempre foi muito legal comigo, mas ignorá-lo facilitava as coisas. Evitava o constrangimento. Mas agora eu estava no ambiente dele, sendo obrigada a encarar o desconforto. Então, por que não amenizar um pouco essa situação incômoda?

— Você faz as pizzas, serve a clientela. Você também fica nos bastidores fazendo outras coisas — acrescentei, ciente de que Xavier me observava.

— Nós não temos tido sorte com as garçonetes ultimamente — Pete explicou. — Acho que eu não fui exigente o bastante na hora de contratar alguém para nos ajudar, mas com a faculdade sendo tão próxima, pensei em dar o benefício da dúvida e ajudar aquelas pessoas que pudessem precisar de um emprego. Mas eu sempre acabo pagando o preço. Ninguém aparece, e aqueles que vêm mal sobrevivem ao

trabalho, porque passam a madrugada em festas.

— Quer dizer que você está precisando de uma garçonete? — perguntei, um pouco mais interessada.

Voltei minha atenção para Marcus, e pelo seu olhar, dava para ver que ele sabia onde eu queria chegar com isso.

— Sim, duas na verdade — Pete disse, olhando para a porta no momento em que dois novos clientes entraram.

— Onde eu posso me candidatar? — perguntei, recebendo sua atenção novamente.

— Você? — perguntou um pouco surpreso.

Assenti.

— Estou procurando um emprego que eu possa conciliar com os horários das minhas aulas.

— Eu poderia, nós podemos... sim — Pete gaguejou. — Eu consigo conciliar seus horários.

— Sério? — respondi. — Você não quer me entrevistar primeiro?

— Não, Morgan. Eu sei que você não é esse tipo de gente. — O sorriso de Pete ficou ainda maior. — Vou adorar se você vier trabalhar aqui.

— Aposto que vai — Xavier murmurou ao meu lado, mas o ignorei.

— Que ótimo. — Eu estava muito empolgada. Pete não se parecia em nada com o meu último chefe. Eu sabia que teria que aguentar alguns flertes, talvez até alguns olhares mais demorados, mas o cara era inofensivo.

— Antes de você ir embora, nós podemos conversar sobre os seus horários na faculdade e combinar um dia para você começar. — Pete parecia animado. — O que acha?

— Perfeito, Pete. Obrigada.

Assim que ele se afastou, ignorei os olhares curiosos que partiam da minha direita e do outro lado da mesa. Peguei meu copo de Pepsi e bati o canudo sobre a mesa para remover o papel. Eu tirei o canudo da embalagem e o coloquei dentro do copo, tomando um gole generoso. Olhei para Marcus e para Xavier ao pôr o copo de volta à mesa.

A vontade de rir tomou conta de mim quando vi as expressões em seus rostos. Marcus tinha um brilho no olhar. Um daqueles brilhos que eu via com frequência, que só faltavam gritar: *Ah, você não teria coragem.*

Sim, eu teria.

Como se a reação de Marcus não fosse o suficiente, Xavier parecia uma criança menosprezada. O olhar presunçoso que ele ostentava foi substituído por um semblante mal-encarado.

— Está brincando? — ele perguntou ao se virar para me encarar.

— Que ótima ideia, meninos — eu falei com um sorriso enorme no rosto. — Se vocês não tivessem planejado isso, eu não saberia sobre a oferta de emprego.

Xavier começou a falar, sua boca abria e fechava rapidamente. Ele olhou para Marcus em busca de ajuda, mas ele apenas deu de ombros.

Foi o troco perfeito. Que isso servisse de lição para que eles não agissem como dois babacas. Mas algo me dizia que era só o começo.



— Vai vir pra cá hoje à noite? — Xavier perguntou, enquanto eu usava o ombro para segurar o celular. Eu pulava tentando enfiar a perna dentro da calça que estava segurando.

— Não posso — respondi, finalmente conseguindo puxar a calça e ajeitá-la no corpo. — Estou escalada para o turno da noite na Porter's.

Eu jurava ter ouvido um resmungo desolado.

— Alô? — Perguntei, pensando que fosse uma interferência na ligação.

— *Já é a terceira vez esta semana* — ele reclamou.

— Eu sei, mas é o melhor horário para conseguir gorjetas. Finalmente estou conseguindo ajudar a pagar as contas do apartamento. Odeio viver na aba dos outros. — Apesar de Marcus nunca ter reclamado, ainda assim não era certo. — Não é a primeira festa que você vai sem mim.

— *Nós ainda não estávamos juntos, então não conta.* — Dava para notar que ele estava chateado. — *Que horas você vai sair de lá?*

— Fechamos às dez — falei. Xavier fez outra pausa demorada.

— *Por que não vem depois?* — perguntou.

A última coisa que eu queria era aparecer na república cheirando a molho de pizza depois de cinco horas trabalhando. Mas eu sabia que ele ficaria mais chateado se eu me recusasse a ir. Por que os homens eram tão carentes?

— Vou tentar — eu disse. — Mas vou precisar tomar um banho primeiro.

— *Tome aqui* — insistiu. — *Por favor, eu só te vi uma vez esta semana.*

Vai começar.

— Até mais tarde. — Eu também queria vê-lo. Ter que deixar de ver uma pessoa todos os dias e noites para encontrá-la só uma ou

duas vezes por semana era um pouco complicado. Principalmente quando essa pessoa te fazia muito feliz, pelo menos quando não agia feito um macho alfa cabeçudo marcando seu território.

Ele mal sabia que eu também gostava desse seu lado.

CAPÍTULO 28

Xavier

Esta festa não era diferente das outras. Havia um monte de gente barulhenta fazendo merda, deixando a dignidade de lado. Eu disse a mim mesmo que não beberia, mas depois de uma hora, essa ideia foi esquecida.

Red ainda estava se sentindo mal por minha colisão com a mesa, então passou a noite tentando remediar a situação. Sua ideia para conseguir tal coisa era tomar um porre. Se eu estivesse bebendo sozinho, teria pensado que ele planejava me atacar, mas ele estava bem ao meu lado.

No início, todo mundo encheu meu saco, zombou e me provocou dizendo que a minha namorada deu permissão para eu me divertir com meus amigos. Isso não me incomodava, porque eu sabia que se tivesse que escolher entre esta festa e ficar agarradinho com Morgan, ela sempre venceria. A garota me dominava, e eu não me envergonhava disso.

Comecei a ficar ansioso no decorrer da festa. Estava bêbado, mas isso não me deixou alheio ao momento que se aproximava.

— Cabo de guerra! — alguém gritou quando uma mão enorme agarrou meu ombro.

Olhei à minha esquerda e vi Red sorrindo, todo animado.

— Você está no meu time, X. Vamos destruir esses otários.

Eu não tive tempo de discutir nem questionar, porque Red me jogou sobre seu ombro como se eu fosse uma boneca de pano e me carregou até o lado de fora, passando pela sala e pela cozinha.

Ele finalmente me colocou no chão quando chegamos ao quintal, e eu olhei à nossa volta. Corbin, Clayton e Isaac estavam do outro lado da piscina. Uma multidão se formava à medida que o restante da galera saía da casa para ver o que estava acontecendo. Sempre acontecia alguma coisa.

— Que palhaçada é essa? — perguntei, olhando para Red.

— Esses idiotas acham que podem nos vencer — ele

respondeu, terminando de beber a cerveja. — Eu duvido que os três consigam jogar você e eu na piscina.

Voltei a olhar para os caras, e cada um deles nos encarava com um sorriso cínico no rosto. Eles achavam mesmo que venceriam? Red era capaz de ganhar sozinho.

— Topa? — Red perguntou.

Assenti, imaginando como seria engraçado ensinar os peixes a nadar.

Assumimos nossas posições. Red e eu de um lado, os outros três do outro. Olhei a multidão ao nosso redor, sorrindo confiante. Britney e seu novo brinquedinho estavam perto dos três palhaços que riam como se já tivessem ganhado. Quando nossos olhares se encontraram, ela sorriu para mim, e eu lutei contra a vontade de mostrar o dedo do meio para ela. Ela era uma piranha arrogante. Eu fui burro demais por não ter percebido isso antes.

— Vocês estão prontos? — Isaac gritou, e Red ergueu a mão.

— Você fica na frente — ele disse, em voz baixa. — Esteja preparado quando eles gritarem “valendo”. Esses babacas vão mergulhar logo, logo.

Alguém começou a contar. Um, dois, três. A corda foi puxada e todos fincaram seus pés na grama. Eu mal fazia força para puxá-la, enquanto os outros pareciam dar o sangue naquilo.

Red e eu nos entreolhamos e abrimos um sorriso triunfante. Estávamos convictos de que venceríamos, mas um puxão na corda nos fez tropeçar. Eu olhei para frente e vi que além de Isaac e dos gêmeos, metade daquela maldita festa também puxava a corda.

Poucos segundos depois, as pessoas vieram para o nosso lado, e nós demos início a um verdadeiro cabo de guerra, puxando e colidindo com todos à nossa volta, enquanto as duas equipes lutavam para vencer.

Meus pés estavam na borda da piscina, e eu sabia que um único puxão me jogaria dentro da água. Olhei para Corbin, que liderava a outra equipe, no momento em que ele olhou para os meus pés. Foi nesse instante que ele também percebeu o quanto eu estava perto.

Eu soube que estava ferrado quando ele se inclinou em direção ao irmão que estava bem atrás dele e sussurrou algo.

Fechei os olhos e respirei fundo assim que fui puxado para frente. Em poucos segundos, meu corpo caiu na água.

Emergi, cuspidando água, vendo Corbin, Clayton, Isaac e um monte de gente que estava do outro lado cair dentro da piscina. Muitos dos que estavam por perto foram empurrados pela galera. Em pouco tempo, a piscina ficou abarrotada de gente, e as risadas ecoaram pelo quintal.

Os otários planejaram tudo desde o início. Red era o único que ainda continuava de pé ao lado da piscina, seco. Não sei como ele conseguiu isso.

Braços curtos abraçaram meu pescoço por trás e pernas envolveram minha cintura. Eu olhei para o lado e dei de cara com Britney.

— Oi — ela sussurrou, sua boca pairava sobre minha orelha.

Eu me esquivei e agarrei suas pernas imediatamente, tirando-as de cima de mim antes de afastar seus braços.

— Você se importa em me dar licença? — perguntei, me afastando dela. Ela apenas sorriu, satisfeita com si mesma.

— De jeito nenhum, mas conheço alguém que vai se importar. — Eu estava prestes a chamá-la de louca quando ela apontou para algo atrás de mim.

Olhei naquela direção e encontrei Morgan parada, observando o caos à sua volta. Uma onda de inquietação me atingiu quando considerei o fato de que ela achava que eu estava me divertindo com Britney, mas ela não parecia irritada. Saí apressado da piscina e atravessei o quintal com meus tênis fazendo barulho a cada passo.

— Pelo visto, está se divertindo — ela disse quando eu parei à sua frente. — Desculpe por eu não ter chegado a tempo.

Esperei por algum tipo de reação. Um comentário exasperado sobre mim e minha ex, qualquer coisa, mas não rolou.

— Não é o que parece — falei, sentindo a necessidade de me explicar.

— Eu sei — ela disse ao se aproximar, me dando um beijo.

Retribuí esse beijo ao abraçá-la, colando seu corpo contra o meu. Ela gritou quando minha camiseta molhada encostou nela.

— Minha nossa — riu. — Que abraço gelado.

— O que acha de entrarmos para nos aquecermos? — sussurrei em seus lábios.

— Gostei da ideia — ela respondeu. Eu a peguei no colo e fui em direção à casa.

Saber que ela poderia ter surtado e pensado que Britney e eu estávamos de sacanagem, algo que sequer cogitou, só mostrava o quanto ela era perfeita. Ela não era dramática nem infantil. Era muito melhor que isso.

Os convidados da festa vibravam e gritavam enquanto eu carregava Morgan. Muitos gritaram vulgaridades, mas ela parecia não se incomodar nem um pouco. Ela estava completamente focada em mim.

Passei em frente ao meu quarto e fui direto para o banheiro, fechando a porta com pé. Assim que a coloquei no chão, eu me virei e tranquei a porta.

— O que está fazendo? — ela perguntou quando voltei a encará-la. Pela cara dela, acho que já sabia a resposta.

— Eu me lembro de uma conversa sobre tomar banho aqui — respondi, chegando mais perto. Segurei a bacia da camiseta gelada e molhada, e a removi. O ruído do tecido encharcado batendo contra o chão ecoou pelo banheiro enquanto eu tirava os sapatos, minha bermuda e, finalmente, minha cueca. Morgan me observou durante todo o processo. Seus olhos brilharam de desejo quando segurei meu pênis um tanto enrijecido. — Precisa de ajuda para tirar a roupa? — perguntei, com um sorriso.

Ela seguiu meus passos, e suas roupas se juntaram às minhas no chão.

Eu a levei para baixo do chuveiro, mudando a temperatura antes de ligá-lo. A água gelada me atingiu e respingou nos ombros e nas costas dela. Nós respiramos fundo, digerindo o frio, tentando não gritar.

Ela jogou a cabeça para trás quando a água começou a esquentar, e eu aproveitei a oportunidade para admirá-la. Ela era o exemplo de perfeição com suas curvas delicadas e cintura fina. Morgan era maravilhosa.

Ergui a mão e percorri seu queixo com as pontas dos dedos enquanto ela se entregava ao meu toque.

— Senti sua falta esta semana — confessei, chegando mais perto para beijar cada canto de seu corpo que eu tocava. — Isso me deixou de mau humor.

Ela sorriu.

— Ahh — sussurrou —, vou te compensar por isso.

— Isso, por favor — murmurei, beijando sua mandíbula. — Mas vamos precisar da noite toda.

— Eu sou toda sua até domingo à tarde — ela me garantiu, e eu hesitei, com os lábios em seu pescoço.

— Nada disso — recuei, olhando para ela. — Você é minha mesmo quando não está comigo — eu esclareci, mas ela apenas me observou. Não havia sinais de negação em seu rosto quando ela pôs a mão sobre meu peito. — Você já sabe disso, não é?

Cobri sua boca com a minha e puxei seu corpo com força contra o meu quando ela assentiu. A água escorria sobre nossos corpos unidos enquanto nossas mãos exploravam um ao outro. Assim que comecei a beijar seu pescoço, ela virou a cabeça para o lado para facilitar as coisas pra mim. Quando apalpei seus seios, ela gemeu, baixinho.

Encarei aquilo como um sinal positivo e abocanhei seu mamilo.

— Xavier — ela sussurrou meu nome.

Eu me movi para outro lado, deslizei a mão sobre sua barriga e abri suas pernas, buscando o ângulo que eu queria. Ela estava toda molhada, e não era por causa da água que caía sobre nós.

Ela agarrou meus ombros com força assim que eu enfiei o dedo nela. Quando seus quadris começaram a se mover num ritmo lento e suave, eu me mantive parado, permitindo que ela se acomodasse sobre minha mão. Enfiei outro dedo, e sua respiração ficou mais ofegante. Sentir sua boceta contrair em torno de meus dedos fez com que todo aquele ardor se concentrasse em um único lugar.

Eu queria sentir o mesmo com ela sentada sobre o meu pau.

— Morgan — falei, afastando a boca de seu mamilo. Ela estava tão desnorteada com minha mão enterrada entre suas coxas que sequer respondeu. — Amor — falei de novo, só então ela abriu os olhos. — Eu quero sentir você — disse, esperando que ela entendesse o que eu estava dizendo.

Voltei a falar quando ela continuou movendo os quadris contra mim sem desviar o olhar.

— Quero sentir cada parte sua sobre mim — confessei. — Eu não tenho nada, Morgan, sempre usei proteção.

— Eu tomo anticoncepcional — ela acrescentou. Eu sabia disso. Já a vi tomando sua pílula religiosamente, todas as noites, quando estava no apartamento dela. Parecia um ritual pelo qual ela passava todas as noites, logo após escovar os dentes.

— Você confia em mim? — perguntei, e ela assentiu na mesma hora. — Vire-se — eu a orientei. Ela se virou, apoiando as mãos contra a parede à sua frente.

Eu tive que me esforçar naquele momento para não gozar diante daquela visão. Sua bunda estava empinada, suas pernas afastadas enquanto ela olhava para trás, em minha direção. Os sonhos nasceram em situações como esta. Havia um olhar que beirava o desespero em seu rosto enquanto aguardava meu próximo passo.

— Tem certeza? — perguntei mais uma vez, e ela sussurrou “sim” quando eu me aproximei mais.

Morgan mordeu o lábio no momento em que eu a penetrei cuidadosamente por trás. Tive que me segurar por um momento para recuperar meu controle diante da sensação indescritível. Eu nunca senti tanto prazer assim. Nossos corpos estavam colados um ao outro, nada nos separava.

Minha namorada tinha outras intenções quando se moveu contra mim, me recebendo por completo dentro dela. Seu gemido suave, aquele que eu amava tanto, ecoou pelas paredes do banheiro, e um gemido grave escapou de mim. Êxtase foi a única palavra em que consegui pensar para descrever o que eu estava sentindo. Naquele momento, percebi que não era apenas a experiência em si, mas a

pessoa com quem eu estava vivendo tudo aquilo.

CAPÍTULO 29

Morgan

Acordei mais de uma vez durante a noite com Xavier me puxando com força contra si. Toda vez que ele me puxava, eu achava que era com segundas intenções, mas ele me surpreendeu em cada uma delas. Ele enroscava seu corpo ao meu, enterrando seu rosto em meu pescoço como se precisasse de mim para respirar. Foi a coisa mais carinhosa do mundo.

Eu resisti por tanto tempo, decidida a evitar qualquer tipo de relacionamento, mas estava feliz por ser ele a pessoa a quem eu finalmente me entreguei. Ele transformava os meus dias em novas aventuras.

Estava acordada em sua cama, o sol mal penetrava a única janela de seu quarto. Minhas costas estavam muito bem coladas em seu peito, enquanto seus braços envolviam minha cintura, me aprisionando dentro deles. Era muito bom ser aprisionada assim. Na verdade, era maravilhoso.

O ruído tranquilizador de sua respiração preencheu meu ouvido, e seu hálito quente se espalhou sobre meu pescoço e meu ombro. Eu nunca me senti tão em paz na vida. Foi nesse momento que me dei conta de que estava apaixonada por Xavier de verdade. Algo ao mesmo tempo assustador e libertador.

Me virei em seus braços, precisando olhar para ele, desesperada para senti-lo mais perto de mim do que já estava. Eu fui atingida por um choque de realidade quando me virei e percebi que isso não era o suficiente.

Eu ergui a mão e acariciei sua mandíbula com a ponta dos dedos, sentindo sob eles a aspereza de sua barba por fazer. Essa era uma das coisas que eu tinha aprendido a amar. Sempre que ele me abraçava, aquela mesma aspereza roçava contra minha bochecha, e nas noites em que passava comigo, ele deitava a cabeça em meu colo e os tufo de pelo faziam cócegas em minhas pernas.

Deslizei o dedão sobre seus lábios, e a maciez deles me

lembrou o porquê eu adorava beijá-los. Seus beijos eram algo que eu sentia no corpo inteiro. Cada beijo de Xavier carregava um significado maior do que o outro pela dedicação que ele transmitia.

Levantei a cabeça e pressionei meus lábios contra os dele, fechando os olhos por um instante antes de me afastar. Eu queria mais, mas também queria ter um pouco mais de tempo para vê-lo dormir.

Ele era lindo.

Abaixei a mão e a apoiei em seu peito, sentindo o batimento tranquilo de seu coração. Fechei os olhos novamente.

Senti uma pontada no peito, tentando controlar minha respiração.

— Você é linda. — Olhei para ele e me deparei com os olhos azuis mais penetrantes e, apesar de sonolentos, hipnotizantes. — Acho que eu não te disse isso hoje.

Sorri quando ele se aproximou ainda mais e beijou meu nariz.

Toda vez que ele dizia coisas como essa, eu sentia meu rosto corar, não por vergonha, mas porque ele me fazia sentir diversas emoções ao mesmo tempo. Ele não só dizia que eu era linda, como também me tratava assim. Sempre que ele me abraçava ou me olhava, eu tinha a sensação de que era a coisa mais preciosa de sua vida. Eu nunca imaginei que gostaria de receber esse tipo de atenção, mas eu amava.

— Sei que não faz nem um mês, mas a essa altura, eu já não consigo imaginar minha vida sem você. — Sua confissão fez meu coração acelerar. — Você é a melhor parte dos meus dias.

Meu olhar permaneceu fixo ao dele quando eu tirei a mão de seu peito e a apoiei ao lado de seu corpo. Eu me aproximei mais, pressionando meu peito contra o dele.

— Eu não quero pensar em como era minha vida antes de conhecer você.

Ele sorriu ao rolar sobre a cama e me puxar para baixo de seu corpo. Seus quadris foram posicionados entre minhas pernas abertas enquanto ele me observava como se fôssemos as únicas pessoas no mundo. Eu queria dizer as três palavras que estavam na ponta da minha língua, mas acabei beijando-o. Por enquanto, guardaria aquela declaração e usaria o meu corpo para mostrar o quanto ele era importante para mim.



— Toby, você cortou o cabelo — Xavier disse ao se aproximar da cadeira do meu irmão, estendendo a mão para cumprimentá-lo. Eu ri, vendo Toby tocar a mão de Xavier todo empolgado. — Ficou foda,

amigão.

— Xavier — falei, revirando os olhos pela forma como ele se expressou.

— Que foi? — Ele deu de ombros. — Ficou mesmo.

Toby era fascinado por ele. Isso era visível em seu olhar e no jeito que ele observava cada passo de Xavier. Ele fazia o mesmo com Marcus, mas com Xavier parecia mais uma fantasia com seu herói do que a relação de irmão que ele tinha com meu melhor amigo. Era reconfortante saber que ele podia contar com Xavier agora. Ele fazia muito bem ao meu irmão, e por isso eu o adorava ainda mais.

— Está tudo certo para amanhã? — Lancei um olhar curioso para Xavier, mas ele não percebeu; estava ocupado demais olhando para Toby. — Tartarugas e seu sorvete favorito.

Toby pulou de felicidade na cadeira, chamando minha atenção. Sua empolgação era algo que eu amava presenciar.

No dia seguinte, eu teria que trabalhar na parte da tarde, mas ficaria livre às quatro horas. Eu não me lembrava de nada ter sido combinado.

— O que tem amanhã? — finalmente perguntei.

— Um encontro só para os meninos — Xavier disse, cheio de orgulho. — Só eu e meu amigo T.

T? Pelo visto, Toby tinha um apelido agora.

— Nós vamos assistir *As Tartarugas Ninja* e tomar sorvete — Xavier esclareceu o que seria o tal encontro dos meninos. Ele me encarou com um sorriso todo sentimental, e eu não pude deixar de retribuir com o mesmo sorriso bobo.

— Quer que eu te encontre aqui, então? — perguntei. Ele olhou para Toby como se esperasse por uma resposta, e eu achei fofo de sua parte. O mais engraçado foi ver Toby sacudir a cabeça. Acho que ele não gostava da ideia de me ver interrompendo o programa deles.

— Desculpe, amor — Xavier franziu um pouco a testa. — Garotas não podem participar.

— E se eu trouxesse uma pizza de queijo só para você? — Toby me olhou, finalmente desviando sua atenção de Xavier. — Você quer pizza? — Ele assentiu lentamente, me fazendo rir. — Acho que haverá uma exceção. — Mostrei a língua para Xavier, arrancando uma gargalhada de Toby. A noite dos meninos tinha ganhado uma participante.

CAPÍTULO 30

Xavier

Acordei com o som de um grito. Talvez houvesse uma risada no meio também. De qualquer forma, não tinha conseguido dormir direito naquela noite.

Cheguei à conclusão de que sem Morgan ao meu lado, algo me faltava. Era uma sensação que me incomodava.

Saí da cama, fui até a porta e assim que a abri, vi alguns dos meus amigos passarem correndo. Todos estavam vestidos como se fossem para a guerra, com bandanas cobrindo o rosto ou amarradas na cabeça. Naquele momento, eu tive a certeza de que eles haviam enlouquecido.

Quando o sossego se instaurou no corredor, saí do quarto e caminhei em direção à sacada. Me inclinei para ver a entrada da casa e percebi que todos estavam reunidos lá.

— O que vocês estão fazendo? — perguntei, chamando a atenção deles.

— Se prepare, X. Os otários da Alfa nos desafiaram! — Corbin gritou. — Eles estão dizendo que somos um bando de frouxos, e você sabe que eu não aturo essas merdas.

Os Alfas eram uns babacas do tipo arrogantes e ricos pra caralho, que achavam ter direito a tratamento especial só porque a mamãe e o papai bancavam tudo o que eles queriam sem hesitar.

Todos nós já nos desentendemos com aqueles idiotas ao menos uma ou duas vezes. Eles eram da mesma fraternidade que o puxa-saco de Britney pertencia. Apesar de não ter ideia do que faríamos, eu queria fazer parte daquilo.

Podia parecer infantil, mas só de pensar em transformar a vida daqueles idiotas num inferno era muito satisfatório.

— Me dê cinco minutos — gritei, correndo para o quarto. O barulho dos meus amigos gritando e comemorando diminuiu.

Em menos de cinco minutos, eu estava lá embaixo, seguindo o grupo porta à fora. Muitos achariam cômico ver nossas expressões

determinadas, vestidos e pintados como se fôssemos o Rambo ou algo assim. Mas isso era importante para nós. Assumir a postura de líderes era importante. Era questão de honra, algo que não entregariamos de mão beijada.

Mas eu não imaginava onde havia me metido.

Lá estava eu, parado no meio do quintal enquanto Isaac explicava o que aconteceria. Meu único pensamento era: *Onde eu tinha me metido?*

Guerra de lama? Sério?

Alfas contra nós, em nosso quintal. Bem, esse era o plano original, mas ele acabou se estendendo para o quintal do vizinho, com arremessos rolando nos dois sentidos.

Assim que algum otário apitou, a disputa começou. Não houve tempo para nos prepararmos para o que estava por vir. Havia vários barris e baldes cheios de lama espalhados pelos quintais. Lama mole e pegajosa. daquelas que respingavam por toda parte quando atingiam algo. Em poucos segundos, eu fui bombardeado por uma bomba de lama atrás da outra.

Com menos de dez minutos de disputa, eu já tinha lama em lugares que não deveria.

Não sei quanto tempo passou, mas nosso grupo só tinha quatro pessoas agora. O grupo dos otários tinha sete. O restante do pessoal não aguentou. Os gêmeos e eu éramos liderados por Isaac. Sabe qual era o problema dele? Ele se recusava a desistir. Era competitivo e tinha que ser sempre o último homem a cair. Se fosse eliminado, seria o primeiro a se vingar.

Algo me dizia que as coisas ficariam bem feias. Nossa guarita parecia ser um depósito ao ar livre que o vizinho usava para guardar ferramentas básicas para manutenção do jardim. Cortadores de grama, pás, coisas desse tipo. Os Alfas se posicionaram a poucos metros de distância, provavelmente planejavam alguma forma de ataque. As regras tinham mudado. Agora, quem era atingido estava fora. Tínhamos que acabar com isso. Se tivéssemos mantido o plano inicial e ido até onde aguentássemos, nós nunca sairíamos dali.

Isaac lutava em nome da fraternidade. Eu estava ali pelo simples prazer de derrotar aqueles Alfas miseráveis sempre que possível. Toda vez que eu atirava lama no namorado de Britney, eu ria, e seu olhar furioso deixava tudo melhor ainda.

Que vida boa.

CAPÍTULO 31

Morgan

Jogaram pizza em mim graças à pirraça que uma criança de três anos fez em uma de nossas mesas. Derramaram Coca-Cola de cereja na minha roupa — mas a culpa foi toda minha — e queimei os dedos umas cinco vezes naquele dia por esquecer de colocar uma luva na hora de pegar a pizza para cortá-la.

Não vou dizer que o dia foi ruim, mas... tá legal, foi uma droga.

Quando meu horário de trabalho terminou, fui para a copa esperar pela pizza de queijo que Lenny estava preparando para Toby e as outras duas que comprei para os meus pais. Uma delas era para mim e Xavier também.

Me virei na cadeira e vi Pete se aproximar, carregando as pizzas com um olhar preocupado.

— O dia foi longo? — perguntou, e eu assenti. — Eu gostaria de agradecê-la pelo trabalho que faz aqui — disse, colocando as pizzas sobre a mesa.

— É pra isso que você me paga — respondi, dando de ombros.

— Nada disso. Você faz muito mais do que eu te pago para fazer — garantiu. — Você está sempre disposta a ajudar o resto da equipe. Faz horas extras quando eu preciso e atende mais mesas do que deveria.

— Está tudo bem, sério. Hoje foi um daqueles dias. Todos nós temos dias assim — o tranquilizei ao me levantar e pegar as pizzas. — Obrigada pela preocupação.

— Você tem planos para hoje? — Pete perguntou, mas eu sabia que o que ele queria perguntar de verdade era se eu tinha planos com meu namorado. Ele mencionava o meu namorado mais do que o normal. Era estranho às vezes, mas acho que ele ainda se sentia impactado pelo comportamento possessivo de Xavier.

— Sim — respondi, tirando a chave do bolso. — Vou para a casa dos meus pais. Prometi que levaria pizza para meu irmão. — Não falei que Xavier também estaria lá, de propósito, porque não era uma

pessoa insensível. Não queria ver a decepção no olhar de Pete. Eu não precisava jogar isso na cara dele o tempo todo.

Ele era um cara legal, além de ser um ótimo chefe. A única coisa que eu queria era falar o mínimo possível sobre nossas vidas pessoais.

— Você deveria tirar a noite de folga, Pete — sugeri, ciente de que isso não aconteceria. Ele morava em cima da pizzeria. — Vá ficar de pernas para o ar e relaxar. Deixe outra pessoa encarregada do lugar hoje à noite.

— Vou pensar, Morgan — ele riu, se despedindo. — Tenha uma boa noite.

Fiquei aliviada por poder ir embora. Eu me sentiria melhor ainda quando tirasse esta roupa e tomasse um banho.

Comecei a usar o carro da minha mãe depois que ela insistiu para que eu ficasse longe do transporte público. Tinha a sensação de que ela dava muita atenção para o que Marcus e Xavier diziam. Dirigi pela cidade com o rádio ligado no último volume. Cantei as músicas que tocavam, e já me sentia um pouco melhor em relação ao meu dia quando virei à esquina e a casa dos meus pais surgiu à minha frente.

O carro de Xavier não estava aqui.

Como ele disse que viria pra cá, a preocupação de que algo pudesse ter acontecido tomou conta de mim.

Assim que estacionei e desliguei o carro, peguei as pizzas e saí do veículo, apressada. Caminhei o mais rápido que pude até abrir a porta da frente. Os gritos aborrecidos de Toby ecoavam pela casa. Ele raramente agia dessa forma, mas era desgastante quando as crises aconteciam. Não só para ele, mas para todos nós também, que ficávamos com a sensação de que fomos agredidos e magoados.

Deixei as pizzas de lado, passei pela sala e segui pelo corredor. Senti um aperto no peito quando entrei no quarto dele e me deparei com aquela cena. Toby estava na cama, deitado um pouco de lado enquanto batia na minha mãe e no meu pai, que tentavam acalmá-lo.

Aquela cena partiu meu coração. Eu odiava vê-lo naquele estado. Ele estava muito confuso, triste e agitado. Meus pais pareciam perdidos e angustiados quando perceberam que nada o tranquilizaria. Nem a pizza, muito menos seu sorvete favorito.

— O que está acontecendo? — perguntei, chamando a atenção de meus pais.

— Vá — meu pai disse a minha mãe, que hesitou. — Deixa comigo — ela a tranquilizou.

Deu pra ver que ela vacilou ao sair do quarto.

— Mãe, o que foi? Onde está Xavier?

Ela me lançou um olhar exausto.

— Não sabemos onde ele está. É por isso que Toby está tão

chateado.

— Ele não veio? — perguntei, com a sensação de que havia uma explicação plausível para o fato de ele ter esquecido o meu irmão.

— Não. — Ela balançou a cabeça. — Toby estava muito empolgado. Fez seu pai montar uma cabaninha para ele e Xavier. Nós preparamos as guloseimas, e Toby ficou perto da porta, esperando. — Ela hesitou de novo.

— Mas ele não apareceu.

Eu olhava diretamente para ela, embora não a enxergasse. Meus pensamentos estavam confusos. Uma mistura de preocupação e raiva.

— Deve haver uma boa razão para ele não ter vindo, mas você sabe que Toby não entende essas coisas. — Assenti, me sentindo incapaz de responder. Os ruídos da inquietação de Toby misturados às palavras gentis do meu pai que ainda tentava acalmá-lo ecoaram pelo corredor.

— Será que eu deveria tentar? — finalmente perguntei, passando pela minha mãe e indo para o quarto do meu irmão.

Assim que eu entrei, senti aquele já conhecido aperto no peito; meus olhos se encheram de lágrimas, mas eu lutei contra elas. Afinal, a última coisa que meus pais precisavam era me ver toda emotiva.

— Ei, amigão — falei, parando ao lado da cama. Ele parou de se debater por um tempo quando olhou em minha direção.

Observei-o percorrer a sala com o olhar, momento em que percebeu que eu estava sozinha. Em poucos segundos, ele estava triste e irritado de novo.

— Eu conversei com Xavier — menti. A mentira me castigava, porque era algo que eu não usava com Toby. Eu sempre lhe contava a verdade. Eu podia amenizá-la de vez em quando, mas ele só ouvia a verdade de mim.

Ele hesitou, embora continuasse com os braços enrijecidos à sua frente como se quisesse garantir que ninguém tentaria tocá-lo ou movê-lo. Ele estava na defensiva.

— O carro dele não quis funcionar — falei, me sentindo nauseada. Vi o olhar que meu pai me lançou; ele sabia o quanto era difícil pra mim ter que fazer aquilo. Ele abriu um meio-sorriso como se me desse permissão para continuar mentindo para meu irmão. Não sei se isso piorava ou melhorava as coisas. — Ele tentou colocá-lo para funcionar, querido, mas não conseguiu. Teve que rebocá-lo até a oficina. Ele quis que eu te avisasse que o encontro dos meninos ainda vai acontecer, e que está muito triste por não poder vir hoje. Ele me pediu pra perguntar para quando você quer remarcar. É melhor que seja o quanto antes, porque ele está sentindo muita saudade de você.

Ignorei o vazio em meu peito. A raiva dentro de mim parecia me dominar cada vez mais. Apesar de terem acalmado Toby, as mentiras que eu tinha acabado de contar queimaram minha língua como se fosse ácido. Por mais chateado que ele ainda estivesse, a ideia de Xavier sobre remarcar o programa deles pareceu tranquilizá-lo um pouco.

— Você quer que eu assista *As Tartarugas Ninja* com você? — perguntei, mas ele balançou a cabeça antes de olhar para mim. As lágrimas ameaçavam rolar de meus olhos mais uma vez. — Eu trouxe sua pizza preferida — falei. — Uma grande só para você. Não vai ter que dividi-la com ninguém. — Ele balançou a cabeça de novo. Dava para notar seu cansaço enquanto me encarava de um jeito quase inexpressivo. — Precisa descansar primeiro?

Ele continuou me encarando como se estivesse perdido em pensamentos. Assentiu bem devagar, e seu corpo começou a relaxar. Tanto meu pai quanto eu nos sentamos perto dele, com medo de tocá-lo e acabar gerando outra crise. Os minutos seguintes passaram em câmera lenta enquanto o observávamos sucumbir ao cansaço. Suas pálpebras ficaram pesadas, e por mais que ele tentasse lutar contra o sono, seu corpo acabou cedendo.

Eu me levantei do chão ao lado da cama de Toby e saí do quarto em silêncio. Quando cheguei à sala, tirei o celular do bolso. Meu pai vinha logo atrás de mim.

— Tenho certeza de que ele tem um motivo para não ter vindo.

Era bem provável que meu pai tivesse razão, mas o comportamento de Toby não saía da minha cabeça, por isso era difícil me concentrar em outra coisa naquele momento.

Respirei fundo, tentando controlar meus sentimentos, e disquei o número de Xavier. Depois de tocar quatro vezes, a ligação caiu na caixa de mensagens, e meu coração acelerou quando eu pensei no pior.

Eu cancelei a ligação com as mãos trêmulas e redisquei o número.

Pensei que fosse cair na caixa de mensagens de novo depois de tocar várias vezes, mas ele atendeu.

— Oi — ele disse, sem fôlego, como se estivesse correndo. Havia muito barulho ao fundo, então era difícil escutá-lo.

— Cadê você? — perguntei, e alguém gritou ao fundo. A risada de uma mulher veio em seguida, assim como o grito de alguém muito próximo a Xavier.

— *Droga* — ele murmurou. Deu pra sentir que ele cobriu o telefone. Eu podia ouvi-lo falar, mas como o som estava abafado, era impossível entender o que dizia.

— Xavier — falei seu nome, mas ele não respondeu. Eu estava ficando ansiosa, e minha paciência estava chegando ao fim. — Xavier — repeti um pouco mais irritada do que antes.

— *Desculpe* — ele disse.

— Cadê você? — perguntei de novo assim que ele mandou alguém calar a boca.

— *Estou na república* — ele disse. Em seguida, riu para alguém e me ignorou completamente.

— Você esqueceu de algo? — perguntei.

— Oi?

— Eu perguntei se você esqueceu de algo? — repeti, fazendo o possível para manter a calma. Com o passar do tempo, isso se tornou impossível. — Mande essa gente calar a porra da boca! — vociferei.

Eu estava bem ciente de que meus pais ouviram o que eu disse. Me senti péssima por eles terem que presenciar minha falta de educação. Que saco! Era tão difícil assim encontrar um lugar sossegado para ter uma conversa séria comigo?

— *Amor, eu te ligo depois* — ele disse, e meu coração disparou.

— Nem pensar — falei, sem rodeios. — Vá para outro lugar.

— *Não posso. Estamos no quintal, e eu estou todo sujo* — ele respondeu. — *Te ligo em meia hora.*

— Xavier — falei seu nome de novo, mas ele disse “Tchau” e desligou. Continuei parada no meio da sala dos meus pais, encarando a parede à minha frente, pensando sobre o que tinha acabado de acontecer.

Me esforçando ao máximo para me controlar, olhei para o meu pai, que aguardava perto de mim.

— Posso pegar a caminhonete emprestada? — perguntei. Eu achava melhor não pegar o carro da minha mãe, porque ele era adaptado para o meu irmão. Diante dos acontecimentos recentes, me perguntei o que eles teriam feito se precisassem do carro enquanto eu estava trabalhando. Me senti uma egoísta por usá-lo, embora eles insistissem.

— Talvez seja melhor esperar a ligação dele — ele respondeu. — Tenho certeza de que há uma explicação.

— Eu também tenho, mas não vou conseguir esperar para ouvi-la. Não depois do que acabei de escutar. — Eu queria ouvi-la imediatamente.

Meu pai se virou para minha mãe, e eles se entreolharam de um jeito estranho. Então, ele assentiu para ela como se respondesse a uma pergunta não dita e tirou a chave do bolso.

— Mas tenha cuidado — acrescentou ao me entregá-la.

— Pode deixar — eu respondi antes de sair.



Eu dirigia pela cidade esperando que Xavier tivesse o motivo perfeito para ter esquecido meu irmão. Não sei que motivo seria esse, mas eu torcia para que não fosse algo supérfluo.

Carros ladeavam a rua em frente à casa dele. Havia grupos de pessoas rindo e conversando nos degraus e na varanda da frente. Parecia que havia algum tipo de festa rolando, o que só fez minha raiva aumentar.

Pelo próprio bem dele, era melhor que essa festa não fosse a razão por trás do bolo que deu em meu irmão.

Depois de encontrar um lugar para estacionar, corri pelo jardim à procura de Xavier. Um bando de homens e mulheres riam e conversavam por lá. Alguns seguravam cervejas, outros tomavam algum tipo de coquetel. Entrei na casa e segui em direção ao quintal quando me lembrei de Xavier dizendo que estava do lado de fora.

Assim que passei pela porta dos fundos, olhei ao redor e me deparei com um monte de garotos cobertos com o que parecia ser lama seca. Eu estava irritada demais para tentar entender tudo aquilo, até fixar meu olhar em uma única pessoa.

Lá estava Xavier, a poucos metros de mim, com lama nos braços, no pescoço e até mesmo no rosto. Ele estava com uma bandana amarrada na cabeça e parecia haver tinta sob seus olhos, igual aquelas que os jogadores de futebol americano usavam. Eu só consegui ver seu perfil quando ele se virou para conversar com um grupo de pessoas. Eles riram no momento em que ele ergueu a garrafa de cerveja e tomou um bom gole.

Ele ainda não tinha me visto, mas eu estava completamente focada nele. A raiva borbulhava dentro de mim com o passar dos segundos.

Nem o braço que foi apoiado sobre meu ombro conseguiu desviar minha atenção de Xavier.

— Seu namorado é uma máquina do caramba — alguém disse de um jeito enrolado ao meu lado. — Sem ele em nosso time, aqueles Alfas idiotas teriam ganhado o direito de se gabar, mas Xavier acabou com eles, um por um. — O cara não parava de falar. Eu o encarei, mas ele estava bêbado demais para notar minha irritação. Eu o reconheci, era o presidente da fraternidade, Isaac. — Ele avacalhou o novo namorado de Britney. Acho que até fez o otário chorar.

Eu me afastei dele e fui para perto de Xavier. Já tinha escutado o bastante. Assim que parei ao lado dele, senti meu corpo tremer de raiva.

— É sério mesmo? — falei, ouvindo a mágoa em minha própria voz.

Xavier se virou, e deu pra ver que estava um pouco desequilibrado, confirmando o fato de que ele estava bebendo há algum tempo.

— Morgan — ele disse, sorrindo feito um bobo. — Eu já ia entrar para tomar um banho e te ligar. — Ele deu uma conferida em si mesmo. — Estou todo sujo. Rolou uma guerra de lama e nós vencemos — acrescentou, animado.

Se fosse algum outro dia, outra situação, eu teria achado graça das palhaçadas que esses doidos se envolviam todos os dias. Eram coisas sempre tão improváveis que pareciam até piada. Mas eu estava puta demais naquele momento para resistir às minhas emoções.

— É isso aí. — Joguei as mãos para o alto em um gesto sarcástico. — Você estava aqui no seu quintal, lutando na lama com um bando de idiotas, sendo ovacionado por atingir seu alvo que, devo acrescentar, é namorado da sua ex, algo que abriria espaço para alguns questionamentos se eu já não estivesse puta com você a ponto de não conseguir raciocinar direito.

Sua atenção era toda minha, assim como a do grupo à sua volta.

— Foi por causa disso que você decepcionou meu irmão? — perguntei, e a percepção do que ele tinha feito o atingiu como um trem de carga.

Ele parecia em pânico quando se aproximou de mim, mas eu recuei, erguendo a mão para impedi-lo. Respirei fundo, me esforçando para entender como ele pôde esquecer. Embora eu não tivesse dificuldade para colocar Toby acima de qualquer coisa, tinha que compreender que era diferente para ele.

Voltei meu olhar para ele, que estava com os olhos arregalados como se quisesse dizer algo, mas não tivesse ideia de como se expressar.

— Você faz parte de uma fraternidade, é jovem, suas responsabilidades são mínimas, eu entendo isso — garanti. — Entendo mesmo. Você gosta de se divertir e fazer coisas estúpidas com seus amigos. Beleza, tudo bem. Pode ser que eu não goste caso você cancele comigo ou não apareça quando deveria, mas eu superaria.

Me aproximei e falei mais baixo, torcendo para que ele entendesse por que o que ele tinha feito foi a pior coisa do mundo.

— Mas Toby não entende. Se você não aparece, ele fica devastado, porque, no fim, ele pensa que fez algo errado. Ele admira você — minha voz vacilou quando minhas emoções ameaçaram tomar conta de mim. — Por alguma razão, ele é obcecado por você. Eu nunca o vi agir dessa forma, e acho que a sua ausência partiu o coração dele. Fazia muito tempo que eu não o via no estado em que o encontrei hoje. Eu tive que mentir para conseguir acalmá-lo!

— Eu esqueci, fiquei preso nessa brincadeira e... droga. — Ele arrancou a bandana da cabeça. Imagino que só precisava encontrar uma utilidade para as mãos. O simples fato de que ele havia esquecido me frustrou. — Vou compensá-lo por isso — disse.

O barulho de um gritinho alto me assustou quando uma morena correu em volta de Xavier, quase esbarrando em mim. Dei um passo para trás e saí do caminho enquanto ela usava o corpo dele como escudo. Ele desviou o olhar por um momento e se voltou para a menina, surpreso.

Naquele instante, me dei conta do quanto me sentia cansada e derrotada. Eu não queria mais discutir, só queria ir embora. Ficar aqui, vendo o que ele fez a tarde toda não melhorava em nada o meu estado de espírito.

Dei meia-volta e comecei a me afastar.

— Morgan! — ele gritou, mas eu continuei andando. — Espere, por favor. Vou tomar banho e vou com você.

Olhei para ele pela última vez.

— Não precisa se incomodar — falei, antes de entrar na casa e deixá-lo na festa. Àquela altura, não havia mais esperança de que houvesse uma conversa sensata entre nós.

CAPÍTULO 32

Xavier

Me sentei na varanda dos fundos, com o celular ainda nas mãos. Os convidados já tinham ido embora há muito tempo. Meus amigos já tinham se dispersado também, mas cá estava eu, com o corpo coberto por uma camada de lama tão seca e endurecida que a sensação era de que minha pele estava sendo repuxada. Mas eu não me importava.

Meu coração doía demais, parecia que eu estava sendo apunhalado, literalmente.

— Conseguiu? — Red perguntou ao se sentar no degrau ao meu lado.

Balancei a cabeça e continuei encarando o quintal vazio.

Não tive que contar a ninguém o que aconteceu; todos testemunharam a situação. Todo mundo viu Morgan brigando comigo sem que eu dissesse nada. Eu não fui atrás dela quando ela foi embora, porque, sinceramente, eu não conseguia me mover. A ideia de magoar Toby da forma que ela relatou quase me destruiu.

Meus amigos sabiam tudo sobre Toby. Eles me ouviram falar sobre ele com frequência nos últimos meses. Eles me ouviram falar tanto sobre a família inteira de Morgan, inclusive sobre Marcus, a ponto de me mandarem calar a boca.

— O que você vai fazer? — Red perguntou, mas eu não sabia como respondê-lo.

— Você viu o sofrimento no olhar dela? — perguntei, certo de que qualquer um que estivesse perto o bastante teria percebido. — Eu o provoquei, eu o coloquei lá.

— Você não pode ser tão duro consigo mesmo — ele me disse, mas eu discordava.

— Não o cacete — falei, segurando o celular com mais força. — Os planos eram meus, *meus*. Eu combinei tudo e prometi a ele que estaria lá. Eu deveria ter ido ou pelo menos ligado, porra.

Red não discutiu, porque sabia que não adiantaria.

— Então você precisa reparar isso — ele disse.

— Como?

— Ele é uma criança. Pode ter deficiências e dificuldades, mas ainda assim é uma criança. Elas sabem perdoar — me garantiu. — Pelo que eu entendi, Toby idolatra você. Ele pode estar chateado no momento, mas vai te perdoar.

— E quanto a Morgan? — perguntei, olhando para o telefone pela centésima vez. — Será que ela vai conseguir me perdoar?

— Morgan será mais difícil — ele riu. — A garota é carne de pescoço.

Ele estava dizendo o que eu já sabia. Ela era uma pessoa difícil, mas essa era uma das razões por que eu a amava. Ela era forte e resiliente. Não era uma garota vulnerável que dependia dos outros para resolver seus problemas; ela mesma buscava formas de resolvê-los. Ela me desafiava.

— Sei que você está pensando o pior neste momento, mas dê tempo a ela — Red disse. — Ela está aborrecida e magoada. Mas você vai pensar em alguma coisa, e se precisar de ajuda, saiba que todos nós estamos do seu lado. — Ele deu um tapinha em meu ombro e o apertou antes de se levantar e voltar para dentro de casa.

Não era sempre que Red tinha conversas sérias com a gente. O cara era transtornado, um insuportável, mas eu sabia que poderia contar com ele se me metesse em confusão.

Ergui o celular pela última vez, deslizei o dedo sobre a tela e abri as mensagens que eu tinha enviado para Morgan.

Xavier: Desculpe, Morgan, juro que minha intenção nunca foi magoá-lo. Eu vou reparar esse dano, prometo.

Eu a enviei sem esperar uma resposta. Aliás, ela não respondeu as últimas vinte que eu havia enviado. Fiquei tenso quando meu celular vibrou, indicando o recebimento de uma mensagem.

Morgan: Não é comigo que você precisa se desculpar. Apesar de eu estar puta aos extremos com você, é ele quem está arrasado.

A boa notícia era que ela não me mandou ir à merda.

Xavier: Vou fazer mais do que apenas me desculpar com ele. O fato de você estar chateada comigo mostra que você ainda se importa, e isso é tudo o que eu preciso no momento.

Enviei a mensagem e quase consegui imaginá-la revirando os olhos ao lê-la.

Ela não respondeu, mas eu já esperava. Receber o que eu já tinha recebido era mais do que eu merecia.



Acordei esperançoso.

Depois de passar mais de uma hora com meu pai ao telefone, eu tinha um plano de redenção para pôr em prática. Sim, eu precisaria da ajuda dos meus amigos, mas sabia que eles se ofereceriam. Era melhor me ajudar do que me ver deprimido e disperso por aí.

Passei o dia alheio ao que era dito em minhas aulas. Fiquei com o celular no colo, enviando uma mensagem atrás da outra. Por mais que eu quisesse falar com Morgan, decidi deixá-la em paz naquele dia. Marcus disse que seria melhor assim, e confiei nele.

Marcus era meu aliado, e eu precisava dele ao meu lado.

Assim que o professor da minha última aula daquele dia nos dispensou, eu praticamente corri em direção a saída.

Na mesma hora, meu telefone tocou, e eu não tive que olhar para saber quem era.

— Oi — eu disse, atendendo a ligação.

— *Mike acabou de entregar os materiais que você pediu* — meu pai falou. — *Ele disse que o pai dela o ajudou a descarregar tudo, mas que insistiu em pagar.*

Eu parei de andar, sentindo a tensão se espalhar pelo meu corpo só de pensar em Mike recebendo dinheiro de Ed.

— *Mas Mike disse a ele que já estava tudo acertado* — meu pai acrescentou. — *Ele não ficou feliz, mas agradeceu antes de Mike ir embora.*

— Obrigado, pai. — Respirei fundo ao imaginar o pai dela fazendo exatamente aquilo. — Ele é orgulhoso e decidido. Morgan é igual a ele, então imagino que tenha sido difícil para Mike manter o controle da situação. Mas diga a ele que agradeço. — Parei ao lado do meu carro com a chave na mão. — E obrigado a você também, pai.

— *Eu gosto muito da Morgan* — ele disse. Ouvir o nome dela fazia meu coração acelerar. — *Ela é incrível, Xavier, e entendo por que está chateada. Também sei que ela tem convicção do que sente por você.*

— Ah, é?

— *Deu pra ver no olhar dela quando vocês dois estavam aqui. O jeito que ela te olha, a forma como sorri... Você vai conseguir resolver isso* — ele me garantiu —, *mas esteja preparado para comer o pão que o diabo amassou.* — Riu. — *As mulheres têm a capacidade de motivar um homem a fazer coisas que ele normalmente não faz.*

Eu achava difícil imaginar Morgan me obrigando a dar um duro danado para conseguir seu perdão, mas como eu poderia saber? Para começo de conversa, não foi fácil convencê-la a me namorar, então eu poderia estar redondamente enganado.

Eu estava uma pilha de nervos durante todo o trajeto até a casa dos pais de Morgan. Não fazia ideia do que esperar, porque até onde eu sabia, eles poderiam estar tão aborrecidos comigo quanto a filha deles. Marcus me tranquilizou dizendo que eles não guardavam mágoa, embora desejassem que as coisas tivessem sido diferentes. Eu precisava do consentimento deles para fazer o que planejei. Afinal, a casa era deles. Acrescentei mais algumas ideias ao plano inicial, mas acho que eles iam adorar.

Assim que virei a esquina e vi os carros já tão conhecidos estacionados na rua, em frente à casa dos Mathews, meu nervosismo aumentou. Tinha chegado a hora.

Reduzi a velocidade até parar, ainda um pouco perplexo. Eu sabia que Red, Isaac e Brent tinham concordado em ajudar, o que eu não esperava era encontrar todos os membros da fraternidade aqui. Eles já tinham começado a trabalhar na parte externa da casa, enquanto Edmond observava, coçando a cabeça.

Quando me ouviu fechar a porta do carro, ele se virou e veio até mim.

— Você fez tudo isso? — perguntou, e balancei a cabeça, hesitante. Não sabia se o que ele sentia era raiva ou gratidão. Eu esperava que fosse a segunda opção. — Não sei como vou pagar por... — Eu o interrompi na mesma hora.

— Você não precisa pagar nada.

Ele ergueu a mão mais uma vez e voltou a coçar a cabeça. Imaginei que fosse uma espécie de tique nervoso.

— Eu não sei lidar muito bem com esse tipo de coisa — ele disse. — Preciso arcar com algo do jeito que deve ser.

— Fui eu quem estragou tudo — admiti, ganhando sua atenção. Ele abaixou a mão, mas permaneceu calado, então eu continuei. — Fiz uma promessa ao Toby, e o fato de ter quebrado essa promessa e tê-lo decepcionado é imperdoável. Portanto, ter sua permissão para que eu corrija os meus erros será pagamento suficiente.

Ele me observava como se quisesse dizer algo mas não soubesse como. Então prossegui.

— Ela não quer falar comigo, e não posso julgá-la. Mas tenho que resolver as coisas com Toby. Ele merece saber a verdade, saber por que eu não apareci. — Olhei em direção à casa e observei Red e Isaac instalarem a nova tela que meu pai trouxe para a porta. — Marcus me contou o que Morgan disse a ele — falei, ainda sem

conseguir olhar para Ed. — Sei que mentir para o irmão não foi fácil para ela. Morgan é sempre muito verdadeira com ele, mesmo em situações difíceis. Saber que ela mentiu por minha causa piora ainda mais as coisas.

— Eu falei para ele que você viria hoje — Edmond disse. — Os olhos dele brilharam feito fogos de artifício no dia 4 de julho — ele riu, mas quando o encarei, vi que seus olhos estavam cheios de lágrimas. — Não há nada mais importante para um pai do que ver seus filhos felizes. — Hesitou, engolindo em seco. — Parece que você, Xavier, sabe fazer meus filhos felizes. Então, por mim, tudo bem. O resto se ajusta com o tempo.

Eu torcia para que ele estivesse certo. A filha dele era uma mulher teimosa.

Deixei os caras trabalhando do lado de fora. Eles sabiam o que precisava ser feito. Qualquer um que olhasse ao redor veria tudo o que necessitava de reparos urgentes. As persianas estavam tortas e algumas calhas estavam caindo. Minha mãe tinha pedido para o meu pai enviar uma variedade de flores e arbustos. Ela disse que todos deveriam ter um pouco de cor em suas vidas, e a família de Morgan merecia ver toda sua beleza interior refletida externamente. Ela era assim, poética, com um coração que sempre zelava pelos outros.

Entrei na casa e encontrei Kathy, Marcus e Toby reunidos na sala. Assim que entrei, todos se viraram para mim. Eu sequer tive chance de falar, porque Toby começou a rir e gritar. A felicidade em seu olhar por me ver passar pela porta era algo emocionante, mas então me lembrei o quanto eu o decepcionei.

— Ei, cara — eu falei, indo até o sofá para me aproximar dele. Eu sabia muito bem que estava sendo observado, mas não olhei para ninguém além de Toby. — Sinto muito por ontem à noite, amigo. Morgan disse a você que eu tive problemas com meu carro, mas a verdade é que fui egoísta e me esqueci.

Toby olhou para a mãe e depois para Marcus.

— Será que você pode me perdoar? — perguntei. — Você é um dos meus melhores amigos, cara, e eu sei que morreria de saudade se você não fizesse parte da minha vida.

Meu coração disparou, mas eu esperava, mais do que tudo nessa vida, ganhar o perdão dele e de sua mãe também. Mesmo sabendo que eles jamais admitiriam, eu tinha certeza de que Kathy e Edmond ficaram um pouco decepcionados comigo também.

Uma onda de alívio me atingiu quando Toby voltou a me olhar com um sorriso enorme no rosto.

— Ainda somos amigos?

Toby assentiu ao mesmo tempo em que disse um “Sim” que mais parecia “Xim”.

— Quero te pedir um favor — disse. — Tenho uma surpresa para você, mas para conseguir entregá-la, vou precisar que você fique aqui por um tempo e me deixe entrar no seu quarto. Você pode fazer isso?

Ele olhou para sua mãe de novo como se pedisse permissão.

— Você decide — ela respondeu, sorrindo. Ela já sabia quais eram os meus planos.

Ele voltou sua atenção para mim e assentiu rapidamente. Então, eu me levantei, animado para começar.

Meus amigos teriam munção para viverem anos me atentando se soubessem que eu passei horas no Pinterest por sugestão da minha mãe. Eu queria decorar o quarto de Toby como nenhum outro. Criar um quarto único das *Tartarugas Ninja* exigia muita criatividade.

— Por onde nós começamos? — Eu me virei e encontrei Marcus parado atrás de mim, perto da porta do quarto de Toby. — Eu estou aqui, então pode *me* usar. — Ele arqueou as sobrancelhas de um jeito bem sugestivo, me fazendo rir.

— Cuidado, porque você vai se arrepender por não ter se oferecido com tanta facilidade quando eu tiver finalizado por aqui. — Suas insinuações e comentários doidos não me incomodavam nem um pouco. Eu sabia que ele só me provocava porque gostava de mim como amigo. Essa era a forma que ele tinha de demonstrar que eu havia sido aprovado. E agora era a hora de tirar proveito disso.

Abri o caderno que eu segurava e lhe mostrei as coisas que tinha imprimido.

— Nós vamos fazer isso? — perguntou, chegando mais perto.

— Vamos dar o nosso melhor — respondi. — Faremos isso também.

— É um cenário de esgoto? — perguntou, admirado. — E essas coisas brilham no escuro?

— Sim, é por isso que preciso começar logo — falei, analisando o pequeno cômodo. — Não tem muita coisa aqui, mas acho que podemos abrir mais espaço. Dei uma lista com tudo o que precisava para Red e Isaac, e pelo visto, eles conseguiram o que pedi.

— Então, arregace as mangas, Homem Abacaxi. Vamos começar. — Ele me lançou um sorriso antes de piscar para mim, e só me restou balançar a cabeça.

Naquele momento, me dei conta de tudo o que conquistei nos últimos meses. Uma namorada linda e uma criança maravilhosa que me achava o máximo. Fui agraciado com duas pessoas incríveis que me lembravam muito os meus pais, e também fui presenteado com Marcus.

CAPÍTULO 33

Morgan

Não dava para acreditar no que eu estava vendo.

Passei um tempo dentro do carro enquanto olhava pela janela e imaginava se estava sonhando acordada. A casa que deixei nas primeiras horas da manhã tinha sido transformada de alguma forma. Não havia mais calhas caindo, e a porta com tela quebrada já não estava escorada contra a parede lateral da garagem. Não, tudo tinha sido consertado ou substituído.

Havia flores deslumbrantes, coloridas e vistosas. O sol estava começando a se pôr, mas ainda espreitava seu brilho em meio às árvores, iluminando a casa e fazendo com que tudo parecesse em destaque. Fazia muitos anos que eu não a via assim tão bonita.

O mais louco era que havia uns caras parados em frente à casa. Caras que eu conhecia. A última vez que os vi foi quando eu estava gritando com um de seus amigos enquanto todos me olhavam como se eu fosse explodir a qualquer momento.

Agora eles estavam rindo e conversando com meu pai e Marcus. Isaac, Red e os gêmeos agiam como se conhecessem minha família há muito tempo.

Saí do carro, atravessei o então aparado gramado e olhei perplexa à minha volta, tentando assimilar tudo aquilo.

— Ficou bacana, né? — Voltei meu olhar para Marcus, que sorria para mim. Todos me olhavam naquele momento.

— Como tudo isso aconteceu em um único dia? — Perguntei, ainda com a sensação de que eu acordaria a qualquer momento.

— Nós somos foda — um dos gêmeos disse, cheio de confiança. Eu não pude conter a risada que escapou de mim.

— Somos muito habilidosos — o outro acrescentou, me fazendo rir ainda mais.

Eu não sabia o que era mais engraçado, o meu estado de perplexidade, o fato de que eu estava extremamente cansada ou a ideia de que um bando de estudantes foi até a casa dos meus pais para

reparar anos de negligência. Só sabia que não conseguia controlar minha reação.

— Não somos bons apenas nisso — um dos gêmeos falou de novo. Sinceramente, eu precisava aprender logo quem era quem. — Nós decoramos a cadeira de Toby também, veja.

Eu me virei ao ouvir o ruído suave de uma buzina. Esperava ver Toby atrás de mim, mas encontrei minha mãe sentada na cadeira de rodas dele. Pelo menos era isso que eu imaginava que fosse.

— Não é uma maravilha? — ela disse com um sorriso enorme. O maior sorriso que já vi em seu rosto. Na verdade, eu não me lembrava de já ter visto um sorriso tão grande assim.

A cadeira não podia mais ser considerada algo simplório. Digamos que eles deram poderes dignos de tartarugas a ela. Havia até uma bandeira das *Tartarugas Ninja* para combinar, presa acima da cabeça da minha mãe. Os braços estavam cobertos por nada menos do que pelo sintético verde. Os pedais eram duas patas grandes de tartaruga e havia até uma placa com letras garrafais que dizia: Toby, o Menino Ninja.

Caí na gargalhada outra vez.

— Ficou incrível, aposto que ele amou.

— Ele quase gastou a bateria de tanto andar com ela pelo quintal — meu pai disse.

Dava para sentir a calma ao meu redor. O peso provocado por anos de estresse e tensão foi removido dos ombros do meu pai num único dia. Era impressionante.

— Onde está Toby? — perguntei, louca para ver a felicidade em seu rosto por ter ganhado aquele presente.

— Está dormindo — minha mãe respondeu, saindo cuidadosamente da cadeira. Uma pontada de tristeza me atingiu. — Mas ainda não acabou — disse, gesticulando em direção à casa.

Eu a segui, imaginando o que mais poderia haver.

— Não faça barulho — ela falou em voz baixa, passando pelo corredor que levava ao quarto de Toby. pude ver uma iluminação esverdeada quando chegamos mais perto, algo que eu sabia ser novidade. Imaginei que as lâmpadas tivessem sido substituídas por modelos verdes ou algo do tipo. Mas nunca imaginei me deparar com o que encontrei ao entrar.

Percorri o quarto com o olhar, usando o batente da porta como apoio quando minhas pernas fraquejaram. Uma parede foi transformada para parecer um muro de tijolos. No meio dela, havia um buraco enorme em 3D. Um buraco de onde parecia pingar água.

— É a entrada para o esgoto das *Tartarugas Ninja* — minha mãe sussurrou.

Ela tinha razão, era isso mesmo. Era a coisa mais legal que eu

já tinha visto.

A TV de tela plana de Toby foi colocada na parede e o suporte antigo de televisão foi removido. Em seu lugar, havia uma escrivaninha com prateleiras nos dois lados. A mesa tinha a altura perfeita para acomodar a cadeira dele. Lanternas verdes foram penduradas pelo quarto, e eu me aproximei, tentando descobrir do que elas eram feitas.

— São luminárias. Xavier e Marcus as perduraram, mas em vez de manterem os globos em suas cores naturais, eles os pintaram com tinta verde. Elas brilham no escuro quando as luzes estão apagadas. — Assim que ela mencionou Xavier, eu comecei a explorar o quarto à minha volta até fixar o olhar sobre a cama. Ela também tinha sido trocada e decorada com um edredom das *Tartarugas Ninja* para combinar com o cômodo. Mas foi o corpo deitado, todo encolhido, ao lado do meu irmão que chamou minha atenção.

Xavier parecia enorme naquela cama. Sua silhueta e costas largas faziam com que Toby parecesse minúsculo. A cena me deixou sem fôlego.

— Ele fez tudo isso, não fez? — falei, sem desviar o olhar.

— Sim — ela disse, confirmando o que meu coração já sabia.

— Ele e os amigos chegaram aqui logo depois do almoço.

O silêncio se instalou entre nós, me dando alguns segundos para recobrar o controle das minhas emoções.

— Eu sei que você está chateada com ele — minha mãe voltou a falar. — Ontem foi um dia difícil, mas ele fez tudo isso não por obrigação, mas porque quis. Não é todo mundo que vai aos extremos para reparar um erro tão bobo.

Houve mais um momento de silêncio, então ela continuou:

— Sei que Toby é o seu ponto fraco, porque ele também é o meu, mas você acha que está sofrendo mais porque Xavier te decepcionou? Porque você esperava mais dele?

— Eu esperava mais — respondi, sem hesitar.

— Às vezes, ser magoada por aqueles que amamos dói muito mais do que ser decepcionada por quem mal conhecemos. — Suas palavras me fizeram perceber o que estava acontecendo.

— Eu o amo — falei para ela, sentindo um aperto no peito.

— Eu sei disso — ela me garantiu. — Mas será que ele sabe?

Balancei a cabeça, parada no mesmo lugar, com o corpo apoiado contra o batente da porta.

— Ele deveria saber — minha mãe respondeu. Ela se inclinou e me deu um abraço de lado antes de sair do quarto.

Eu sabia que ela tinha razão.

Me afastei com cuidado da porta e fui em direção à cama, me ajoelhando ao lado de Xavier. Por um momento, eu só o observei

enquanto dormia. Ele respirou fundo, mas logo liberou um suspiro suave e relaxado. Isso me fez repensar se eu deveria interrompê-lo, mesmo sabendo que era necessário.

Levantei a mão e deslizei a ponta do dedo sobre sua mandíbula bem devagar. Ele começou a se mexer. Depois que encontrou uma nova posição e voltou a respirar tranquilamente, eu decidi ir além. Me inclinei e pressionei meus lábios sobre os dele, beijando-o com delicadeza. Quando comecei a me afastar, sua mão segurou minha nuca, e ele me beijou outra vez.

Me rendi, permitindo que ele controlasse o beijo. Nossas bocas se moviam como se fizessem isso há anos.

— Eu te amo — suas palavras atingiram meus lábios, que começaram a tremer. — Desculpe por ter decepcionado você. Nunca foi minha intenção, mas posso garantir que eu nunca mais vou fazer isso. Você é muito importante para mim. — Deitei a cabeça sobre seu peito e enterrei o rosto em seu pescoço para tentar me acalmar. Eu estava quase chorando.

— Obrigada — eu falei, sentindo minha garganta queimar. — Por tudo.

Ele acariciou minhas costas suavemente, enquanto eu mantinha o rosto aninhado em seu pescoço. Seu peito subia e descia sob minha bochecha em meio a sua respiração profunda, algo que me acalmava.

— Você tinha que ter visto a cara dele quando entrou aqui depois que Marcus e eu terminamos — Xavier sussurrou. Ergui a cabeça e apoiei o queixo em seu peito para conseguir olhá-lo. O brilho das luminárias no teto iluminava completamente seu rosto. — Agora eu entendo — ele confessou, engolindo em seco. — Eu já entendia antes, mas hoje eu senti na pele. A alegria em vê-lo feliz. — Ele levantou a mão e a colocou sobre seu coração. — Eu senti... senti aquela emoção forte e incontrolável ao ver a felicidade dele. Foi uma sensação incrível.

Fechei os olhos, pensando em como Toby ficava quando estava feliz. Boquiaberto e com os olhos arregalados. Seus braços se moviam para cima e para baixo como se ele tentasse voar, e sempre havia aquele gritinho estridente de prazer. Embora muitos achassem demais, eu considerava aquele gritinho o melhor som do mundo. Ele era a prova de sua comoção, significava que o cantinho mais profundo de seu ser tinha sido encontrado e que um entusiasmo incontrolável tinha tomado conta dele.

Meu coração parecia prestes a sair pela boca de tanta emoção.

— Eu te amo por ter feito isso por ele — disse ao abrir os olhos. Me deparei com seu olhar fixo em mim e sua expressão extasiada. — Por ser o homem que você é e por amar minha família

tanto quanto eu.

Antes que ele pudesse responder, eu me inclinei de novo e o beijei.

Nenhum agradecimento jamais chegaria aos pés do que ele havia feito. Não só por Toby, mas pelos meus pais também. Não havia absolutamente nenhuma maneira de explicar o que seus gestos significavam para mim.

EPÍLOGO

Xavier

Duas semanas depois...

Tentei ficar sério, mas os idiotas que dividiam a mesa comigo não estavam colaborando.

Cá estava eu, sentado numa mesa da Porter's Pizza com Isaac, Red e Corbin. Fomos conduzidos à mesa por uma garota que Red não conseguia parar de olhar. Ela era toda franzina, por isso era difícil imaginar os dois juntos. Acho que a coxa dele era maior que a cintura dela inteira. Ela era reservada, talvez um pouco tímida, e abaixava a cabeça toda vez que um desses idiotas faziam algum tipo de comentário grosseiro.

Os comentários não eram necessariamente dirigidos a ela, mas no geral, eles não tinham filtro. Red costumava ser assim, mas hoje ele estava mudo. Vê-lo desse jeito era como ver a porra de um unicórnio: muito raro.

— Está tudo bem, Red? — perguntei, mas ele só assentiu.

Ele tinha deixado o cabelo crescer nos últimos meses. Não era mais aquele cabelo afro rebelde e espesso, agora, ele cobria suas orelhas. Normalmente, ele o penteava para trás e fazia um rabo de cavalo estranho pra cacete. Eu também tinha percebido que estava menos ruivo, um tom mais acastanhado se espalhava por toda parte. Às vezes, eu ficava com vontade de perguntar se ele estava tingindo os fios, mas acabava deixando isso pra lá.

O cara era um monstro, alto e corpulento. Ele parecia estar muito intrigado com a garota, que não conseguia olhar para ele. O rosto dela ficou vermelho enquanto anotava nossas bebidas. Quando chegou a vez de Red, ela levantou a mão e prendeu uma mecha de cabelo atrás da orelha, olhando-o com atenção e sorrindo educadamente.

— O que você gostaria de beber? — sua voz vacilou.

— Por que está tão nervosa? — ele perguntou, e todas as pessoas em volta da mesa pararam de conversar para ouvir a resposta

dela. Na verdade, acho que queriam ver Red flertando, afinal, o cara era um mistério. Ele não gostava de expor sua vida pessoal para nós.

— Hoje é o meu primeiro dia — ela explicou ao olhar para trás. Cada um de nós seguiu seu olhar, e eu percebi que Pete estava parado perto da entrada da cozinha, nos observando atentamente.

Ergui a mão e acenei, mas ele apenas assentiu. O cara ainda mantinha distância de mim, o que era bem estranho. Não era como se eu tivesse ameaçado meter a porrada nele ou revidar por ele gostar da minha namorada. Eu só me certifiquei de que ele entendesse que ela e eu estávamos juntos.

A meu ver, fiz isso de um jeito bem amistoso.

Quanto a Morgan, eu achava que ela discordava.

— Na minha opinião, você está indo muito bem — Red a tranquilizou. — O fato de você ser linda é uma grande vantagem.

O rosto dela ficou mais vermelho ainda, e Isaac, que estava sentado ao lado de Red, olhou para os dois de queixo caído. Era cômico vê-lo virar a cabeça de um lado para o outro só para observar Red e a garota.

— Obrigada — ela sussurrou. — Você vai querer pedir alguma coisa para beber? — perguntou de novo, abaixando a cabeça numa tentativa de esconder o rubor em seu rosto, acredito eu.

— Vocês estão importunando a nova funcionária? — Olhei para o lado no momento em que Morgan se aproximou da mesa. Ela chegou perto de mim, e eu envolvi sua cintura com o braço.

— Claro que não — lhe garanti. — Mas Red parece estar apaixonado.

— Vou querer uma Coca — Red disse depressa, e a garota se afastou rapidamente sem dizer mais nada. — Otário — murmurou ao se recostar no assento, ainda observando a menina.

— Ela é inocente demais para vocês — Morgan falou com um sorriso afetado. — Ficaria desnorteada depois de cinco segundos. A coitada teria um colapso.

— Eu cuidaria dela — Red falou, mas não sei se ele queria que ouvíssemos. Morgan lançou um olhar curioso para ele. Ela sacudiu a cabeça como se tentasse esvaziar a mente.

— Então, estão com fome? — ela perguntou. Eu deslizei a mão um pouco mais para baixo, apertando sua bunda.

— Estou faminto — respondi assim que ela me olhou, arqueando a sobrancelha.

— Perverso — ela retrucou, embora seu olhar revelasse o quanto ela curti meu comportamento descarado.

Desde a noite em que ela me viu dormindo ao lado de Toby, em seu quarto recém-decorado, as coisas mudaram entre nós. O senso de novidade em nosso relacionamento ainda existia, mas agora havia

esse ar desinibido quando estávamos juntos. Era uma mistura de entusiasmo com uma paixão inegável. Algo que eu nunca senti na vida.

Eu amava esta mulher mais do já pensei ser capaz de amar alguém. Ela era perfeita, era a pessoa certa para mim. A ideia de viver uma vida sem ela era algo que eu nunca suportaria.

Na semana passada, depois de Edmond e Kathy insistirem em agradecer meus pais, nós fomos para Kissimmee juntos. Passamos o dia inteiro cozinhando e tomando banho de piscina. Mais uma etapa importantíssima no meu relacionamento com Morgan.

Morgan anotou nossos pedidos e se encaminhou para a cozinha, e mais uma vez, eu notei Pete rondando o local. Ele não veio até nós em nenhum momento, mas continuava nos olhando de vez em quando.

— Já volto — avisei aos caras, mas eles nem notaram quando eu saí da cabine.

Meus amigos continuaram enchendo o saco uns dos outros enquanto suas vozes ecoavam pela pizzaria.

— E aí, Pete — eu falei, parando ao lado dele.

Ele assumiu uma postura rígida e confiante quando se virou para mim.

— Oi — respondeu, olhando atrás de mim. — Está tudo bem?

Por que ele aparentava estar tão nervoso?

— Está tudo ótimo, na verdade — eu lhe garanti, torcendo para conseguir amenizar a tensão que emanava do cara. — Eu só queria te agradecer por ser tão bacana com a Morgan. — Seus olhos se arregalaram de espanto. — Ela ama trabalhar aqui, e o último chefe dela não era o melhor tipo de pessoa. Pelo que ela me conta, você a trata com respeito, e ela também te respeita. Isso coloca você bem no topo da minha lista.

Ele assentiu e disse um simples “obrigado”. Ainda assim, eu tinha a impressão de que ele me via como um adversário.

— Está tudo bem por aqui? — Morgan estava parada ao meu lado com um olhar de preocupação no rosto.

— Está tudo ótimo — falei, voltando minha atenção para Pete. — Eu estava dizendo ao Pete que o acho um cara bacana. — Estendi a mão em sua direção, e ele estendeu a dele de um jeito hesitante, apertando a minha com firmeza.

Fui simpático e me esforcei para ficar em paz com ele; a decisão cabia a ele agora. Mas Pete precisava se acostumar com minha presença, porque eu não me afastaria. Morgan era minha namorada e sempre seria. Isso não mudaria.



Morgan

— Ei, Marc — Xavier disse ao se recostar na cadeira da cozinha, seus braços esticados enquanto deslizava a mão sobre a superfície da mesa. Um sorrisinho convencido estampado no rosto. — Onde você comprou esta mesa?

Franzi a testa, sabendo exatamente qual era sua intenção.

— Por quê? — ele perguntou, me lançando um olhar antes de encarar Xavier.

— Porque eu tenho uma conexão muito forte com ela — Xavier respondeu, seu sorriso ficando ainda maior. — É um interesse inexplicável, difícil de entender.

Àquela altura, meus olhos deviam estar do tamanho de um pires. Me escondi atrás de Marcus, balançando a cabeça para Xavier. Ele precisava parar agora. A última coisa que eu queria era que Marcus soubesse o que fizemos naquela mesa. Mas meu olhar maligno não foi suficiente para detê-lo.

— Você gosta da minha mesa? — Marcus perguntou, nada convencido. Na verdade, o ceticismo em sua voz superava qualquer reação.

— Sim. — Xavier passou a palma da mão sobre o topo da mesa outra vez. — Ela é resistente, firme — ele a agarrou e a sacudiu um pouco —, aguentaria muito bem o peso de duas pessoas.

Cerrei os punhos e sacudi os braços, tentando demonstrar minha irritação que só aumentava.

Marcus se virou tão rápido que eu não tive tempo de escondê-los, porque ainda tentava impedir Xavier de continuar com as provocações. Fui pega em flagrante por seu olhar confuso. Tentei disfarçar, fingindo espantar um inseto, mas fracassei. Fui surpreendida quando a ficha de Marcus caiu.

Um olhar que eu só poderia descrever como horrorizado tomou conta de sua expressão.

— Não — ele disse, chocado. Deu meia-volta e olhou para Xavier, batendo com o pé no chão. — Não acredito — acrescentou.

Comecei a suar frio.

Por quê?

Por que Xavier tinha que entrar nesse assunto?

— Pode acreditar — Xavier respondeu, e eu abaixei a cabeça imediatamente para esconder o rubor que cobria meu rosto e meu pescoço.

Marcus olhou tanto para Xavier quanto para mim, que o espiava em meio aos fios de cabelo que tampavam o meu rosto. Ele torceu o nariz ao olhar para a mesa.

— Eu também adorava esta mesa — falou com tristeza. — Até

vocês decidirem fornicar em cima dela.

Contraí os lábios e fiz o que pude para não rir da reação de Marcus.

Ele saiu da cozinha com cara de quem tinha acabado de saber que os serviços das pedicures foram considerados ilegais e não seriam mais oferecidos ao público. Xavier, é claro, estava rindo. Eu peguei o pão de forma atrás de mim e o atirei em sua cabeça. Ele bateu na testa dele e caiu sobre a mesa.

O sem-vergonha me olhou com um brilho nos olhos.

— O almoço está servido — ele disse, batendo no topo da mesa. — Suba aqui, amor. Estou com fome.

Que vontade de esganar este homem arrogante, lindo e sedutor, pensei ao sair da cozinha, indo atrás do meu amigo para aplacar seu coração partido.

Fim



Não esqueça de avaliar este livro!

AGRADECIMENTOS

CHARMED GIRLS, vocês são incríveis. O apoio constante que recebo de vocês é algo que eu jamais serei capaz de explicar, tamanha sua importância. Obrigada por divulgarem meu trabalho e por se manterem fiéis a si mesmas. Vocês são as melhores.

Sara Eirew, obrigada por mais uma fotografia maravilhosa. Imagens tão lindas que você usa para nos atizar e que são irresistíveis. Muito obrigada.

Obrigada, Lydia, por ser uma amiga verdadeira e motivadora que sempre me faz sorrir. Nós formamos uma equipe incrível, e sua amizade é muito importante para mim. Obrigada por ser uma das minhas maiores fãs.

Equipe Beta, eu sei quem são vocês. Muito obrigada por embarcar nessa jornada comigo. Sua opinião e incentivo ao longo de todo o processo agregaram muito valor à história. Sem vocês, nada disso seria possível.

Ao meu marido e aos meus filhos, obrigada por serem a melhor parte dos meus dias. Por me tolerarem quando eu me perco no mundo da ficção e entenderem que, às vezes, o jantar vai demorar a ficar pronto. Jayden e Tayler, vocês sempre serão minhas melhores criações, não importa quantos livros eu escreva.

Aos meus leitores, eu me sinto sempre muito honrada por seu apoio. Amo receber aquelas mensagens aleatórias — algumas curtas, outras mais extensas — que vocês me enviam depois que leem meus livros. A meu ver, saber o que vocês pensam é uma das melhores coisas quando se publica um livro. Eu nunca estarei ocupada demais para ouvi-los.

SOBRE A AUTORA

C.A. Harms é uma ávida leitora de romance e mistério. Ela sempre gostou de livros, perdendo-se na escrita e na narração de histórias desde muito jovem. Ela gosta de finais felizes e histórias de amor.

A autora mora em Illinois e gosta de passar tempo com o marido e os filhos. Ela é viciada em *mocha* de chocolate branco da Starbucks e KitKat, quando na verdade deveria se concentrar em água e talvez em uma ou duas frutas para se sentir menos culpada, mas esse sentimento passa rapidamente... felizmente.

C.A. Harms é tranquila, divertida e, embora possa parecer uma das mais quietas no começo, é só esperar até que ela te conheça melhor... essa tranquilidade muda, e rápido.

REDES SOCIAIS

www.instagram.com/authorcaharms

www.facebook.com/AuthorCAHarms

www.twitter.com/charms0914



GRUPO EDITORIAL

Five

<https://www.grupoeditorialfive.com>

<https://www.instagram.com/editorafive>

<https://twitter.com/EditoraFive>

<https://tiktok.com/@editorafive>

Table of contents

1. [Início](#)
2. [Prólogo](#)
3. [Capítulo 1](#)
4. [Capítulo 2](#)
5. [Capítulo 3](#)
6. [Capítulo 4](#)
7. [Capítulo 5](#)
8. [Capítulo 6](#)
9. [Capítulo 7](#)
10. [Capítulo 8](#)
11. [Capítulo 9](#)
12. [Capítulo 10](#)
13. [Capítulo 11](#)
14. [Capítulo 12](#)
15. [Capítulo 13](#)
16. [Capítulo 14](#)
17. [Capítulo 15](#)
18. [Capítulo 16](#)
19. [Capítulo 17](#)
20. [Capítulo 18](#)
21. [Capítulo 19](#)
22. [Capítulo 20](#)
23. [Capítulo 21](#)
24. [Capítulo 22](#)
25. [Capítulo 23](#)
26. [Capítulo 24](#)
27. [Capítulo 25](#)
28. [Capítulo 26](#)
29. [Capítulo 27](#)
30. [Capítulo 28](#)
31. [Capítulo 29](#)
32. [Capítulo 30](#)
33. [Capítulo 31](#)
34. [Capítulo 32](#)
35. [Capítulo 33](#)
36. [Epílogo](#)
37. [Agradecimentos](#)
38. [Sobre a autora](#)
39. [Sobre a Five](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Beginning](#)
3. [Sumário](#)

1. [1](#)
2. [2](#)
3. [3](#)
4. [4](#)
5. [5](#)
6. [6](#)
7. [7](#)
8. [8](#)
9. [9](#)
10. [10](#)
11. [11](#)
12. [12](#)
13. [13](#)
14. [14](#)
15. [15](#)
16. [16](#)
17. [17](#)
18. [18](#)
19. [19](#)
20. [20](#)
21. [21](#)
22. [22](#)
23. [23](#)
24. [24](#)
25. [25](#)
26. [26](#)
27. [27](#)
28. [28](#)
29. [29](#)
30. [30](#)
31. [31](#)
32. [32](#)
33. [33](#)
34. [34](#)
35. [35](#)
36. [36](#)
37. [37](#)

38. [38](#)
39. [39](#)
40. [40](#)
41. [41](#)
42. [42](#)
43. [43](#)
44. [44](#)
45. [45](#)
46. [46](#)
47. [47](#)
48. [48](#)
49. [49](#)
50. [50](#)
51. [51](#)
52. [52](#)
53. [53](#)
54. [54](#)
55. [55](#)
56. [56](#)
57. [57](#)
58. [58](#)
59. [59](#)
60. [60](#)
61. [61](#)
62. [62](#)
63. [63](#)
64. [64](#)
65. [65](#)
66. [66](#)
67. [67](#)
68. [68](#)
69. [69](#)
70. [70](#)
71. [71](#)
72. [72](#)
73. [73](#)
74. [74](#)
75. [75](#)
76. [76](#)
77. [77](#)
78. [78](#)
79. [79](#)
80. [80](#)
81. [81](#)

82. [82](#)
83. [83](#)
84. [84](#)
85. [85](#)
86. [86](#)
87. [87](#)
88. [88](#)
89. [89](#)
90. [90](#)
91. [91](#)
92. [92](#)
93. [93](#)
94. [94](#)
95. [95](#)
96. [96](#)
97. [97](#)
98. [98](#)
99. [99](#)
100. [100](#)
101. [101](#)
102. [102](#)
103. [103](#)
104. [104](#)
105. [105](#)
106. [106](#)
107. [107](#)
108. [108](#)
109. [109](#)
110. [110](#)
111. [111](#)
112. [112](#)
113. [113](#)
114. [114](#)
115. [115](#)
116. [116](#)
117. [117](#)
118. [118](#)
119. [119](#)
120. [120](#)
121. [121](#)
122. [122](#)
123. [123](#)
124. [124](#)
125. [125](#)

126. [126](#)
127. [127](#)
128. [128](#)
129. [129](#)
130. [130](#)
131. [131](#)
132. [132](#)
133. [133](#)
134. [134](#)
135. [135](#)
136. [136](#)
137. [137](#)
138. [138](#)
139. [139](#)
140. [140](#)
141. [141](#)
142. [142](#)
143. [143](#)
144. [144](#)
145. [145](#)
146. [146](#)
147. [147](#)
148. [148](#)
149. [149](#)
150. [150](#)
151. [151](#)
152. [152](#)
153. [153](#)
154. [154](#)
155. [155](#)
156. [156](#)
157. [157](#)
158. [158](#)
159. [159](#)
160. [160](#)
161. [161](#)
162. [162](#)
163. [163](#)
164. [164](#)
165. [165](#)
166. [166](#)
167. [167](#)
168. [168](#)
169. [169](#)

170. [170](#)
171. [171](#)
172. [172](#)
173. [173](#)
174. [174](#)
175. [175](#)
176. [176](#)
177. [177](#)
178. [178](#)
179. [179](#)
180. [180](#)
181. [181](#)
182. [182](#)
183. [183](#)
184. [184](#)
185. [185](#)
186. [186](#)
187. [187](#)
188. [188](#)
189. [189](#)
190. [190](#)
191. [191](#)
192. [192](#)
193. [193](#)
194. [194](#)
195. [195](#)
196. [196](#)
197. [197](#)
198. [198](#)
199. [199](#)
200. [200](#)
201. [201](#)
202. [202](#)
203. [203](#)
204. [204](#)
205. [205](#)
206. [206](#)
207. [207](#)
208. [208](#)
209. [209](#)
210. [210](#)
211. [211](#)
212. [212](#)
213. [213](#)

214. [214](#)
215. [215](#)
216. [216](#)
217. [217](#)
218. [218](#)
219. [219](#)
220. [220](#)
221. [221](#)
222. [222](#)
223. [223](#)
224. [224](#)
225. [225](#)
226. [226](#)
227. [227](#)
228. [228](#)
229. [229](#)
230. [230](#)
231. [231](#)
232. [232](#)
233. [233](#)
234. [234](#)
235. [235](#)
236. [236](#)
237. [237](#)
238. [238](#)
239. [239](#)